

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

LYNSAY SANDS

*"Lynsay Sands writes books
that keep readers
coming back for more."
Katie MacAlister*

*The
Accidental Vampire*

AN ARGENEAU NOVEL



Vampira Por Acaso

Livro 7 da Série Argenaut

The Accidental Vampire

Lynsay Sands

Procura-se um vampiro...

Desde que um acidente transforma Elvi Black em vampira, ela tem de passar a dormir em um caixão, fugir do sol e desistir de uma vez de comer qualquer alimento temperado com alho. Elvi sabe que há mais mistérios envolvidos na vida de um vampiro do que ela leu em Drácula, mas ela não tem a quem recorrer para pedir orientação! No entanto, quando seus vizinhos publicam no jornal um anúncio de "Procura-se um Vampiro", Elvi nunca imaginou que conheceria Victor Argeneau, um vampiro que poderia escolher a mulher que quisesse... morta ou viva..

Rico, bonito, charmoso e experiente, Victor é o homem perfeito para uma principiante como Elvi. Ele está disposto a ensinar a Elvi tudo o que sabe, mas precisa fazer isso logo, pois há alguém empenhado em fazer companhia para sempre àquela linda vampira, e Victor é o único que pode mantê-la em segurança... e feliz... por toda a eternidade!



Querida leitora,

Depois de perder o marido, Elvi e sua melhor amiga, Mabel, decidem viajar para o México, com a intenção de se distrair e se divertir. Porém, o inesperado pegou Elvi por acaso, transformando-a em uma vampira. Os amigos da pequena cidade, preocupados por estarem envelhecendo, resolveram colocar os dados de Elvi nos classificados de um jornal de circulação estadual, à procura de um vampiro. Sem saber de nada, Elvi se vê às voltas com quatro pretendentes perfeitos, lindos e imortais como ela. A disputa, os contratempos, o ligeiro suspense e uma dose de humor fazem deste romance um livro surpreendente e delicioso de se ler!

Leonice Pompônio Editora

Copyright ©2008 by Lynsay Sands

Originalmente publicado em 2008 pela HarperCollins

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARPERCOLLINS PUBLISHERS

NY,NY — USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: THE ACCIDENTAL VAMPIRE

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL

Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Silvia Moreira

ARTE

Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL

Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

PAGINAÇÃO

Ana Beatriz Pádua

© 2010 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Texas, 111 - sala 20 - Jd. Rancho Alegre - Santana do Parnaíba

CEP 06515-200 — São Paulo — SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica

Capítulo I

Foi o som de um grito aterrorizante que acordou Elvi e a fez se mexer, ainda sonolenta. Ao tentar se levantar, ela bateu com a cabeça na tampa de madeira do ataúde. Teve vontade de rolar de dor, com as mãos na cabeça, mas o espaço restrito em que estava a impediu. Um segundo grito a fez decidir se levantar. Empurrou a tampa do caixão com força. Muito sem jeito, apoiou-se nas laterais do caixão para sair. Um esforço tremendo para ser a primeira tarefa matinal, sem antes ter se alimentado com a primeira embalagem de sangue.

Colocou o pé, no piso de madeira e correu para fora do quarto, blasfemando, sem se importar em vestir um robe por cima da camisola de algodão. Outro grito estridente fez com que abrisse em um rompante a porta do quarto próximo, nem ligando para o provável buraco causado na parede.

Mabel estava em pé na cama, encostada na parede. Os desgrehados cabelos grisalhos e os olhos arregalados demonstravam que a amiga estava em pânico. Empunhando uma vassoura, ela lutava arduamente contra um morcego que voava impunemente pelo aposento. A cada vassourada, ela soltava um grito estridente. O animal parecia desafiá-la de propósito, dando vôos rasantes e fugindo das vassouradas. Em uma dessas escapadas foi parar no banheiro. Elvi correu e fechou a porta, prendo-o em uma armadilha.

— Oh, graças a Deus! Obrigada — Mabel agradeceu, deixando-se cair agarrada à vassoura.

— Você abriu as janelas ontem à noite — ralhou Elvi com as mãos na cintura.

— Claro que abri. Estava morrendo de calor.

— Sei disso, mas moro aqui também, você esqueceu?

— Suas janelas têm telas, pelo menos as do quarto.

— Durmo em um ataúde sem abertura nenhuma — lembrou Elvi em tom áspero. — Por isso, sei melhor do que você o que é passar calor. Já deveria saber que não pode abrir a janela enquanto as telas não forem recolocadas.

— Morrerei assada até lá — observou Mabel, impaciente. — Imagino que a demora seja por conta das medidas diferenciadas das janelas.

— Bem-vinda à realidade das casas vitorianas! Não é fantástico? — indagou Elvi, contendo o riso do alvoroço da outra.

— Aonde está indo? O que eu faço com um morcego dentro do meu banheiro? — indagou Mabel, levantando-se e correndo em direção a Elvi com extrema agilidade para uma senhora miúda de sessenta e dois anos.

— Ora, o que quer que eu faça?

— Não vai ao menos tomar alguma providência para tirá-lo de lá?

— Por acaso levo jeito de caça-morcegos? Chame a Sociedade Protetora dos Animais.

— Duvido que estejam acordados a uma hora desta.

— Então ligue para os bombeiros — disse Elvi por cima dos ombros.

— Isso vai levar horas. Será que você não poderia dar um jeito? Suponho que deve ter alguma afinidade com esse animal.

Elvi parou no meio do caminho, virou-se e encarou a amiga.

— Por acaso acha que tenho alguma semelhança com um rato voador?

— Claro que não. Apenas supus que, por ser uma vampira, teria alguma familiaridade... Deve haver uma empatia, ou algo do gênero. Quem sabe você consegue conversar com eles?

— Certo. Se todos pensassem assim, deveria ser normal conversar com macacos. Vou tentar manter contato na próxima vez que visitar o zoológico — retrucou Elvi, antes de repetir: — Chame a Sociedade Protetora dos Animais. Assim dizendo, seguiu de volta para seu quarto.

— E como vou tomar banho com aquela coisa lá dentro? — gritou Mabel em uma última tentativa de sensibilização.

— Existem seis banheiros nesta casa. Use qualquer outro.

— Mas...

Elvi fechou a porta do quarto e ia voltar para o ataúde quando passou os olhos pelo relógio sobre a cômoda. Indignada com o horário, voltou a abrir a porta e gritou:

— São nove horas da manhã!

— E daí? — contrapôs Mabel.

— Por que não me acordou às oito horas como eu havia pedido?

— Sei que você não tem dormido bem e está exausta. Assim decidi deixá-la descansar um pouco mais. Pode não parecer, mas eu me preocupo com o bem-estar dos outros, diferente de certas pessoas que nem sequer tentam conversar com um morcego para ajudar uma amiga.

Elvi não ligou para o discurso melodramático e continuou com as mãos na cintura, brava.

— Mabel, hoje é aniversário de Owen. Preciso assar o bolo e cuidar da decoração da casa.

Depois de um longo suspiro, Mabel continuou com a postura de mártir.

— Já cuidei de tudo. E agora que ia tomar um banho como recompensa, fui brutalmente impedida. Não precisa pressa em fazer o bolo. A festa não começará sem a sua presença.

Quando Elvi continuou em silêncio, sem dar o braço a torcer, Mabel desistiu.

— Está bem. Vá tomar o seu banho. Já que não posso fazer o mesmo, vou me trocar e ajudá-la a se vestir.

— Chame os bombeiros! — exclamou Elvi, recusando a culpa que a amiga tentava lhe impor ao bater a porta com força.

— Não posso acreditar que um imortal tivesse colocado um anúncio nos classificados no jornal de maior circulação de Toronto.

Victor lançou um olhar impaciente para D.J. Se o rapaz não estivesse dirigindo a BMW em que viajavam, ele o amarraria no banco traseiro para mantê-lo em silêncio. Como não podia fazer nada, limitou-se a murmurar em resposta:

— Acredito que faz umas duas horas que você está repetindo a mesma coisa. Já entendi o que quer dizer. Mude de assunto, por favor.

— Lamento. — D.J. Benoit meneou a cabeça, balançando os cabelos loiros, repetindo: — Mas não é algo inacreditável?

Victor revirou os olhos e virou-se para observar a paisagem pela janela do carro. Estavam terminando uma viagem de duas horas e meia, sem se preocupar com o excesso de velocidade, muito menos com as prováveis multas.

O tempo ainda aprisionava D.J. em sua juventude, tornando-o impaciente por terminar logo a viagem. Com mais anos de experiência, o rapaz entenderia que não era preciso ter pressa para nada. O tempo não era adversário de ninguém.

— E o pior é que foi nos classificados pessoais — comentou D.J., chamando a atenção de Victor. — Ela tratou vampiros como se fossem bicicletas ou algo parecido que o dinheiro pode comprar. O que será que ela pretendia de fato?

— O óbvio, talvez, um parceiro para o resto da vida — Victor comentou.

— Mas não é assim que se procura uma companheira. Você acha certo?

— Não posso julgar, ainda.

— Por certo ela deve saber que suscitou a ira do Conselho. Anunciar-se em um jornal é uma falta grave. Não devemos chamar a atenção para a nossa espécie.

— Espero que os mortais que viram o anúncio achem que se trata de uma brincadeira, ou uma matéria paga por algum louco.

D.J. assentiu com um movimento de cabeça antes de continuar:

— Quem sabe ela não é maluca? Só pode ser — concluiu D.J., balançando a cabeça com firmeza. — Nenhum dos nossos cometeria tamanha estupidez.

Victor se conteve em dizer que ao menos a tal mulher havia capturado a atenção de D.J. o suficiente para fazê-lo tagarelar a respeito durante a viagem inteira. Ele próprio ainda não tinha formado nenhuma opinião. Queria aguardar para conhecê-la para então decidir o que fazer.

— O que você acha?

— Sobre o quê?

— Será que ela é normal? — D.J. indagou, ainda tentando extrair a opinião de Victor.

— Como posso saber? Não a conheço. Foi você que respondeu ao anúncio e tem escrito cartas a ela nas últimas três semanas.

— Foram e-mails — corrigiu D.J. — Preciso dar um jeito para trazê-lo para o século vinte e um, Victor. Se você tivesse um computador poderia ter se correspondido com ela e não me colocar na história.

— É justamente por essa razão que não pretendo entrar para o mundo *online* — anunciou Victor, resolutivo. — Voltando ao assunto, você deveria saber mais a respeito dessa mulher para poder me contar. Qual é a sua opinião? Estamos em um voo cego? Será que encontraremos uma mocinha gótica, fazendo-se passar por vampira?

D.J. franziu a testa, pensativo.

— Não sei. Trocamos uma meia dúzia de e-mails, mas ela sempre foi irritantemente evasiva. Para ser sincero, recebi muito mais perguntas do que respostas. Ela queria se certificar de que você era quem realmente dizia ser.

— Sobre você — corrigiu Victor. — Eu nem li os e-mails.

— Nada disso, eu estava respondendo em seu nome. Usei o seu e-mail e respondi o que você responderia.

— O quê? Eu nem sequer tenho e-mail...

— Claro que tem, eu criei... umargeneaucaliente@hotmail.com — D.J. informou, e antes que o outro pudesse contestar, apressou-se em completar: — Foi você que pediu para responder ao anúncio e descobrir mais a respeito dessa mulher misteriosa. Você demonstrou interesse antes de mim.

— Posso saber como chegou a essa brilhante conclusão? — indagou Victor, divertindo-se.

— Você é rico e irmão do mais poderoso imortal deste continente, além de pertencer a uma das famílias mais antigas e tradicionais. As garotas se impressionam com esse tipo de coisa. Dinheiro, poder... Sem contar que a sua aparência ajuda bastante.

— Ela não tem noção dos meus dotes físicos, nem financeiros.

— Atendendo a um pedido dela, mandei aquela foto em que você está com Lucian no casamento de Lissianna — contou D.J. antes que Victor o agredisse. E relanceando com o canto dos olhos para o cabelo preto que caía sobre os ombros largos do amigo, a camiseta e o jeans que lhe favoreciam o físico benfeito, acrescentou: — Seu cabelo estava mais curto e você estava de terno. Bem diferente do que está agora.

Victor retesou-se, forçando-se a relaxar em seguida.

— O que você recebeu em troca por essa foto e pelas informações de minha família?

— Nada de relevante. Apenas um resumo da vida dela e uma foto.

Tirando uma das mãos do volante, D.J. tateou no banco de trás, puxou uma pasta e estendeu-a ao amigo.

— Está tudo aí.

Victor abriu a pasta e encontrou uma cópia do anúncio do jornal no topo do resto dos papéis.

Procura-se: Vampiro para uma vampira atraente e independente, que busca companhia e possível relação amorosa. Deve ter disponibilidade para mudanças. Válido somente para vampiros de verdade.

Com as mãos trêmulas, Victor continuou lendo os e-mails.

— Ela é viúva. Co-proprietária de um restaurante mexicano e uma pousada com café da manhã. Não me lembro do nome da amiga que mora com ela. Os dois estabelecimentos ficam em Port Henry, onde ela sempre morou.

Victor murmurou algo incompreensível até se deter na foto. Ali estava uma linda mulher de longos cabelos escuros, olhos grandes e lábios cheios e vermelhos. No verso da foto estava seu nome: Elvi.

Depois de analisar tudo, ele recolocou os papéis na pasta. De fato, ela era uma mulher bonita, mas beleza raramente o atraía, talvez por já ter visto de tudo em sua longa

existência. Na sua concepção, a beleza era apenas uma distração antes que o verdadeiro interior se mostrasse. O diabo jamais apareceria para suas vítimas com verrugas e tridente.

— O que achou? — D.J. quis saber.

— Não se pode dizer muito a partir de uma foto e da pouca informação que há nos e-mails — sentenciou Victor. Ao notar que se aproximavam da saída da estrada, acrescentou: — Não tardaremos a descobrir.

— Talvez isso seja uma grande perda de tempo. Se ela fosse uma de nós, teria se impressionado pelo nome Argeneau.

— Não somos a única família de tradição poderosa. Quem sabe ela não faça parte de uma também. Talvez ela tenha acabado de se mudar da Europa. Minha família não tem um nome forte por lá, uma vez que há várias famílias iguais. De qualquer jeito, precisamos checar melhor.

— No pior dos casos, se ela for apenas alguém buscando fama por ser vampira, podemos dar meia-volta e voltar para Toronto. Antes da meia-noite estaremos de volta em casa.

Victor limitou-se a sorrir enquanto observava a estrada de terra que cortava campos extensos. Não demorou muito para aparecerem casas de fazenda, e aos poucos, luzes de uma pequena cidade se destacaram no cair da noite. Logo estavam na rua principal, com casas de comércio, postos de gasolina e bancos.

— Vamos encontrá-la no restaurante?

— Sim. No Bella Black — informou D.J. — Deve ser nesta rua. Ela disse que o estabelecimento ficava depois do segundo semáforo.

— Então estamos perto — comentou Victor, ao pararem diante do sinal vermelho.

Os dois varreram a região com os olhos à procura do lugar em questão.

— Chegamos ao Bella Black — D.J. anunciou.

Port Henry obviamente era uma das cidades mais antigas de Ontário. A maioria das construções da rua seguia o estilo vitoriano. O Bella Black não era exceção. Contudo, o letreiro acima da porta principal era colorido demais. Havia também um mural pintado com uma iguana verde em meio a um caramanchão de flores.

Victor admirou a estranha escolha do desenho e depois voltou a atenção para a quantidade de carros parados. De um deles saltou um casal e atravessou a rua em direção ao restaurante.

O sinal abriu no exato momento em que o casal empurrou a porta do estabelecimento, permitindo a visualização das luzes coloridas que iluminavam a quantidade de pessoas que ali estavam.

— Está cheio de gente. Acho que os ocupantes de todos esses carros vieram para cá com o mesmo propósito que o nosso.

D.J. achou uma vaga na rua lateral e Victor foi o primeiro a sair do veículo.

Aproveitou a oportunidade para se espreguiçar. Por não se sentir à vontade em ambientes fechados, ele preferia andar de motocicleta. Bem, mas estavam ali a trabalho e não a lazer.

Victor apressou o passo para chegar à porta de entrada do restaurante. Seu maior interesse era descobrir se Elvi era imortal ou não e encerrar o assunto logo.

Se Elvi Black fosse mesmo imortal, ele haveria de descobrir tudo a seu respeito e levar as informações ao Conselho para colocá-la em julgamento. Como D.J. havia dito, chamar a atenção por meio de um artigo de jornal era uma falta grave. Era preciso descobrir que outras infrações ela estaria cometendo. A julgar pelos boatos de que uma certa vampira estava circulando pelas casas noturnas de Toronto, a publicação do anúncio era a menor das faltas.

D.J. abriu a porta do restaurante, e uma onda de aromas, calor e rumores se abateu sobre os dois. O lugar estava abarrotado de gente. Não havia uma só cadeira ou poltrona vazia. O bar estava lotado de pessoas em pé.

Assim que entraram, fez-se um silêncio constrangedor, quando a maioria dos presentes parou o que estava fazendo ou falando para observá-los. Inclusive a banda de maracas que tocava por entre as mesas.

— Você já esteve no México? — indagou Victor.

— Não, mas acho que gostaria de conhecer.

Victor passou os olhos pelo ambiente colorido, sem dar importância aos olhares curiosos. As paredes brancas eram cobertas de manchas coloridas, salpicadas de *sombreros* pretos com vivos dourados. Havia uma iguana sobre uma prateleira alta, uma fileira de potes de cerâmica cheios de girassóis, e alguns quadros. Porém, o que chamava a atenção era uma faixa imensa com os dizeres de "Feliz Aniversário". O mosaico de cores era exagerado aos olhos de Victor.

— Posso ajudá-los?

Um senhor de meia-idade se aproximou dos dois. Ele tinha a altura de uma criança quando comparado a Victor e D.J. Preso à camisa cáqui estava um distintivo que o conferia como a autoridade local. Talvez fosse no único policial da cidade, concluiu Victor.

— E então? — indagou o oficial, tentando se impor diante das figuras imponentes dos dois forasteiros.

— Não precisamos de nada, obrigado — Victor respondeu em um tom seco e tentou passar pelo oficial, mas foi impedido.

— Essa é uma festa particular — disse o oficial, e Victor entendeu por que ele e D.J. atraíam tanta atenção.

— Fomos convidados.

A resposta de Victor ecoou no salão mergulhado em silêncio.

— Victor Argeneau? — questionou o oficial.

Victor assentiu, perguntando-se como o policial sabia seu nome.

— Você não se parece muito com a foto que Mabel me mostrou. Talvez seja o cabelo e o terno.

O nome mencionado era totalmente estranho a ele, por isso continuou quieto.

— Vejo que trouxe um amigo — o oficial continuou, quebrando o minuto de constrangimento, estudando D.J. dos pés a cabeça.

Bem, se ele estava com uma aparência mais desleixada do que a foto, D.J. também não estava muito melhor. Vestido com uma calça jeans desbotada e uma camiseta larga com o logotipo de uma antiga banda de rock, D.J. tampouco impressionava alguém.

— Ele me trouxe até aqui — Victor respondeu. — Onde está Elvi?

— Ela ainda não chegou, terão de se contentar com a minha companhia por enquanto.

Quando Victor levantou uma sobrancelha, o policial meneou a cabeça e estendeu a mão.

— Desculpem-me. Meu nome é Teddy Brunswick, chefe de polícia de Port Henry, a seu dispor.

Victor apertou a mão do policial, divertindo-se por associá-lo aos xerifes de antigos filmes em preto e branco.

— E este é D.J. — Victor inclinou a cabeça para o lado.

— Qual o significado das iniciais?

— D.J. Benoit — apresentou-se o rapaz imortal. — Vai checar meu nome em seus arquivos?

— Claro que sim — respondeu o outro, sem constrangimento algum.

D.J. gargalhou e, olhando para Victor, comentou:

— Gosto da sinceridade dele.

— Mas ele acaba de insultá-lo — incitou Victor, divertindo-se com a brincadeira.

D.J. era o único que o fazia rir, o que era muito raro nos últimos três séculos.

D.J. era um companheiro de trabalho muito mais interessante do que qualquer homem que Victor já conhecesse. Na verdade, estava se apegando demais ao rapaz. O que não era para menos, já que o conhecia desde criança.

— Não se sinta ofendido — disse o policial. — Já chequei o nome de Argeneau e dos outros que estão por chegar.

Foi nesse momento que Victor decidiu que precisaria apagar a memória do policial, bem como da tal Mabel, pelo tanto de informação que tinham.

— Quem seriam os outros? — E virando-se para D.J., completou a pergunta: — Você sabia disso?

O rapaz deu de ombros, uma resposta silenciosa como se dissesse que nada sabia a respeito.

— Vocês tinham a ilusão de terem sido os únicos a responder ao anúncio? — perguntou Teddy, sorrindo. Antes que Victor respondesse, continuou: — São seis homens ao todo. Vocês foram os primeiros a chegar.

Victor não gostou da novidade, mas a preocupação estampada no rosto do oficial o preocupou ainda mais.

— Espero que nenhum deles traga mais gente. A pousada está lotada — informou Teddy. — Venham, vou mostrar a mesa reservada para os pretendentes.

Quando o policial virou-se para seguir por entre as mesas, Victor puxou o braço de D.J.

— O que ele quis dizer com a pousada estar lotada?

— Elvi nos convidou para passar a semana. Eu já havia dito.

— Sim, mas achei que ficaríamos em um hotel, e não na casa de alguém.

— E uma pousada que oferece apenas o café da manhã. O nome do lugar é Casey Cottage. Elvi é a proprietária. Está tudo bem, não se preocupe.

— Vocês vão me acompanhar ou preferem ficar parados na porta? — indagou o policial com ironia.

Teddy parou em frente a uma mesa de canto, que Victor sabia estar ocupada quando chegaram.

— Essa história está ficando cada vez mais interessante — comentou D.J. ao acompanhar o oficial.

Pela falta de comentários, ficou óbvio que Victor não partilhava da mesma opinião. Para ele, as coisas se complicavam com o passar dos minutos.

— Fiquem à vontade — Teddy convidou ao aguardar enquanto os dois deslizavam pelo banco de madeira.

Victor afastou-se para que D.J. entrasse primeiro. Se ficar fechado em um carro lhe causava calafrios, estar acuado em um canto o deixaria claustrofóbico. D.J. entendeu que seria ele a ficar espremido e murmurou algo sem sentido. O espaço era realmente pequeno para dois homens grandes. Os dois haviam sido concebidos para serem guerreiros, em uma época em que o porte físico era importante.

— Mabel virá nos fazer companhia assim que Elvi chegar — comentou Teddy, iniciando a conversa.

O conjunto de músicos mexicanos estava no intervalo de sua apresentação. As conversas nas mesas próximas recomeçaram. No entanto, pelos olhares de esguelha, Victor sabia que continuava a ser o assunto principal. Procurou ignorar a todos, inclusive o comentário de Teddy, uma vez que não fazia a menor idéia de quem seria Mabel e também não tinha a menor intenção de descobrir. Seu único interesse em Port Henry era se encontrar com Elvi para descobrir se ela realmente era uma vampira.

Ele costumava gostar de seu trabalho de oficial do Conselho dos Vampiros. No entanto, estava ficando cada dia mais cansado de caçar renegados. Por outro lado, não tinha vontade alguma de ficar em casa. Na verdade, não conseguia se contentar em lugar algum. Perdera a paz desde a morte de sua esposa, Marion, quando a insatisfação crescente se tornara sua companheira. Aliás, aquele era um assunto em que procurava não pensar muito. Sua vida não era das mais animadas, mas sua intenção não era se tornar um renegado, como a maioria daqueles de sua espécie se transformavam naquele estágio de suas vidas.

— Ah, sim, Mabel! — exclamou D.J. de repente, lembrando-se do nome. — Ela é amiga de Elvi e co-proprietária do restaurante e da pousada, não é?

Teddy assentiu.

— Se Mabel não gostar de você, as chances são grandes de Elvi partilhar de sua opinião. As duas são inseparáveis desde crianças,...

O policial fez uma pausa abrupta e o ambiente caiu no silêncio novamente.

— Com licença, outro candidato acaba de chegar.

Capítulo II

Elvi estava secando o cabelo quando Mabel bateu na porta e disse algo que ela não ouviu.

— O que foi?

— Já está pronta? — Mabel quis saber, impaciente.

— Sim, já estou indo!

Elvi enrolou o fio do secador, guardando-o no armário. Poderia ter tomado um banho rápido de chuveiro. No entanto, adorava entrar na banheira enorme, com jatos de água com hidromassagem. Não havia poupado dinheiro em instalar aquele *spa* particular. Julgava que lhe era de direito, uma vez que fora obrigada a abrir mão da confortável cama *king size* para dormir em um ataúde.

Na época, Mabel fora contra o gasto exagerado. Afinal, não era sabido que Drácula tomasse banho. No entanto, depois de uma vida cuidando da higiene pessoal, Elvi se recusava a abandonar o hábito. Sua pele podia estar sem vida, mas ao menos era limpa e cheirosa.

— Vamos perder a hora! — Mabel gritou. Suspirando, impaciente, Elvi abriu a porta.

— Claro que estamos atrasadas. Você me deixou dormir além da conta — ralhou ela, entrando no quarto, enrolada em uma toalha.

— É isso que eu ganho em troca pela consideração dispensada — reclamou Mabel, estendendo uma caneca de sangue. — Beba isto e se vista. Deixei o vestido novo sobre sua cama.

Elvi ergueu as sobrancelhas e tomou de um gole só o líquido gelado e espesso. Depois arrastou-se até o caixão que ficava no centro da enorme suíte, com os ombros caídos de pesar. Sentia saudades da cama *king size* que ela e Harry haviam comprado pouco antes da morte dele. Era como se dormisse sobre uma nuvem, bem diferente do engradado sofisticado no qual agora passava as noites.

Suspirando em desalento, pegou o vestido e, estendendo os braços, deixou-o deslizar sobre seu corpo esguio. Depois passou a mão sobre o tecido, soltando outro suspiro. A roupa era nova, mas assemelhava-se a todas as outras de seu guarda-roupa. Era um vestido preto, com um decote discreto que seguia até pouco abaixo dos joelhos. Embora tivesse uma discreta fenda lateral, Elvi sabia que teria dificuldade para caminhar. Nada de seu vestuário atual fazia seu gênero.

— Gostaria de não precisar vestir estas roupas horríveis — reclamou ao tentar alcançar o zíper das costas.

— É assim que todos esperam que se apresente — comentou Mabel ao ajudá-la na difícil tarefa.

— Será que ficariam muito ofendidos em me ver de calça de moletom e camiseta?

— Bem, pelo menos durante a próxima semana, não poderá fazer nada disso. A casa está cheia de convidados.

— É mesmo? — indagou Elvi, surpresa.

Depois da viagem que lhe tomara a vida, ela e Mabel resolveram abrir um estabelecimento comercial, o restaurante mexicano que nomearam de Bella Black. O nome tinha sido idéia de Mabel. Fora sua idéia também, vender a casa que antes dividira com o marido e mudar-se para a casa de Elvi, que morava a três quarteirões do restaurante.

A mudança facilitou a vida das duas. Ainda assim, a casa ecoava solidão e não demorou muito para que Mabel sugerisse que transformassem a antiga mansão vitoriana em uma pousada, o que significaria uma segunda renda para ambas.

O restaurante ficava cheio todas às noites, graças ao *status* de Elvi de mascote da cidade. Em sua vida pregressa, ela havia sido uma esposa exemplar. Adorava cozinhar e cuidar dos outros. Infelizmente, dado o seu atual estado, não podia mais comer. No entanto, ainda preservava o gosto pela culinária. Adorava tocar e sentir a comida, além de deleitar-se em observar as pessoas degustar uma refeição. Satisfazia sua vontade de comer observando o prazer dos outros.

A antiga casa em estilo vitoriano foi então reformada até o sótão, onde construíram mais três suítes. Inaugurou-se então a Casey Cottage, em homenagem à filha de Elvi.

No entanto, o lugar era freqüentado apenas pelos moradores locais, pelo simples prazer de dizerem a todos que tinham pernoitado na casa de uma vampira. Ela era conhecida como "Elvi, a Amante das Trevas". Por isso era obrigada a vestir aquelas roupas ridículas sempre que deixava o quarto. A Amante das Trevas tinha de responder à várias dúvidas da própria Elvi, principalmente a razão pela qual todos a chamavam de Elvi e não Ellen, seu nome de nascença, ou mesmo de Ellie, seu apelido antes de falecer.

— Não se esqueça dos sinos.

Elvi pegou a tornozeleira com os pequenos pingentes e a colocou. A jóia havia sido presente de Mabel logo que ela se transformara. A desculpa foi de que era charmoso ornamentar o tornozelo. No entanto, Elvi bem sabia que era para anunciar sua presença tarde da noite. A amiga jamais admitira a verdade, porém era óbvio que ela tinha se transformado em algo amedrontador depois de sua morte.

Se não fosse pela amizade que as unia, Elvi estaria sozinha e sem rumo na vida. Assim, usava a correntinha até que as duas se acostumassem à sua nova condição. Além do mais, combinava com a imagem de uma vampira tentadora. Se bem que ela se sentia ridícula naquela posição. Entretanto, se não fosse pelos habitantes da cidade, ela não teria sobrevivido ao cataclismo. Eles também garantiam a freqüência ao restaurante, provendo seu sustento. Portanto, se faziam questão dos vestidos pretos e dos sininhos, não tinha como se opor.

— Pronta? — Mabel perguntou.

— Falta só prender o cabelo.

— Deixe-o solto esta noite. Você fica mais bonita.

Elvi passou os dedos pelas longas mechas, desejando poder ver seu reflexo no espelho para garantir que sua aparência não era das mais selvagens. Sabia-se que vampiros não viam o próprio reflexo. Para evitar o aborrecimento de não se ver, ela havia mandado tirar todos os espelhos de seu quarto e banheiro. A partir de então, contava com a opinião dos outros para saber se estava bem ou não.

— Será que, preciso usar um pouco de maquiagem?

— Você não precisa desses artifícios. Talvez só o batom vinho, que lhe cai tão bem — opinou Mabel.

Elvi deslizou o bastão pelos lábios, pintando-os com a perfeição da experiência adquirida.

— Perfeito, agora vamos.

As duas seguiram em silêncio pelo corredor. Elvi se lembrou de que Mabel tinha permitido que dormisse uma hora a mais naquela manhã, alegando que aparentava cansaço. Contudo, pelo que Elvi havia observado nos últimos dias, a amiga andava pálida e caída. Aos sessenta e dois anos, ela deveria diminuir a carga de trabalho.

A contar pela longa jornada entre o restaurante e a pousada, Mabel trabalhava muito mais nos afazeres domésticos do que Elvi já trabalhara em vida. Mabel não era apenas sua amiga, mas seu esteio. Sem ela, Elvi tinha certeza de que não teria sobrevivido. No entanto, preocupava-se bastante nos últimos dias com a rapidez do tempo se abatendo sobre a amiga. Ambas haviam perdido os maridos, e alguns amigos já se despediam também. Pelas contas de Elvi, os amigos ainda durariam ainda uns vinte ou trinta anos, isto é, se tivessem sorte e boa saúde. Pensar no assunto a deprimia profundamente.

— Chegamos! — anunciou Mabel ao estacionar o carro.

Elvi desceu e seguiu a amiga para a porta dos fundos do restaurante. De relance, olhou para o céu e o viu claro e estrelado. Imaginou que seria o normal depois de um dia ensolarado.

O sol era outra coisa de que Elvi sentia muita falta. Sempre preferira o calor, pelo colorido das flores e dos raios solares incidentes nas árvores. Se a questionassem, não saberia responder se sentia mais falta de comida ou da luz do sol.

Quando Mabel abriu a porta, o burburinho dos clientes chegou aos seus ouvidos como se estivessem ali na cozinha e não no salão da frente. Era a primeira vez que Elvi encontrava o ambiente tão festivo.

Com o cenho franzido, seguiu direto para o hall entre a cozinha e os fundos do salão principal. Admirou-se ao ver o lugar lotado.

— Será que não corremos risco de incêndio?

— Hoje não, porque é aniversário do filho do chefe do corpo de bombeiros — Mabel respondeu em tom divertido. — Mas Mike disse que, da próxima vez que reunirmos tanta gente, será bom colocarmos mesas na calçada.

Elvi assentiu balançando a cabeça, surpresa por Mike Knight ainda não ter fechado o restaurante. Bem, não seria naquela noite, pois a festa era em homenagem de seu filho. Mike era o chefe dos bombeiros da cidade, além de ser um sujeito sempre disposto a ajudar os amigos e vizinhos. Ele e a esposa, Karen, eram muito estimados por todos. O filho do casal, Owen, era como os pais. A quantidade de adolescentes e adultos presentes naquela noite confirmava a sua popularidade. Elvi tinha a impressão de que a cidade inteira estava presente em sua casa.

— Sei que o andar de cima ainda não está pronto, mas poderíamos dar um jeito rápido e abrir, assim teríamos mais espaço — comentou Elvi, ignorando a fome que a multidão lhe incitava.

Com o salão lotado daquele jeito, o ar-condicionado não dava conta de arrefecer o ambiente. A noite estava quente, e as pessoas suavam e exalavam um odor que chegava ao olfato de Elvi, fazendo-a sentir dores na gengiva. A meia dose de sangue que havia ingerido não fora suficiente. Lamentou-se por não ter virado a caneca inteira.

— Eu já fiz isso. — Mabel inclinou-se um pouco e apontou para o mezanino, tão

cheio quanto o salão principal.

Elvi olhou para cima, mas seus sentidos estavam focados em Mabel. Inspirou fundo, inalando o perfume da amiga.

Mabel era diabética, seu sangue era mais doce do que o de outras pessoas, apesar da medicação que ela tomava. No começo da transformação, havia se alimentado do sangue da amiga por não possuir outro recurso.

O aroma do sangue de Mabel afetou-a a ponto de fazê-la sentir os caninos crescer. Afastou-se da amiga de repente, gemendo baixinho.

— Você ainda está com fome — Mabel comentou, preocupada. Depois de cinco anos de convivência, ela conhecia Elvi como a palma de sua mão. — Eu deveria ter insistido para que tomasse a embalagem toda de sangue. Não quer que eu a sirva mais uma vez antes de assar o bolo?

Elvi chegou a considerar o assunto, mas terminou por menear a cabeça em negativa. Não gostava também de morder as pessoas. Achava esse ato um tanto desolador. Ela se consideraria um animal se assim o fizesse. Contudo, quanto mais faminta ficava, mais atraente lhe parecia a idéia. Resolveu esperar e disse isso para a amiga.

Mabel meneou a cabeça e transferiu a atenção para os funcionários da cozinha. Pedro e Rosita eram responsáveis pela cozinha. Por ali também circulavam alguns garçons.

Mabel bateu palmas para chamar a atenção de todos.

— Aqueles que não estiverem fazendo nada por aqui, por favor, saiam. Quero ficar sozinha com Elvi, e claro, Pedro e Rosita também — anunciou sorrindo e disse para o casal de mexicanos: — Colocarei os pedidos que já estão prontos na mesa do hall e vocês podem usar a bancada para colocar os que saírem em seguida.

Elvi respirou aliviada quando o burburinho da cozinha diminuiu, e sorriu para Mabel agradecendo. Não era a primeira vez que atitudes de precaução como aquelas eram tomadas. Era apenas uma medida de segurança quando sua fome era voraz.

— E melhor começar a fazer o bolo de uma vez — anunciou Elvi, seguindo para o centro da cozinha. — Talvez seja melhor assar dois. Um só não será suficiente para tanta gente.

— Eu ia sugerir justamente isso. Meneando a cabeça, Elvi começou a trabalhar.

— Quem chegou? — D.J. perguntou, levantando-se e esticando o pescoço em um esforço vão para enxergar quem havia entrado no restaurante.

— Ninguém que conhecemos — garantiu Victor.

Como estava sentado na ponta, foi mais fácil se inclinar para a lateral do reservado e ter uma visão melhor da entrada.

A curiosidade dos presentes estava agora voltada para o novo recém-chegado. Victor imaginou que o rapaz não passasse de vinte e poucos anos, dado as roupas largas e góticas que vestia, além das correntes em volta do pescoço e pulsos. O cabelo longo era negro demais para ser natural, bem como a pele clara demais.

Só podia ser maquiagem, pensou Victor, notando os lábios pretos e o rosto e orelhas tomados pelos *piercings*.

— Será que é um dos nossos? — D.J. quis saber, deixando-se deslizar pelo lambris de madeira, voltando a sentar.

— Não, mas é alguém que gostaria de ser — resmungou Victor, voltando ao lugar também. — É um gótico qualquer cheio de maquiagem, comportando-se de maneira inadequada.

— Não é surpresa nenhuma — comentou D.J. e, diante do espanto de seu companheiro, apressou-se em explicar: — Nenhum dos nossos responderia a um anúncio de jornal à procura de imortais solteiros.

— Humm — Victor murmurou.

Não partilhava da mesma opinião, pois ninguém poderia prever as atitudes de outros. Já havia vivido o bastante para não se surpreender com mais nada.

— Se ela realmente for uma imortal, vai saber distinguir tão bem quanto nós. Claro que ela...

Victor olhou para D.J. com espanto por ele ter interrompido a frase no meio.

— O que houve?

— Acho que aquela iguana acabou de se mover.

Seguindo o olhar fixo de D.J., Victor olhou para a escultura do animal. Observando melhor, viu que eram três iguanas, uma maior e duas menores. Todas estavam imóveis.

— Não seja ridículo — garantiu balançando a cabeça.

— Tenho certeza do que acabei de ver.

— Pode sentar-se aqui com esses cavalheiros — anunciou Teddy, obviamente não percebendo que o rapaz era um embusteiro. — Vlad, estes são Victor Argeneau e D.J. Benoit — o oficial os apresentou. — Senhores, este é Vladimir Drake.

— Vladimir Drake? — D.J. repetiu, incrédulo, e Victor sabia exatamente o que ele estava pensando. Ser um pretendente a vampiro já era ruim, mas usar adereços sem gosto algum era bem pior.

— Isso mesmo, algum problema? — o garoto se defendeu e lançou um desafio: — Além disso, D.J. não me parece nome para um vampiro.

— É apenas uma abreviação para Dieudonne Jules. Como é um nome difícil, o apelido é D.J.

— Dieudonne, ou seja, "feito por Deus"? — comentou Vlad apenas para demonstrar seu parco conhecimento de francês. — E Benoit deve ser o diminutivo para beneditino, que quer dizer "abençoado". Sei, não dá para acreditar em um vampiro com nomes como esses.

— Acho que ele é um aficionado em nomes e muito mais esperto do que parece, mas já li a mente dele — disse D.J.

Victor abriu um sorriso de má vontade. Ele também já havia feito o mesmo e descoberto que além de Vlad saber a tradução de Dieudonne, depois de ter estudado francês na escola, ele havia procurado o significado dos nomes de seres imortais e sabia seus diminutivos.

— Imagine se vou acreditar que você leu minha mente — desdenhou Vlad. — Aposto que nenhum dos dois é um vampiro de verdade.

Vlad simplesmente ignorou o desafio, desviando o olhar para Teddy, que ainda estava de pé ao lado da mesa, acompanhando a conversa com grande interesse.

— Mostre-me o seu, que eu mostro o meu — desafiou D.J.

— Mostrar o quê? — indagou Vlad depois de uma gargalhada. — Não vá me dizer que quer medir nossa masculinidade. Acho que você é gay, isso sim.

Ao pressentir que D.J. estava prestes a perder a calma, Victor o segurou pelo braço e em seguida virou-se bem devagar para o garoto. Depois de lançar um olhar fuzilante até que Vlad começasse a se contorcer no banco, abriu a boca para exhibir os dentes pontiagudos. Exibiu-os por alguns instantes para em seguida retraí-los.

— Caramba! — Vlad arfou e ficou, ainda mais pálido do que a maquiagem. Apesar de todo o seu conhecimento sobre vampiros, não estava preparado para encarar um de verdade. Victor estimou que em alguns segundos o garoto fosse molhar as calças.

— Corra para casa, moleque — rosnou Victor, perdendo a paciência. — Estamos em um encontro entre os nossos e você não tem cacife, para nos enfrentar.

Vlad hesitou apenas por uma fração de segundo antes de se levantar e sair correndo. Victor inclinou o corpo para apagar a memória do garoto e plantar pensamentos mais normais, como a desilusão de encontrar uma mulher obesa que se fingia passar por vampira de nome Elvi. Dessa forma, Vlad não voltaria a Toronto gritando em altos brados que encontrara vampiros de verdade à solta nas ruas de Port Henry.

— Bem, ao menos economizamos com a estadia de um — comentou Teddy ao observar a porta se fechar atrás de Vlad. Em seguida sentou-se de frente para Victor. — Você conseguiu mesmo ler a mente dele?

A resposta foi uma sobrancelha arqueada. Se Elvi pertencesse mesmo à espécie de imortais, deveria também ter a mesma habilidade. Como seu amigo, o comissário deveria saber disso. Se bem que ela poderia ter ocultado o fato para não deixar os mortais desconfortáveis com a idéia de ter suas mentes desvendadas e controladas.

Antes que pudesse conjecturar mais a respeito, fez-se silêncio novamente e Teddy se levantou.

— Outro convidado. Deixemos nossa conversa para mais tarde.

Ao relancear para a porta, Victor blasfemou ao reconhecer o homem alto e de cabelos ralos que agora perscrutava o ambiente.

— Quem é? — D.J. virou-se para olhar.

— Harpernus Stoyan — respondeu Victor, sem tirar o olhar do alemão alto e loiro de camisa esporte e calça de linho.

— Harper? O que ele está fazendo aqui? — D.J. inquiriu, surpreso.

— Acredito que o mesmo que nós — constatou Victor, procurando parecer à vontade conforme o outro convidado se aproximava da mesa.

— Será que ele também veio em resposta ao anúncio? — D.J. estava tão perplexo que fez Victor suspirar. Mais um sinal da falta de maturidade do rapaz. Ou então, ele não pensou antes de perguntar.

Era sabido que, depois de certa idade, um imortal faria qualquer coisa para encontrar uma parceira para a eternidade. Infelizmente, Victor tinha encontrado, amado e perdido sua esposa, e não acalentava nenhuma esperança de que pudesse existir outra mulher em sua vida.

— Este é... — Teddy começou as apresentações, quando Harper passou à sua frente.

— Victor! D.J.! — exclamou com uma surpresa que logo se transformou em visível contrariedade. — Muito interessante encontrá-los aqui. Isso significa que terei

concorrência.

— Vocês já se conhecem? — Teddy indagou.

— Somos velhos amigos — admitiu Victor ao se levantar para estender a mão para Harper.

— Bem, isso é novidade para mim — comentou o policial, olhando para a porta e notando a presença de outro convidado.

— Edward Kenric — murmurou D.J., ao também se levantar para cumprimentar.

Ao contrário dos outros, Edward achou que um encontro em um restaurante mexicano fosse formal, tanto que trajava meio-fraque e tinha os cabelos puxados para trás, pronto para impressionar uma mulher.

— Ele também é um de vocês? — Teddy perguntou com um sorriso sem-graça.

Victor teve vontade de mentir com a esperança de que o oficial convidasse o recém-chegado a se retirar, o que evitaria futuras complicações. Contudo, antes de abrir a boca para responder, resolveu checar os pensamentos de Teddy e descobriu que ele já tinha decidido. Pela reação de todos, o oficial concluíra que Edward era um deles.

— Sim, ele é um dos nossos — respondeu Victor, sem muita alternativa. — Aliás, nossa mesa está ficando cheia demais. Por que não se senta em outro lugar?

— O mais longe possível — retorquiu Harper.

— Talvez seja melhor sentar lá no estacionamento — sugeriu D.J.

— Infelizmente não será possível. O estacionamento está cheio — Teddy respondeu com ironia. — Vou pedir para que ele se sente aqui com vocês três. Depois, se for preciso, juntamos mais uma mesa. Quero dizer, se os demais forem vampiros verdadeiros também.

Antes de esperar pela resposta, o policial deu as costas e seguiu para cumprimentar Edward.

— Por que você não mentiu? — D.J. perguntou ao ouvido de Victor. — Agora teremos de fazer companhia ao bastardo.

— Acho que ele fez bem em dizer a verdade. O policial estava nos testando. Ele já sabia que Edward é um dos nossos.

— Se Victor dissesse o contrário, seria ele o convidado a se retirar — constatou Harper, provando que também havia lido a mente de Teddy. Em seguida voltou a atenção para a porta e arregalou os olhos. — Droga! Como é o nome desse sujeito? Alessandro alguma coisa...

— Cipriano — murmurou Victor, notando que outro imortal havia se juntado a Edward e Teddy.

Como os outros, Alessandro estava vestido casualmente com uma camisa branca, enfiada dentro de uma calça jeans escura.

— Bem, quem sabe agora que estamos em um número razoável, não seja hora de conhecer essa tal de Elvi — disse D.J.

— Somos seis ao todo? — indagou Harper com interesse.

— Cinco. Sou apenas o motorista de Victor. Havia um sexto concorrente, mas era apenas um pretendente a imortal que saiu correndo ao ver as presas de Victor.

Harper deu uma tossidela quando alguma coisa chamou sua atenção.

— Chegou um último candidato. Ele não é um dos nossos, mas certamente é alguma coisa... Há algo errado. Não consigo ler os pensamentos dele, sua mente está um caos.

Victor se curvou para o lado para avaliar o último convidado. De longe o sujeito parecia normal, com cabelos castanhos e beleza razoável. Usava uma jaqueta de veludo sobre uma camisa e calça social. Ao tentar ler a mente dele, encontrou um miasma raivoso e pensamentos desconexos. O nome do último convidado era Jason Lerner, e Victor estava prestes a descobrir as intenções do sujeito quando Harper o interrompeu, dizendo:

— Ele é louco e está aqui para cravar uma estaca em Elvi, não para se candidatar a ser seu companheiro de eternidade — contou Harper.

— Então, essa *era* a intenção dele — murmurou Victor, analisando melhor o que se passava na cabeça daquele homem. — Teddy acaba de apresentar Edward e Alessandro como imortais, e o sujeito está pensando em fazê-los de alvo também.

— Droga! — exclamou D.J.

— Acho que nem Edward nem Alessandro se deram ao trabalho de ler a mente dele. Você não pode controlá-lo, Victor? Eu não posso, mas você, como mais velho...

Harper terminou de falar com as paredes, uma vez que Victor já havia se levantado e se dirigia até onde estavam os outros homens.

Capítulo III

Jason Lerner tinha acabado de enfiar a mão no bolso interno de sua jaqueta quando Victor chegou e segurou-lhe o pulso.

— O que é isso?! — Teddy protestou, calando-se em seguida ao ver que Jason tinha uma estaca pontiaguda na mão.

— Ele não é o tipo de pretendente adequado para Elvi. Ele é um caça-vampiros — clamou Victor, tomando a estaca da mão do outro e colocando-a no bolso de sua calça.

Harper e D.J. também se levantaram para ajudar no confronto.

— Vamos levá-lo lá para fora e cuidar do assunto.

— Alto lá! Eu represento a lei por aqui.

— E o que você pode fazer em um caso desses? — inquireu Victor com educação.

Aquela altura, todos os presentes prestavam atenção no que estava acontecendo. Victor pensou que poderia ter controlado a mente do policial, mas optou pela persuasão.

— Posso prendê-lo — anunciou Teddy.

— Sob qual acusação, já que eu o impedi de atacar alguém? Pelo que sei, estacas de madeira não são consideradas armas proibidas, portanto, não pode acusá-lo de portar uma também.

— É verdade. Mas posso detê-lo por ser uma ameaça pública.

— E ele estará solto amanhã de manhã no máximo, pronto para caçar sua Elvi de novo.

— E o que você pode fazer a respeito? — questionou Teddy.

— Posso apagar a memória dele.

O policial meneou a cabeça, nada satisfeito com o rumo da conversa.

— Isso irá machucá-lo?

— Nem um pouco. Ele simplesmente vai esquecer Elvi, a cidade e nossa presença aqui — assegurou Victor, embora soubesse que não estava sendo totalmente verdadeiro.

Para dominar a mente de Lerner, seria preciso utilizar um procedimento mais forte, que certamente abalaria o cérebro do rapaz. Mas depois de ler as intenções do caça-vampiro, Victor não sentiria remorso algum em fazer o que era preciso.

Elvi não era o primeiro alvo da loucura de Lerner, que já havia assassinado várias mulheres pelas mais diferentes razões. Se o que Victor pretendia fazer afetasse parte daquela mente doentia, todas as mulheres seriam beneficiadas.

— Está certo, mas vá sozinho — concedeu Teddy.

— Preciso de dois outros para me ajudar — comunicou Victor.

— Alessandro e eu o acompanharemos — informou Edward. — Presumo que era em um de nós que ele pretendia cravar a estaca. Nada mais justo que sejamos nós a ajudá-lo.

Victor meneou a cabeça e, com uma chave de braço, conduziu o mortal para fora do restaurante. Lerner não reagiu desde que Victor o tomou pelo pulso. O controle continuaria enquanto houvesse contato físico.

Em um beco próximo, os três resolveram o assunto rapidamente. Cada um deles tocou uma parte do corpo de Lerner, ao invadirem-lhe a mente, apagaram sua memória. Quando terminaram, o caça-vampiros estava inconsciente. Victor então pegou o celular e discou para as empresas Argeneau pedindo que o recolhessem.

— Temos de esperar até que venham buscá-lo? — Alessandro quis saber.

— Lerner não acordará tão cedo, e o carro de remoções não deve demorar a chegar — Victor informou.

— Está tudo bem? — perguntou D.J. assim que os três voltaram para o restaurante.

Victor assentiu e voltaram todos para a mesa.

— Vamos conhecer Elvi agora? — Victor indagou a Teddy.

— Logo, logo.

— Bem, então somos quatro — concluiu Harper, assim que o policial se afastou.

— Cinco — corrigiu Alessandro.

— D.J. veio apenas me acompanhar — Victor explicou mais uma vez.

— Mesmo assim, a concorrência é bem maior do que eu esperava — constatou Edward.

— É verdade, já que ela terá de escolher apenas um de vocês — comentou D.J.

— Talvez não — interveio Harper. — Tive um amigo alemão, na era vitoriana, que conheceu uma mulher na mesma época que seu primo. Nenhum dos dois conseguiu ler a mente dela, ou seja, ela poderia ter sido companheira dos dois sem que eles soubessem de sua preferência.

— Qual foi o final da história? — D.J. quis saber, franzindo o cenho.

— Os dois a cortejaram, mas ela escolheu o primo do meu amigo. Ele me confidenciou que jamais havia encontrado alguém que se adequasse tão perfeitamente a seu estilo de vida. No entanto, incapaz de suportar a felicidade do primo, ele acabou por se destruir.

O silêncio pesado se abateu sobre a mesa, interrompido por Teddy, que chegou anunciando que tinha arrumado uma mesa maior para acomodá-los melhor.

— Jenny e seus amigos cederam a mesa para vocês. Sigam-me, rapazes.

— Não me acostumo a ser chamado de "rapaz" por pessoas com aparência mais jovem que eu, sem terem a menor ideia que sou eu o mais velho — comentou Harper.

Victor sorriu em resposta e sentou-se primeiro que os demais.

— Na verdade, acho que vou agradecer à srta. Jenny por nos ter cedido a mesa — Harper anunciou e, sem esperar pelo consentimento de Teddy, voltou para a mesa onde estavam.

— Se me derem licença, vou verificar se Mabel e Elvi já chegaram. Não me demoro — informou Teddy, detendo-se em seguida ao ver outra balbúrdia na porta da frente.

Um senhor grisalho, com vestes de padre, aproximava-se do policial a passos largos e decididos.

— Teddy Brunswick! — exclamou o homem, vermelho de indignação. — Louise Ascot acaba de me contar que você trouxe para nossa cidade meia dúzia de vampiros desalmados! Onde você está com a cabeça?

— Calma, padre — Teddy segurou o senhor pelos ombros, conduzindo-o gentilmente para a saída. — Não há razão para se aborrecer tanto. Está tudo bem.

— Bem? — questionou o padre, virando-se e tirando a mão do oficial de seu ombro. — Isso é um absurdo! Admito a presença de Elvi por ela ser temente a Deus, embora não possua mais uma alma. O que não justifica trazer outros seis monstros para cá.

— Padre, agora não é hora nem o lugar para discutirmos isso — advertiu Teddy, voltando a incentivar o outro a continuar andando. — Se quiser falar sobre o assunto, passe em meu escritório amanhã. Hoje é a celebração do aniversário de Owen.

— Owen? Não me diga que ele vai permitir que Elvi o morda. E se ele se tornar um vampiro também? Não quero perder outra ovelha do meu rebanho. Não pudemos fazer nada no caso de Elvi, mas Owen é apenas um garoto...

Victor fuzilou o padre com os olhos, até que finalmente o oficial conseguiu convencê-lo a se retirar. Não havia nada que ele detestasse mais do que representantes da Igreja. Havia sido por culpa da entidade católica que sua esposa fora queimada em praça pública. Na época, se tivesse meios, teria destruído um a um dos responsáveis. Por sorte Lucian, seu irmão, o impedira de cometer tamanha insanidade.

— Desculpem pelo inconveniente — Teddy pediu, parando na mesa dos convidados. — O reverendo O'Flaherty se altera facilmente, mas é inofensivo.

Assim dizendo, o policial os deixou para apressar-se para a cozinha.

— Quem sabe agora finalmente iremos conhecer a famosa Elvi — comentou DJ. com um sorriso.

— Já não era sem tempo. Não vejo a hora de ler a mente dela e ir embora. Odeio cidades pequenas — disse Edward, em tom de enfado.

— Se sabe que ela não o escolherá, por que não parte agora? — sugeriu Victor, recebendo um olhar reprovador do interlocutor.

— Não sou bobo, Argeneau. Quero ter certeza de que ela não serve para mim. Ler a mente dessa mulher vai valer a viagem.

Victor deu de ombros com visível desinteresse. Já não nutria muita simpatia por Edward, mas era bom saber que não teria de suportá-lo por muito mais tempo ali.

— E falando em tolos, não me diga que está aqui à procura de uma parceira — rebateu Edward, cheio de ironia.

D.J. retesou o corpo para reagir, mas a pergunta suscitou a curiosidade dos demais. As sobrancelhas erguidas de Alessandro indicavam sua dúvida. Harper, no entanto, demonstrava mais preocupação do que curiosidade. Como os outros, ele sabia que Victor era membro do Conselho, e se não estivesse ali à procura de uma companheira para a eternidade, estava a trabalho.

— E então, Argeneau? — Edward insistiu.

Teddy apareceu, interrompendo a conversa e evitando que Victor colocasse o outro imortal no seu devido lugar.

— Está tudo bem por aqui? — perguntou o oficial. Como não houve resposta, continuou: — As garotas já chegaram. Em instantes Mabel virá para a sala.

— Quem é Mabel? Vim conhecer Elvi — Alessandro protestou.

— Sei disso, mas Mabel é a responsável pelo evento desta semana — Teddy respondeu de pronto.

— Pensei que fosse Elvi. Foi ela que me mandou os e-mails, o convite, o endereço... — Harper acrescentou.

— Si, para mim também — Alessandro concordou.

— E eu também... — Os olhos de Edward se estreitaram em direção ao policial.

Victor percebeu que Edward estava lendo a mente de Teddy e, julgando por sua expressão, surpreendia-se com o que havia visto. Quando estava prestes a questionar também, as portas da cozinha se abriram, atraindo a atenção de todos.

Teddy olhou por cima do ombro e anunciou:

— Ah, lá está ela. Com licença — disse, levantando-se da mesa.

— Quem é? Mabel ou Elvi? — questionou Alessandro.

— Àquela mulher não é uma imortal. Se ela for Elvi, podemos levantar e nos retirar agora mesmo — informou D.J.

No entanto, a expressão de seu rosto foi se suavizando à medida que o policial a acompanhava até a mesa.

Victor imaginou que aquela senhora alta, de cabelos acinzentados e pele marcada ainda era dona de uma beleza singular, apesar de estar na casa dos sessenta e poucos anos.

— Mabel, estes são Edward Kenric, Harpernus Stoyan, Alessandro Cipriano, Victor Argeneau, e seu amigo D.J. Benoit — Teddy a apresentou a todos.

As atenções todas se voltaram para ela. O oficial havia dito que a opinião da amiga e sócia era muito importante para Elvi. Porém, para Victor, aquilo não era da menor importância, já que ele não estava ali para cortejar ninguém. Assim, limitou-se apenas a menear a cabeça, cumprimentando-a com formalidade. Os outros foram mais enfáticos e efusivos em suas falas. O único a levar para o lado mais pessoal foi D.J., que se levantou e estendeu a mão para Mabel.

— Encantado...

Victor suspirou, impaciente. Sabia que o amigo só se dirigia assim a mulheres em quem tinha interesse. Geralmente aquelas bem mais jovens, que se derretiam com suas palavras e comportamentos melosos. Bem diferentes de Mabel, que não se mostrou nem um pouco impressionada. Ao contrário, curvou os lábios em um sorriso formal e puxou a mão. Logo em seguida, ela voltou a atenção para Victor:

— Você precisa cortar o cabelo — comentou, virando-se para DJ, para incluí-lo no comentário: — E os dois precisam se barbear.

Instintivamente, Victor passou a mão pelo queixo e sentiu a barba por fazer. Lembrou-se de que tinha acabado de acordar quando D.J. passara em seu apartamento naquela tarde. Mal tivera tempo de terminar o banho e enfiar uma roupa qualquer. Esquecera-se completamente de fazer a barba, e inclusive, de pentear os cabelos.

Depois de evidenciar seu desprazer pelos dois, Mabel Allen prestou atenção no demais, que tiveram mais sucesso em seu crivo inicial. Outro que ganhou um olhar de soslaio foi Edward, por conta do smoking. Entretanto, nenhum deles recebeu uma crítica tão direta quanto a de Victor e D.J.

— Vocês estão mais apresentáveis — comentou ela por fim.

— Sente-se, Mabel. Vamos fazer o questionário que preparamos — pediu Teddy.

Victor ia protestar contra a idéia do interrogatório quando Mabel meneou a cabeça.

— O bolo de Owen já está pronto. Elvi quer começar logo, pois está acordada há muito tempo e sem se alimentar.

— Ah, sim. Melhor nos apressarmos então — comentou Teddy, franzindo a testa e olhando para uma mesa onde estavam dois adolescentes. Viu também que uma mesa mais próxima da cozinha acabava de vagar e sugeriu: — Talvez seja melhor trocar os cavalheiros de lugar. Estamos bem no caminho de Elvi. Não seria nada bom se ela tropeçasse e acabasse com a festa antes mesmo de começar.

— Boa idéia — concordou Mabel.

— O bolo está pronto e ela está com fome... — D.J. murmurou. — Elvi não deve ser tão velha se ainda come bolo. Talvez seja essa a explicação para seus deslizes.

— O mentor dela deveria tê-la instruído melhor — respondeu Victor, ao observar Teddy e Mabel conversar com um dos adolescentes.

Em seguida falaram algo com os pais do menino e dirigiram-se todos para os fundos do restaurante. O garoto com quem Mabel havia conversado mais demoradamente seguia o grupo com passos arrastados. Victor notou que, apesar de estar sorrindo, era óbvio que a cada passo seu temor aumentava.

— Vai doer? — indagou ele assim que passou pela mesa de Victor, que arregalou os olhos, surpreso.

— Não seja tolo, Owen. Claro que não. Se fosse assim, você acha que haveria fila para passar por isso? — ponderou Mabel.

Victor estava cada vez mais confuso com o rumo da conversa, mas o que ouviu a seguir o deixou alarmado:

— Eu não vou virar um deles, não é? — perguntou Owen. Mabel e Teddy trocaram olhares significativos.

— Por que a pergunta? Nenhum outro garoto jamais teve essa dúvida — esclareceu Mabel. — Você mudou de idéia? Podemos trazer o bolo e fingir que nada disso aconteceu.

Owen virou-se para onde estavam seus pais e os outros amigos e apressou-se em responder:

— Não, quero fazer. Meus amigos nunca me perdoarão se eu fraquejar agora.

— Não me diga que o assunto é o que estou pensando — D.J. sussurrou.

A resposta de Victor foi puxar o braço de Teddy quando este passava pela mesa.

— Por que o garoto está tão preocupado? O que poderia machucá-lo?

— A mordida de aniversário — respondeu o policial, tentando seguir caminho.

— Mordida de aniversário? — Victor repetiu, impedindo que Teddy seguisse caminho.

— No aniversário de dezoito anos, os garotos são agraciados com uma celebração especial. Eles ganham um bolo, feito por Elvi, em seguida, *ela* os morde. — Percebendo o mal-estar entre os demais imortais, o policial acrescentou: — É uma espécie de rito de passagem para a maturidade.

— Um ritual de passagem? — D.J. repetiu incrédulo.

— Ora, os índios têm seus rituais, e nós temos os nossos. Com licença... — Teddy disse com descaso, ao voltar com o grupo para a mesa.

A conversa foi interrompida por um movimento repentino. Uma mulher curvilínea e de cabelos castanho-claros passou pela cortina de contas que separava a cozinha do salão principal. Victor imaginou que, se aquela fosse Elvi, em nada se parecia com a foto de uma morena que D.J. lhe mostrara. A impressão que havia ficado não era de uma mulher *mignon*, e muito menos de alguém que usasse um vestido como aquele. O olhar de Victor correu verticalmente o corpo delicado, coberto pelo tecido preto, detendo-se na fenda lateral que revelava parte da perna bem-torneada de Elvi.

O rosto era o mesmo da foto, no entanto só agora ele notava a expressão sensual e travessa que os olhos grandes lhe conferiam. Sem contar que Elvi era dona do nariz mais perfeito que ele já vira. Ah, e os lábios... Victor balançou a cabeça. A foto não o impressionou, mas vê-la ao vivo o deixou sem ar. De repente, ele só viu seguindo-a, encantado enquanto ela se dirigia à família de Owen.

O tilintar dos pequenos sinos marcaram a passagem dela, fazendo-o olhar para uma correntinha de onde pendiam vários sininhos, presa ao tornozelo delicado.

D.J. tossiu propositalmente para trazê-lo de volta de seu devaneio. Foi então que Victor notou que ela se sentou entre os dois adolescentes e começou a sussurrar ao ouvido de Owen. Quando o garoto engoliu em seco e meneou a cabeça, nervoso, ela sorriu. A expectativa era grande, refletida no silêncio que se fez em seguida.

— Santo Deus! Ela vai mordê-lo na frente de todo mundo! — exclamou D.J.

estupefato.

— Ela não ousaria — comentou Victor.

No entanto, contrariando as expectativas, Elvi inclinou-se em direção ao garoto novamente.

— Precisamos fazer alguma coisa! — gritou D.J. Victor levantou-se de supetão e correu até Elvi.

Capítulo IV

Teddy bloqueou a passagem de Victor.

— O que pretende fazer, filho?

Antes que pudesse persuadir o oficial, Victor percebeu que outros homens se postaram atrás dele, formando uma barreira humana.

Os pais do garoto também o encaravam. Foi então que Victor notou que Owen já havia se levantado e seguido Elvi.

— O que vamos fazer? — indagou D.J. de longe, em um tom tão baixo que apenas Victor poderia ter ouvido.

— Fiz uma pergunta — insistiu Teddy. — Aonde pensa que vai? Não estava pensando em ferir nossa Elvi, não é?

Os outros mortais o encaravam com cara de poucos amigos, como se fossem linchá-lo se ele ousasse se mexer. Victor levantou a mão, indicando para os amigos que não queria arrumar confusão.

Se os poderes dos cinco se unissem, não seria problema algum controlar a multidão. No entanto, Victor bem sabia o trabalho que daria para limpar a bagunça, e depois desgastaria a todos, além de ser muito arriscado.

Assim, ele respirou fundo antes de responder:

— Você me entendeu mal. Eu não tinha intenção alguma de feri-la. Apenas não pude controlar minha ansiedade para conhecê-la.

— Verdade? Então por que está empunhando o cravo de Lerner? — indagou Teddy, sem acreditar no que acabara de ouvir.

Victor levantou a mão, surpreso por estar segurando o pedaço de madeira que, talvez por força do hábito, tivesse tirado do bolso.

— Eu estava trazendo para entregá-lo a você. Com essa desculpa eu me aproximaria de Elvi.

O policial estreitou os olhos para ele e em seguida encarou os demais. Pela expressão dos outros mortais, estavam todos de acordo com Victor. Teddy ficou mais tranqüilo.

— Entendi... você queria ganhar vantagem, não é?

— Digamos que sim.

Teddy meneou a cabeça, demonstrando não estar totalmente convencido. Mesmo assim, pegou o cravo de madeira.

— Deixe-me ver suas presas de novo.

Victor recuou, mas entendeu que Teddy só queria se certificar que ele não era mais um caça-vampiros. Muito a contragosto, Victor entendeu que se não obedecesse não chegaria perto de Elvi.

Teddy examinou os caninos, chegando a tocá-los para ter certeza de que não se tratava de um enxerto. Só então, relaxou completamente.

— Está bem. Mas agora é a vez de Owen. Você poderá conversar com Elvi mais tarde — disse ele, indicando a mesa para a qual os cinco imortais deveriam retornar. — Mabel e eu nos sentaremos com vocês daqui a pouco.

Olhando por cima dos ombros do oficial, Victor percebeu que Elvi os observava de longe, ao lado de Owen.

— Quer dizer que você está aqui a mando do Conselho — Edward voltou ao assunto de antes.

— Eu temia que o Conselho não estivesse contente por ela ter se anunciado em um jornal — comentou Harper.

— Não está mesmo — assentiu Victor.

— E o que eles pretendem fazer? — Edward indagou.

A intenção de Edward era clara. Na verdade, a resposta interessava a todos, uma vez que se preocupavam com o que significaria, aos olhos de seus semelhantes, se Elvi decidisse ficar com um deles.

— Se fosse apenas o anúncio, a pena seria leve, mas há um boato correndo pelas casas noturnas de Toronto de que há uma vampira vivendo em uma pequena cidade ao sul de Ontário.

Os três homens ficaram quietos, embora suas expressões revelassem o quanto estavam preocupados. As leis dos vampiros não eram muitas. Revelar-se ou chamar atenção para si, no entanto, era a de maior importância. A segunda era a proibição de morder mortais, a não ser em casos de extrema emergência.

Victor olhou na direção de Elvi e do garoto. Ambos pareciam estar se divertindo. O medo de antes não era mais visível no rosto de Owen, ao contrário, ele brilhava de alegria. O fato era que, de acordo com as leis, imortais não deviam morder ninguém, também por se denunciarem perante os mortais. De acordo com Teddy, Owen não seria o primeiro, nem o último.

— Tudo indica que ela anda mordendo mortais — murmurou Alessandro.

Entretanto, a atenção de Victor já não estava mais ali, e sim vagando pela mente dos ali presentes. Não demorou muito para constatar que todos sabiam que Elvi era uma vampira. E agora sabiam que eles também eram...

Elvi Black teria problemas com o Conselho. Problemas que poderiam condená-la a passar um dia no sol e ser decapitada ao cair da noite. Ele desejou sinceramente que nenhum deles fosse o escolhido para ser seu companheiro eterno.

— Então... — Teddy chegou à mesa, chamando a atenção de todos. — Mabel e eu

achamos melhor apresentar Elvi a todos vocês, antes que ela leve Owen para o escritório para lhe dar a mordida de aniversário. Depois, quando Mabel for buscar o garoto, ela explicará a Elvi o que vocês estão fazendo aqui.

— Como assim? Não foi ela que nos convidou? — Harper interrompeu.

— Não... — confessou Teddy. — Foi Mabel quem pôs o anúncio, respondeu aos e-mails e os convidou para passar a semana aqui. Elvi não faz idéia de nada disso.

— Não falei?! Ninguém da nossa espécie colocaria um anúncio no jornal! — exclamou D.J., triunfante.

— Pode ser, mas vocês foram tolos o suficiente para responder — retrucou Teddy, visivelmente sem graça por ter se envolvido em um plano casamenteiro.

— Bem, então ela não foi responsável pelo que está acontecendo aqui — acrescentou Harper, olhando para Victor como se quisesse diminuir a lista de contravenções da moça.

— Corre um boato pelas boates de Toronto de que existe uma vampira em uma pequena cidade do Sul — lembrou Victor.

— Elvi costuma freqüentar casas noturnas? — indagou D.J.

— Bem... quer dizer... — Teddy gaguejou.

— Sim ou não? — Victor perguntou, impaciente.

— Não — o policial admitiu, embora relutante. E antes de explicar, correu os dedos pelos cabelos. — Veja bem, vivemos em uma cidade pequena. Existe apenas uma escola, que todos nós já freqüentamos. Somos muito unidos. Muitos de nossos amigos estão envelhecendo e morrendo. O marido de Mabel morreu há seis anos de um ataque cardíaco. O marido e a filha de Elvi faleceram um ano depois, em um acidente de carro. Ou seja, estamos todos em uma curva descendente. Nestes últimos seis meses, perdemos mais três amigos...

Victor ficou em silêncio, ciente do desconforto dos demais imortais. Todos carregavam uma dose de culpa por não se preocuparem com problemas como ataques cardíacos, câncer e outras doenças que só acometiam os mortais. Velhice também não era um problema. Victor, por exemplo, tinha mais de dois mil anos.

— Sofremos muito com essas perdas — continuou Teddy. — Elvi é a que mais sente, pois presencia a morte de seus amigos queridos e sabe que logo estará sozinha. Claro que virão as gerações descendentes, mas nunca mais será a mesma coisa. Não queremos deixá-la sozinha.

Victor estava impressionado com a sensibilidade de Mabel e do policial. Os dois estavam mais preocupados com a solidão da amiga imortal do que com a própria morte. O fato aguçou ainda mais sua curiosidade. Durante toda a sua existência, ele tivera o cuidado de não criar vínculos com mortais justamente por não viverem por muito tempo. A média de uma vida mortal normal era de sessenta e cinco anos, ou seja, ele já havia passado por trinta e quatro períodos semelhantes.

— Por isso Barney, o subdelegado, e eu fomos algumas vezes a Toronto nos últimos meses... — confessou o policial com o rosto corado.

— Inacreditável — Victor murmurou.

— Por quê? — Teddy quis saber.

— Nada, prossiga. O que fizeram nessas viagens?

— Queríamos saber se haveria outros vampiros no Canadá além de Elvi. Achamos que as chances aumentariam se começássemos por uma cidade grande. A idéia de procurar em casas noturnas foi de Barney. Concluímos que talvez os vampiros paquerassem nos mesmos lugares que os mortais. — Depois de um riso sem-graça, ele continuou: — Somos os dois velhos demais para circular nesses ambientes. Mais parecíamos pervertidos à procura de jovens casadoiras. Depois da terceira viagem inútil, Mabel teve a idéia do anúncio. Presumimos que seria possível encontrar um vampiro que estivesse à procura de uma companheira.

Depois de uma pausa constrangedora, onde todos se entreolharam sem saber o que dizer, D.J. levantou-se:

— Preciso ir até o banheiro. Vamos, Victor?

Victor assentiu com um sinal de cabeça e se levantou.

— Pensei que só as mulheres fossem ao banheiro juntas. Mas imagino que vampiros fazem o mesmo no caso de encontrarem alguém disposto a cravar-lhe uma estaca no coração, não é? — indagou Teddy, mostrando o caminho, — Não há com o que se preocupar. Todos aqui em Port Henry são amigos de vampiros.

Victor ignorou o comentário. Seus pensamentos estavam voltados às informações que acabara de ouvir. Ao entrarem no banheiro trataram de dissuadir os que ali estavam a sair logo para que pudessem conversar sem ouvintes.

— Bem, podemos ir para casa agora? Já sabemos que não foi ela quem colocou o anúncio e também não espalhou boatos em Toronto — DJ. ponderou.

— Ainda não. Ela contou sobre sua condição a muita gente.

— Mas não há leis contra isso. Todos nós temos dois ou três conhecidos mortais. Aliás, metade dos funcionários das Empresas Argeneau é mortal; estão cientes do nosso segredo e juraram não espalhar aos quatro ventos.

— Teddy e os outros daqui não se comportam dessa forma — considerou Victor.

DJ. passou os dedos pelos cabelos em sinal de impaciência. Estava claro que quanto mais ele sabia sobre Elvi, mais simpatizava com sua existência.

Victor tinha certeza de que, de acordo com o amigo, ela não era culpada de nada. Contudo, sabia que o Conselho não partilharia da mesma opinião, por serem extremamente cautelosos com aqueles com quem dividiam informações. E por essa única razão, Elvi Black não havia cuidado para que aqueles que sabiam de sua imortalidade mantivessem segredos. Uma cidade inteira partilhando de um segredo não era um conceito válido para cuidado e discrição.

— E se nós pedirmos para que se mantenham calados daqui para a frente? — D J. sugeriu, esperançoso.

— Você se esqueceu de que ela está mordendo mortais? — indagou Victor, lembrando-o de que Elvi estava na linha de colisão direta com o Conselho. Era trabalho de ambos cuidar para que o processo fosse revertido.

— Tive esperanças de você relevar essa parte — D.J. considerou, depois de soltar um longo suspiro. — Quem será que foi o mentor dela? Ele deveria tê-la prevenido sobre tudo isso.

— Como pode garantir que ela não sabe o que está fazendo? — questionou Victor, cético.

— Se soubesse das conseqüências, ela não estaria afrontando nossas leis tão

acintosamente. Fazer de uma mordida um ritual de passagem para a maturidade é bem diferente do que se esgueirar pelos becos escuros à espreita de um mortal desavisado.

D.J. estava certo, considerou Victor. A menos que Elvi desejasse morrer decapitada, o que seria um absurdo ainda maior, ela não podia ter ciência do que estava fazendo.

— Este será nosso objetivo. Temos de descobrir se ela conhece nossas leis e quem é seu mentor.

— O que nos interessa saber do mentor? Ele não pode ser responsabilizado pelas atitudes dela.

— Pode, se não a alertou sobre nossas leis.

— Bem, o único que cometeria um erro desses seria um renegado.

— Exatamente.

— Isso quer dizer que deve haver um degenerado entre nós de que ainda não temos conhecimento. Ele deve tê-la transformado e largado-a à própria sorte — constatou D.J., como se estivesse pensando alto. — O Conselho a puniria se soubesse que ela desconhecia as Leis?

— A ignorância não é perdoada nem em uma corte de mortais.

— Mas não houve a intenção.

— Você está se saindo um belo advogado de defesa — Victor observou com um sorriso irônico.

— Não é má idéia. Já gosto dela a ponto de defendê-la diante do Conselho.

— Como pode dizer isso se nem a conheceu ainda?

— Gostei do lugar, além de ter lido a mente de Teddy. Ele acha que ela é uma mulher incrível, além de ser um dos pilares desta comunidade. Mesmo depois da transformação, ela não deixou de ser voluntária de todas as entidades beneficentes da cidade e participar de todos os eventos. Ela é uma boa pessoa, Victor. Prova disso são os amigos se disporem a ajudá-la como estão fazendo.

— Bem, então tratemos de juntar todas as provas para que ela tenha um julgamento justo. Caso contrário, temo que ela perca a cabeça, literalmente.

D J. apertou os lábios e os dois voltaram para a mesa.

— Estão prontos? — perguntou Teddy. E assim que os dois assentiram, levantaram-se todos. — Vamos até lá então. Por favor, fiquem de boca fechada quanto ao anúncio. Pelo menos até que Mabel possa conversar com Elvi.

— Por que não nos apresentar depois da conversa das duas? — questionou Edward.

— Você não conhece Elvi. Se ela souber o que aprontamos, vai ficar tão brava e sem graça que é capaz de se recusar a encontrá-los. Agora, venham...

— Então... — Harper abriu caminho para que Victor seguisse à frente do grupo.

Quando estavam se aproximando de onde Elvi estava, passando pela estátua das iguanas, Victor detectou um movimento pelo canto dos olhos. No segundo seguinte, parte da estatueta separou-se das demais e pulou para cima dele.

Capítulo V

— Eu não disse que tinha visto o bicho se mexer? — gritou D.J.

Victor nem ouviu os gritos e a balbúrdia que se seguiu, tão concentrado que estava na mulher do tipo *mignon* que lhe pressionava um guardanapo no pescoço. Ele mesmo tinha urrado de dor quando o animal caíra sobre seu ombro, agarrando-o no pescoço e subindo até a orelha. Sua reação foi imediata, puxando o animal pelo rabo, para horror dos presentes.

Chamando por Pedro, Elvi abandonou o aniversariante e correu para o lado de Victor. Pegou a iguana, passando-a para o mexicano baixinho, que vinha correndo da parte de trás do restaurante, e ao pegar mais guardanapos em uma mesa próxima, pressionou-lhe o ferimento do pescoço.

— Sinto muito. Ele nunca fez nada parecido desde que abrimos o restaurante — desculpou-se Elvi, puxando Victor para se abaixar para que não precisasse ficar na ponta dos pés para alcançar-lhe o ferimento da orelha.

Obedecendo, ele se curvou, terminando por ficar com os lábios bem próximos ao decote discreto dela, mas que não deixava de insinuar a curva dos seios fartos.

— Acho melhor limparmos o ferimento e colocar um curativo — concluiu ela um tanto titubeante ao se afastar, privando-o da visão daqueles seios maravilhosos. — Venha comigo.

Victor aguardou enquanto ela se desculpava com o aniversariante e sua família. Depois a seguiu como que hipnotizado pela cadência dos quadris arredondados, que o guiaram até um pequeno escritório. Ali havia duas cadeiras, uma mesa, um frigobar e uma estante.

— Sente-se — pediu ela, seguindo até um armário de metal e abrindo uma das portas.

As prateleiras continham pilhas de papéis, cuidadosamente arrumadas. Dali, ela tirou uma bolsinha de primeiros socorros e pegou um pequeno vidro marrom e um chumaço de algodão, que embebedou com o líquido.

— Vai arder um pouco — preveniu ela, limpando-lhe o pescoço e a orelha com todo o cuidado.

Victor estava imóvel, nem se dando conta do leve ardor, envolvido que estava pelo perfume de Elvi. Era uma mistura de aromas, de baunilha e alguns temperos da cozinha, algo indecifrável que o fez salivar. Pressionando os lábios, ele prendeu a respiração para não se deixar dominar pelo desejo, mais foi impossível controlar algo que já o embriagava.

— Humm... Não está tão feio quanto eu esperava — comentou Elvi.

Ele continuou quieto. O ferimento tinha sido profundo, porém àquela altura, por sua condição sobrenatural, já estava cicatrizando. Estranho que ela não o tivesse identificado como imortal, pois entre eles, o reconhecimento era imediato. Se bem que, se não tivesse aprendido, ela não poderia captar os sinais que a mente e o corpo dele lhe enviavam.

De repente, Victor sentiu que ela parara de se mexer. Virando-se para encará-la, notou-lhe os olhos castanho-claros com as íris circundadas de verde, que emitiam um brilho dourado. Ela mordiscava o canto da boca e suas presas ficavam mais evidentes enquanto olhava para o sangue na cabeça dele.

Bem, não era de se surpreender. Elvi deveria estar com fome para que o sangue a deixasse com o olhar parado daquele jeito. Divertindo-se com a situação, Victor esperou para ver o que ela faria a seguir.

— Oh... — murmurou ela. Pálida por ter sido surpreendida com as presas tão visíveis, e levando a mão à boca, livrou-se do algodão com sangue. — Acho que logo estará bom. Caso contrário, seria melhor que fosse ao médico amanhã.

— Não preciso de médico — disse ele, observando-a com atenção. — Aqueles da nossa espécie costumam cicatrizar rapidamente.

Elvi ainda estava de costas, virando-se devagar para encará-lo.

— Nossa espécie? — perguntou ela, ainda com a mão na boca.

— Imortais, vampiros... — ele disse vagarosamente, mencionando o termo que Teddy e Mabel usaram algumas vezes.

— Você... Você é igual a mim?

Victor assentiu e ela baixou a mão e deixou-se cair na outra poltrona. Passaram longos minutos sem dizer nada. Ela só voltou a se pronunciar depois que seus caninos tinham se retraído totalmente:

— Assim que voltamos do México, Mabel e eu tentamos encontrar outros parecidos... — Com as mãos trêmulas, ela afastou uma mecha de cabelo dos olhos.

— Você precisa se alimentar — comentou ele.

Ela então se levantou relutante e dirigiu-se para o frigobar, de onde tirou uma embalagem de sangue. Evitando olhar para o convidado, ela pegou uma tesoura, cortou a ponta da embalagem e despejou o conteúdo em uma caneca. Victor observou, divertindo-se com o ritual. Quando ele meneou a cabeça, ela levou a caneca à boca, virando o conteúdo de uma só vez.

— Pensei que fosse se alimentar de Owen — comentou ele.

Elvi riu, enquanto enchia a caneca novamente.

— Nada disso. Acho que ele vai se apavorar no último instante, bem como os outros.

— Não entendi...

— Todos eles vêm aqui, mas na hora... — Elvi deu de ombros e emborcou o restante do líquido.

— Se é assim, por que não desiste dessa história de mordida de aniversário?

— Como sabe sobre isso? — indagou ela, curiosa.

— Teddy me contou.

Algo no tom de voz dele deixou claro que não estava impressionado com o assunto. Ela meneou a cabeça, colocou a caneca sobre a mesa e explicou:

— Essa história começou com uma brincadeira. Certa noite um grupo de adolescentes veio ao restaurante. Um deles começou a me provocar, querendo que eu o morderse. Ele chegou a cortar a mão para que seu sangue me incentivasse. A minha

vontade foi de sugar a palma da mão dele, mas claro que não foi o que fiz. Dei risada e respondi que não mordia crianças. Fui tola o suficiente para dizer que voltasse quando atingisse a maioridade. — Elvi abriu um sorriso antes de continuar: — Dois meses depois, ele voltou no dia em que fazia dezoito anos. Tentei dissuadi-lo da idéia, mas não foi possível. Mabel me disse que não faria mal algum, já que ele estava querendo tanto, além de economizarmos um pacote de sangue.

— Então você finalmente o mordeu. Elvi negou com um sinal de cabeça.

— Para desapontamento dos amigos, eu o trouxe até aqui. Eu não o morderia na frente de todos, não é? Além do mais...

— Além do mais? — Victor a incentivou quando ela pareceu titubear.

— Não importa. Na verdade, notei o quanto o garoto estava amedrontado, e que se recuasse diante dos amigos não iria ficar bem. Por isso eu o trouxe até aqui e disse que ele não precisava ser mordido de verdade. Bastava que eu pusesse um curativo no pescoço dele e sustentasse a mentira de que a mordida havia se consumado. Foi divertido vê-lo contar aos amigos como a experiência havia sido "chocante". Claro que, com a publicidade, não demorou a aparecer outro aniversariante. Agora a brincadeira ficou conhecida como a "Mordida de Aniversário". Eles vêm aqui apenas porque os amigos empurram, e gostam da expectativa. Há os mais corajosos, que insistem em serem mordidos. Acho que atendo ao pedido de no máximo um em cada cinco. De um jeito ou de outro, saem daqui com um *band-aid* no pescoço, além de ganharem um bolo de aniversário que eu mesma faço.

— E saem alardeando o feito... — murmurou Victor.

— É um comportamento esperado de garotos, não? — Elvi deu de ombros.

Victor ficou quieto. Aquela informação mudava o rumo das coisas e talvez salvasse o lindo pescoço de Elvi. Não era possível prever o julgamento do Conselho. Existiam as mordidas entre imortais e suas amantes, essas eram ignoradas pelas leis. Alguns daqueles garotos haviam sido mordidos por vontade própria e, de certa forma, por amor. No entanto haviam sido muitos, portanto o argumento talvez não funcionasse como defesa no julgamento final. Afora isso, havia o fato de que ela não estava mantendo segredo sobre sua condição. A cidade inteira sabia de sua imortalidade.

Uma batida na porta interrompeu os pensamentos de Victor. Elvi apressou-se em abrir a porta, revelando o aniversariante inseguro.

— Mabel me disse para vir aqui — murmurou Owen, alternando o olhar entre Elvi e Victor.

— Claro! — exclamou Elvi, fazendo-o entrar. Depois virou-se para Victor: — Será que pode nos dar licença?

Victor saiu, fechando a porta atrás de si. Em vez de voltar para a mesa, resolveu ficar ali, escutando para se certificar da história que acabara de ouvir.

Com pesar, Elvi olhou para a porta fechada. Havia sido a primeira vez que conhecera um vampiro de verdade. Eram tantas as dúvidas que gostaria de tirar... Pena que tivesse perdido a oportunidade, pois Victor era um forasteiro. Quem sabe aqueles outros homens que o acompanhavam no restaurante também fossem imortais. Talvez quando terminasse a sessão com Owen e voltasse para o salão todos já tivessem ido embora.

Sentiu-se uma tola conversando sobre as "Mordidas de Aniversário" e sua origem. Verdade que tinha sido questionada, mas culpava-se por ter sido tão prolixa e ter ao menos feito uma ou duas perguntas.

Por que tinha se transformado? Será que havia perdido a alma de fato? Poderia recuperá-la?

Para ser bem sincera, sabia que não era apenas o fato de ele ser um imortal que a tinha deixado tão desconcertada. Antes mesmo de ele se revelar um vampiro, já tinha ficado impressionada pelo porte físico e o rosto de beleza singular. Sem contar com o perfume que a deixara entorpecida. Fazia muito tempo que não sentia o corpo reagir de forma tão intensa diante de um homem.

Tinha conhecido o marido durante a época de escola e se apaixonado. Os dois haviam crescido juntos e terminaram por desenvolver um caso de amor confortável.

Elvi não se recordava de ter se sentido tão abalada diante do falecido e nem de qualquer homem que já conhecesse. Talvez o perfume do sangue tivesse sido o responsável pela indomável atração, já que estava com fome.

Pensar que havia reagido como uma colegial inexperiente a mortificava. Agora, ali estava ela, confusa. Em parte seria bom se não o encontrasse novamente, porque não saberia como reagir. Por outro lado, entristecia-se. Talvez tivesse de esperar mais cinco anos até encontrar outro homem de sua espécie para poder sanar todas as suas dúvidas.

Suspirando, virou-se para Owen, que a aguardava impaciente.

— Bem...

O garoto estava visivelmente apavorado, olhando para o chão enquanto seu corpo tremia por inteiro.

— Não precisa passar por isso se não quiser — Elvi o confortou.

— Se eu recuar, serei alvo de chacota dos meus amigos até a morte.

Elvi considerou a possibilidade de sugá-lo rapidamente, mas vê-lo assim tão apavorado a demoveu da idéia.

— Seus amigos não precisam saber do que aconteceu aqui — garantiu ela, ao abrir uma gaveta da mesa, puxando uma caixa de curativos. Escolheu um com as palavras "Feliz Aniversário". — Coloque isto no pescoço e finja que eu o mordi. Ninguém precisa saber da verdade.

Owen arregalou os olhos ao ver o *band-aid* como se fosse sua tábua de salvação.

— E o que eu digo quando me perguntarem como foi?

— Diga que não nos beijamos.

— Tinha beijo também? — indagou ele com visível interesse.

— Não — respondeu Elvi, rindo da frustração do garoto. — É apenas uma maneira de dizer que você não seria indiscreto para contar detalhes.

Ficou claro que, se houvesse beijo, Owen mudaria de idéia e até a deixaria sugar-lhe o sangue. Contudo, apesar de sua aparência de vinte e cinco anos, Elvi não tinha vontade nenhuma de beijar garotos. Mesmo porque sentia o peso de cada segundo de seus sessenta e dois anos vividos. O que era, de fato, um estranho paradoxo.

Antes da transformação, Elvi sentia-se presa a um corpo envelhecido, que lhe restringia alguns movimentos. Enquanto as rugas se acumulavam por fora, ela sentia-se cada vez mais remoçada por dentro, sem se importar com a contagem cronológica do tempo. Agora o processo era o inverso, estava com um corpo jovem e a mente de uma experiente mulher de sessenta e dois anos.

— Aqui está, ponha isto no pescoço — disse ela, estendendo o *band-aid* para

Owen. Em seguida pegou a caneca e virou o restinho de sangue que ainda continha ali. O sabor que antes a fazia arrepiar-se agora não a incomodava. Cuidou para não deixar que o menino percebesse o que estava tomando e não se sentir enojado, como qualquer outro mortal.

— Que gosto que tem? — indagou ele, mostrando que os esforços dela em esconder a bebida foram em vão.

Elvi colocou a caneca de volta na prateleira enquanto pensava no que responder.

— Você nunca sugou sangue de um corte no dedo? Então, o gosto é o mesmo.

— Seu paladar não mudou, agora que virou uma vampira?

— Um pouco — admitiu ela, lembrando-se que era encarada como uma aberração, o que a aborrecia bastante. — Por que não volta para a sala? Fiz um bolo para você.

— Obrigado por isso — disse Owen, passando os dedos sobre o curativo no pescoço.

— De nada. Feliz aniversário.

— Obrigado e boa sorte hoje.

Elvi se preparava para sair também quando ouviu o comentário sem sentido. Assim, fechou a porta novamente.

— Por que me desejou boa sorte? Esta é uma noite como outra qualquer.

— Ah, não. Você não notou os outros vampiros lá na sala?

— Quem? — perguntou ela, surpresa.

— Puxa vida, eu deveria ter ficado quieto. Era surpresa. Mas, como já faz algumas semanas que isso vem sendo planejado, achei que Mabel já tivesse contado.

— Não faço ideia do que esteja falando. Que surpresa é essa?

Owen se mostrou hesitante e seu rosto corou, até que finalmente bateu com as mãos nas pernas e confessou:

— Depois do que fez por mim, acho que devo contar...

Elvi sentou-se e esperou pacientemente o garoto começar o relato.

— Se ela já cuidou do seu ferimento, acho melhor voltar para a mesa com os outros.

Victor levou um susto com o tom frio de voz que o flagrou. Afastando-se da porta, olhou para Mabel sem saber como justificar sua presença ali.

— Eu só estava...

— Sei bem o que fazia — ela o interrompeu.

Victor arregalou os olhos quando a viu enfiar a mão no bolso, temendo que ela fosse tirar uma arma dali.

— Volte para sua mesa, por favor — insistiu ela, sem tirar as mãos do bolso.

Victor admirou a determinação e a falta de medo de Mabel, que na certa não fazia a menor ideia a quem estava desafiando. Ele poderia ter se defendido de alguma forma, mas resolveu não dar ao fato uma importância exagerada. Porém, antes de sair, não resistiu ao impulso de se aproximar mais para ao menos amedrontá-la pela diferença de estatura. Ainda com postura firme, Mabel puxou um crucifixo do bolso e apontou para ele.

— Afaste-se.

Surpreso, Victor parou com os olhos arregalados e fixos na cruz, que ela empunhava como um escudo. Aquela não era a arma que esperava. Aliás, fazia séculos que não via algo parecido. Ficou claro que, como Elvi, Mabel também não sabia que crucifixos e outras relíquias religiosas não o afetavam.

— Pode guardar isso — disse ele, odiando causar um medo desnecessário em alguém. — Nada disso me afasta e não vou fazer mal algum a você.

Mabel limitou-se a apertar os olhos. Percebendo que não havia sido convincente o suficiente, Victor pegou o crucifixo.

— Viu? Minha mão não queimou — sentenciou ele, devolvendo o objeto e afastando-se para tranquilizá-la. — Eu estava ouvindo atrás da porta para ter certeza de que Elvi não precisava de ajuda. O garoto estava muito amedrontado. Agora sei que ela se saiu muito bem, e posso voltar para meu lugar e aguardá-la junto aos outros.

Com a dignidade restaurada, Victor apressou o passo para o salão.

Capítulo VI

— Não acredito! — Elvi exclamou, levantando-se. O que eles fizeram?

Owen engoliu em seco.

— Eles puseram um anúncio nos classificados do jornal à procura de um vampiro para você. Seis deles se apresentaram. Se não me engano, cinco já chegaram.

Ao vê-la tão alterada, Owen resolveu se levantar e sair dali.

— Acho melhor eu voltar para minha mesa. Obrigado mais uma vez.

Elvi ouviu a porta abrir e fechar. Deixou-se cair na poltrona com a cabeça girando. Não era possível que Mabel e Teddy tivessem feito tamanho absurdo. Deus do Céu!

Naquele instante, ficou em dúvida se ria, chorava ou jogava coisas contra a parede. Antes que pudesse decidir, Mabel entrou na sala.

— Encontrei Owen no corredor. Está tudo bem? — perguntou, e notando a embalagem de sangue vazia, entendeu que nada havia acontecido. — Mais um que saiu correndo, não foi?

Como um autômato, Elvi se levantou, pegou a embalagem, jogou-a no lixo e postou-se diante de Mabel.

— Não posso acreditar que você colocou um anúncio no jornal procurando um vampiro para mim. E como se não bastasse, seis deles responderam e você os convidou para passar a semana aqui. Por favor, diga que estou sonhando.

— Owen estragou a surpresa.

— A culpa dele não é nada perto da sua.

— Está certo, admito que eu deveria ter consultado você antes da chegada deles. Mas tive receio de que ficasse chateada.

— Pode ter certeza de que estou furiosa — desabafou Elvi. — Qual era a sua idéia?

— Quero dizer... — Mabel vacilou antes de continuar.

— Estou com sessenta e dois anos, acho que não me resta muito tempo de vida...

— Nem toque nesse assunto! — advertiu Elvi. Mabel balançou a cabeça, desolada.

— Minha querida, nós duas perdemos nossos maridos. Três dos nossos melhores amigos morreram nos últimos seis meses. Quem pode prever quanto tempo ainda me resta? Fico muito triste em pensar que não vai demorar muito para você ficar sozinha.

Os olhos de Elvi se encheram de lágrimas. Por mais raiva que tivesse do plano de Mabel, tinha de admitir a cruel realidade. As pessoas queridas estavam se despedindo, uma a uma. Cada perda era um sofrimento, sem contar com o peso de saber que, para ela, a morte já não representava mais nada.

— Minha intenção foi das melhores. Se acharmos alguém que possa lhe servir de companhia por... um bom tempo...

— Acho que não estou preparada para voltar a namorar — Elvi admitiu, triste.

— Não seria exatamente assim — Mabel contemporizou, embora a amiga a olhasse com descrença. — Vários homens responderam ao anúncio. Eu me correspondi com eles e escolhi aqueles que achei os melhores. Eles também são bem apresentáveis, quero dizer, a não ser aquele que a iguana de Pedro mordeu. Esse me pareceu um encrenqueiro. Os bichos são sensíveis, talvez por isso tenha sido justamente ele a ser atacado.

Elvi piscou, ainda confusa com as novidades. Então, aqueles homens não eram apenas forasteiros, estavam ali para conhecê-la! Pior, com o anúncio, ficara parecendo que ela estava desesperada à procura de um namorado!

— Deus do Céu! — exclamou, sentindo-se humilhada.

— Vai dar tudo certo — garantiu Mabel, quando Elvi voltou a se sentar, cobrindo o rosto corado com as mãos. — Teddy e eu já providenciamos tudo. Para você só ficou a tarefa de analisar os candidatos e sentir se um deles pode vir a ser seu companheiro para a eternidade. Simples assim.

— Aposto que todos acham que sou uma velha desesperada a ponto de anunciar minha futura solidão no jornal.

— Se eu tivesse a sua aparência, não me preocuparia nem um pouco com minha idade. Pela sua lógica, eles também estariam desesperados, já que responderam ao anúncio. Além do mais, fui eu quem procurou o jornal. Portanto, quem é a desesperada?

— Ah, isso é tão constrangedor...

— Bobagem sua. E não precisa namorar, você é quem vai reger a orquestra.

Elvi afundou o rosto nas mãos de novo.

— Veja o lado positivo. No mínimo você terá amigos que não ficarão caquéticos com o tempo. Quem sabe não acaba conhecendo também alguma outra vampira? Será um novo círculo de amigos, nada mais.

O argumento acalmou a angústia de Elvi. Talvez Mabel estivesse com a razão. Se conhecesse outras pessoas de sua espécie, não teria tantas dúvidas. Seria, no mínimo,

interessante conhecer um pouco mais sobre sua nova existência.

— Owen me disse que há seis deles no restaurante.

— Ah, são quatro. O quinto é amigo daquele que a iguana mordeu — contou Mabel, meneando a cabeça. — Não é infantil demais trazer um amigo para uma tarefa dessas?

— Talvez tão imaturo quanto colocar um anúncio no jornal procurando namorado — Elvi revidou, sarcástica.

Mabel suspirou e resolveu não continuar com o assunto.

— Você me parece cansada.

— Não deveria. Você me deixou dormir até mais tarde.

— Percebendo que havia sido rude demais, Elvi acrescentou:

— Confesso que estou esgotada.

O cansaço de Elvi era emocional, pelo fato de que agora era uma vampira. Uma pessoa morta e desalmada.

— Estou bem — disse ao notar a preocupação estampada no rosto de Mabel.

— Você não tem tomado a quantidade de sangue que precisa. Talvez esteja anêmica.

— Não acredito que vampiros sofram de anemia, Mabel.

— Por que não vai para casa descansar? Quem sabe não seja melhor encontrar esses homens de um jeito mais natural? Afinal, estaremos todos sob o mesmo teto.

Elvi considerou a proposta. Apesar de já ter conhecido um dos vampiros e se interessado por ele, não se imaginava sentada a uma mesa cheia de Dráculas estudando-a sobre todos os ângulos.

— Acho que tem razão. Ainda não estou preparada para um encontro desses.

— Agi errado. Eu deveria ter contado antes para você se preparar...

Embora a intenção fosse boa, Elvi sabia que precisava de mais tempo para se preparar para ser uma imortal. Cada dia enfatizava ainda mais as diferenças que passara a ter dos amigos mortais. Não só pelo fato de dormir em um caixão, ou não poder mais se olhar no espelho, mas as diferenças enfatizavam-se a cada dia, mesmo que Mabel se esforçasse ao máximo para não deixá-la lembrar do assunto.

Pensando daquela forma, poderia incorporar o apelido de "Rainha da Negação", uma vez que desde a transformação não agira de maneira diferente.

— Vá para casa, mude de roupa, acenda a lareira e tome um cálice de vin... de sangue.

Ali estava uma prova típica de que jamais voltaria a ser como antes. Embora acostumada com a nova condição da amiga, Mabel cometia deslizes como aquele, vez ou outra. O que era de se esperar. Apreciar um cálice de um bom vinho em frente à lareira era normal e relaxante. Uma taça de sangue em frente ao fogo jamais teria a mesma conotação.

— Vou fazer companhia aos nossos convidados até o restaurante fechar — anunciou Mabel, pouco antes de Elvi abrir a porta dos fundos e sair.

Victor tamborilava os dedos sobre a mesa com o olhar fixo na cortina de contas que precedia a parte dos fundos do restaurante. Em alguma hora, Elvi teria de aparecer. Afinal o lugar já estava quase vazio e ela os havia deixado esperando por horas a fio. Ao menos estava vivenciando uma experiência inusitada, algo quase impossível para um homem de sua idade.

Olhou para Mabel, que circulava acompanhando os últimos fregueses até a porta. Ela era uma mulher determinada e objetiva. Haja vista as perguntas diretas que havia feito a cada um deles. Quis saber como cada um ganhava a vida, se eram casados, quais os interesses... Por várias vezes ficou tentado a apagar a memória dela. Percebeu que os outros compartilhavam de sua vontade, só não o fizeram por respeito. Afinal Victor era o mais velho, trabalhava como oficial do Conselho, além de pertencer a uma das famílias mais antigas de sua espécie.

Embora a brincadeira da mordida pudesse ser julgada imprópria pelo Conselho, não restava dúvida de que aquelas pessoas haviam agido por amor e lealdade a uma pessoa querida. Talvez tanto Mabel quanto o policial pudessem testemunhar no Conselho em favor de Elvi.

Ele parou de bater os dedos na mesa quando Mabel se despediu do último freguês, trancou a porta da frente e se aproximou da mesa deles.

— Será que agora vamos finalmente conhecer Elvi? — Victor foi o primeiro a questioná-la.

Teddy olhou para ele com espanto.

— Elvi se recolheu já faz tempo. Nós não os avisamos?

— Certamente que não. Caso contrário, por que estaríamos aqui observando mortais comendo? Pensei que todo esse exercício fosse para encontrar Elvi.

— E vocês vão conhecê-la — interveio Mabel. — Mas ela estava exausta. Sugeri que se recolhesse e se acostumassem com a idéia do que a preparamos para essa semana.

— Ou seja, ela ficou chateada com o que vocês aprontaram sem seu consentimento — Victor provocou.

Mabel fingiu não ter ouvido e anunciou:

— Teddy e eu vamos levar vocês para casa.

— Eu vou com você — D.J. adiantou-se.

Victor notou que Mabel não gostou muito da idéia, pela expressão de contrariedade em seu rosto. Ele próprio estranhou o comportamento do amigo, que não costumava agir como um adolescente ansioso. Ainda mais porque Mabel já o tinha despachado e criticado durante as poucas vezes que viera até a mesa deles.

Aquela mulher não daria nenhuma referência boa sobre os dois. A ele não faria diferença nenhuma, mas a julgar pelo comportamento de D.J., não saberia dizer até que ponto o fato afetaria o amigo.

— Então os outros vão comigo — chamou Teddy.

— E quanto aos nossos carros? — D.J. quis saber.

— Podem continuar onde estão. A casa não fica longe daqui. Vamos levá-los apenas para mostrar onde fica — Mabel explicou enquanto se dirigiam para os carros. Quando ela parou ao lado de uma caminhonete vermelha e D.J. foi para o lado do passageiro, ela ordenou: — Vá para o banco de trás.

Victor se conteve para não cair na gargalhada ao ver o amigo obedecer sem discutir.

A pousada era realmente perto. Em cinco minutos os carros pararam em frente à casa de tijolos em estilo vitoriano.

— Há somente seis quartos para hóspedes. Isso significa que dois de vocês terão de dormir juntos — anunciou Mabel ao abrir a porta da frente; e olhando para Victor, concluiu: — Como você trouxe alguém que não foi convidado, seria de bom-tom se fossem vocês a dividir um aposento.

Nenhum dos dois comentou nada, embora fosse difícil para Victor acatar ordens expressas daquela forma.

— Que adornos maravilhosos! — exclamou Edward, prestando atenção no acabamento dos batentes das portas, para depois voltar a seguir Mabel. — São da época vitoriana.

— São, sim — Mabel respondeu sorrindo, algo de que Victor a julgara incapaz. — Esta casa foi construída em 1890.

— Este trabalho é uma obra de arte — Edward continuou a falar, agora deslizando a mão pelo corrimão. — As pessoas nessa época entendiam a beleza do artesanato.

— Estou totalmente de acordo. — Mabel diminuiu o passo para caminhar ao lado de Edward.

Victor teve vontade de amordaçar o outro vampiro, que na certa estava se exibindo.

Quando chegaram ao segundo andar, Mabel parou diante de uma porta ao final de um pequeno corredor.

— D.J. e Victor vão dormir aqui.

O quarto era grande e bem-iluminado. No centro, havia uma cama de casal *king-size*, duas poltronas, uma mesa e uma cadeira diante da janela e um frigobar. Entrando no quarto, Victor viu que havia um *closet* com armários e um banheiro conjugado.

— Se abertas, as poltronas transformam-se em uma segunda cama — anunciou Teddy, apenas para se fazer presente. — Se bem que suponho que vocês não as usarão. Há bastante espaço se quiserem trazer seus caixões.

Victor não achou graça nenhuma na piada de mau gosto. Como Mabel não riu, ele supôs que talvez o policial estivesse falando a sério. O pequeno grupo de pessoas saiu dali e seguiu para uma escada que conduzia ao terceiro andar, que havia sido reformado recentemente. O madeiramento já não era tão rebuscado. Os quartos eram semelhantes ao anterior, todos equipados com uma cama de casal *king-size*, poltronas, frigobar e um banheiro.

— Não sabíamos como vocês costumam se alimentar, por isso fiz uma pequena provisão de embalagens de sangue — comunicou Teddy quando Edward abriu a porta da geladeira e viu vários saquinhos empilhados. — Gostaríamos que não mordessem os habitantes da cidade.

— Não se preocupe com isso — disse Harper, evitando olhar para Victor, que os acompanhou por mera curiosidade. — É contra nossas leis morder mortais, a menos que seja um caso de emergência.

— E mesmo? — indagou Teddy com o cenho franzido, obviamente considerando que Elvi estaria infringindo a lei. Para defendê-la, inflou o peito para dizer: — É bom

saber, mas eu represento a lei aqui em Port Henry. Podem me procurar se houver algum problema. Se o caso for o inverso, eu os encontrarei.

O aviso soaria como uma ameaça se Victor e os outros fossem meros mortais. Talvez por terem convivido com Elvi por muito tempo e sendo ela de fácil trato, Teddy assumira que outros imortais fossem iguais. Havia muito que ensinar para aquelas pessoas, e para sorte do policial, Victor não estava interessado em ser professor.

— Vou buscar meu carro.

— Eu também vou. Assim evito que você seja preso pela polícia — brincou D.J.

Victor sorriu, sabendo que o amigo havia entendido sua intenção de se alimentar no caminho.

— Não precisa, prefiro ir sozinho.

Elvi estranhou o comentário de D.J. sobre precisar vigiar Victor. Ao ver que outros dois homens apareceram em seu campo de visão, ela apertou os olhos para tentar enxergar melhor pelo buraco da fechadura. Um deles tinha cabelos loiros e ralos, o outro era um pouco mais baixo e moreno. Os dois eram deveras atraentes.

— Eu não esperava tudo isso. Elvi não disse que haveria outros candidatos — comentou o homem de cabelos escuros.

— Mabel, você quer dizer — corrigiu o loiro. — Foi ela que escreveu os e-mails.

— Si. Mabel.

— Eu também não esperava tanta concorrência. Mas assim é a vida — admitiu o loiro, dando de ombros.

— Verdade... — comentou o moreno para em seguida completar: — Não me incomodo com você ou Victor, mas não gosto de Edward.

— Bem, tomara que ele consiga ler a mente dela, assim será um a menos...

— Ele será um perfeito cavalheiro na frente de todos. Por trás, fará de tudo para nos afastar. Veja como está galanteando Mabel para que ela o indique como o melhor de nós.

— Acho até que ele se infiltrou na mente dela para influenciá-la — comentou o loiro.

— Bem, era de se esperar que alguém não jogaria limpo.

— Vale tudo no jogo do amor e na escolha de companheiras para a eternidade — comentou o loiro secamente.

Elvi não ouviu o que o outro homem disse. Os dois tinham se afastado demais, saindo de seu campo de visão e audição.

— Eu realmente aprecio esta casa. Os Vitorianos tiveram suas falhas, mas em termos de arquitetura eram mestres.

Uma voz diferente chegou aos ouvidos de Elvi. Mabel, Teddy e o quinto homem passavam diante da porta de seu quarto.

— Concordo plenamente, Edward.

Mabel estava entusiasmada demais, o que surpreendeu Elvi. Não era à toa que o loiro que acabara de ver tivesse suspeitado que o tal Edward tivesse influenciado a opinião de Mabel. Era preciso avisar a amiga que aquele sujeito a estava fazendo de boba.

— Vou buscar meu carro — Edward avisou ao passar pela porta de Elvi.

— Teddy pode levá-lo até lá.

Não era do feitio de Mabel oferecer ajuda de outros para qualquer tarefa. Se ela realmente estivesse encantada por Edward, teria agido diferente.

— Claro... — concordou Teddy, pego de surpresa. — Depois preciso voltar à delegacia.

Elvi endireitou o corpo, preocupada com o que acabara de ouvir. Pensou no fato de Edward estar influenciando sua amiga, na razão para o tal Victor precisa ser vigiado para não se meter em encrenca...

Tudo indicava que Mabel havia envolvido todos em uma tremenda enrascada, colocando aqueles estranhos dentro de casa. Até então, os únicos que pareciam ter boas intenções eram o loiro tipo nórdico e o italiano.

Bem, curvada ali, olhando tudo por um minúsculo buraco de fechadura, Elvi concluiu que, além de uma tremenda dor nas costas, não iria conseguir mais nada. Assim, respirou fundo e saiu pela porta do jardim de inverno, anexo a seu quarto, desceu correndo até o andar de baixo e de lá seguiu para o jardim.

Capítulo VII

— Elvi? É você? O que está fazendo aí atrás dos arbustos?

— Olá, Teddy.

Elvi imaginou como explicaria a razão de estar ali escondida. Na verdade pretendia descobrir o que Victor tinha em mente. Mas quando chegou na rua, ele já estava mais de um quarteirão à sua frente. Estava prestes a segui-lo quando o loiro e o italiano apareceram na porta da frente da casa. Para não ser vista, ela optou por esconder-se atrás dos arbustos. Não esperava que Teddy a tivesse visto ao virar a esquina em sua ronda habitual.

— Eu estava checando se tem praga nas plantas — explicou ela.

— Entendo...

Nesse instante, Edward, o loiro com sotaque britânico, apareceu. Elvi se encolheu; não tinha intenção nenhuma de encontrar com o estranho.

— Bem, preciso terminar de examinar as plantas. Até mais, Teddy.

E sem esperar por resposta, correu para a lateral da garagem e se encostou contra a parede.

A rua estava vazia. Não havia sinal de nenhum dos homens, o que significava que seu plano havia fracassado.

— Droga — lamentou-se ao voltar para a casa.

— Ah, eu já ia procurá-la. Está se sentindo melhor? — Mabel a interpelou no

caminho de volta para o quarto.

— Sim — mentiu. Estava com uma tremenda dor de cabeça, provavelmente por não ter conseguido executar o que tinha em mente.

Mabel parou à janela, olhando para a noite estrelada.

— Estava pensando em fazer uma fogueira lá fora.

— Os convidados vão gostar da idéia.

— Acho que foram buscar os carros.

Elvi tinha certeza de que o amigo de Victor estava em casa, mas não disse nada. Limitou-se a seguir Mabel para o quintal.

— Será que poderia trazer um pouco de vinho, enquanto termino de escolher as madeiras mais secas?

Elvi seguiu para a cozinha. Quando havia terminado de encher a taça de vinho, um homem se antecipou para abrir a porta de tela.

— Permita-me...

Era o amigo de Victor.

— Muito prazer, meu nome é D J. E presumo que você seja Elvi.

Ela limitou-se a assentir com um movimento de cabeça e sorriu com o rosto corado.

— D.J. é abreviação de que nome?

— Dieudonne Jules.

— Dieudonne... — repetiu ela, gostando do nome. — Você é amigo daquele outro, quero dizer, não é um dos...

— ...pretendentes — completou ele gentilmente. — É verdade, estou aqui apenas para ajudar Victor. Isso é vinho?

— Sim, para Mabel.

— O perfume é delicioso.

— É o vinho da casa. Nós mesmas o fabricamos — explicou ela, ressentida por não poder degustar a bebida.

— É mesmo? Posso tomar uma taça também?

Elvi arregalou os olhos. Supunha que ele fosse um vampiro também. Talvez fosse um mortal amigo de Victor, assim como Mabel. Antes que pudesse fazer mais perguntas, Victor entrou, vindo da sala.

A primeira coisa que ela notou foi que o curativo que havia feito sumira. Os ferimentos estavam totalmente cicatrizados. Não havia reparado no quanto ele era bonito por estar mais preocupada com o ataque da iguana, e também chocada por saber que ele também era um vampiro.

Respirando fundo, deu-se conta do corpo másculo e perfeito de Victor. Os cabelos negros desciam desalinhados sobre os ombros largos. A camiseta branca e o jeans emolduravam os músculos, evidenciando-os ainda mais. O que mais chamava atenção naquela figura sexy eram olhos brilhantes e de um azul profundo e intrigante de tão belos, emoldurados por longos cílios negros.

— Respire fundo... — D.J. sussurrou-lhe ao ouvido, ao tomar o cálice de vinho das

mãos trêmulas de Elvi.

Ela sentiu o rosto corar e, desviando a atenção de Victor, concentrou-se no pedido de D.J.

— Vou buscar um cálice...

— Se não for incômodo, eu também gostaria de provar — disse Victor, aproximando-se dos dois.

Elvi se surpreendeu por perceber que D.J. havia estranhado o pedido do amigo tanto quanto ela.

— O buquê me parece ótimo — justificou Victor.

Ela não se surpreendeu por ele sentir o cheiro do vinho de longe. Com a transformação, seus sentidos tinham se tornado muito aguçados.

— Elvi? — Mabel abriu a porta de tela. — Por que está demorando tanto?

— Eu estava oferecendo uma taça de vinho aos nossos convidados.

Quando os dois menearam a cabeça, aceitando a bebida, as duas trocaram olhares sem entender o que acontecia.

— Não entendi a piada — comentou Mabel.

Quando os dois demonstraram não entender a razão do espanto das duas, Elvi se antecipou:

— Que eu saiba, vampiros não bebem nada a não ser sangue. Isso quer dizer que não são vampiros de verdade. Que brincadeira é essa?

D.J. ficou boquiaberto diante da constatação. De repente, os caninos começaram a despontar, provando o quanto elas estavam erradas.

— Preferimos ser chamados de imortais e não de vampiros — pediu Victor, enquanto D.J. retraía suas presas. — Podemos beber e comer o que bem entendermos. Se bem que a maioria deixa de fazê-lo pelo enfado da repetição depois de algumas centenas de anos.

— Quer dizer que podemos comer? — Elvi indagou, perplexa. — Eu posso comer?

— Não me diga que não sabia — comentou D.J.

— Mas Drácula não comia — observou Mabel, com evidente espanto e consternação.

— Drácula é um personagem fictício — observou Victor.

— Você está bem? — indagou Mabel, tocando o braço da amiga.

Elvi estava cabisbaixa. Ao erguer a cabeça, seus olhos estavam marejados de lágrimas.

— Eu posso comer...

Dizendo isso, voltou a fechar os olhos. E pensar que fazia cinco anos que havia deixado de comer... Perder o ritual das refeições era do que mais se ressentira com a transformação. Foi quando percebera o quanto os mortais se socializavam à mesa.

Aniversários, casamentos, festas... tudo era celebrado com bolos ou comidas de qualquer espécie; amigos costumavam se encontrar para tomar um café ou um drinque; todos os encontros sociais de que tinha conhecimento se davam em torno de bebidas ou refeições. Diante disso, ela havia se privado de compartilhar de vários eventos por achar

que as pessoas não se sentiriam à vontade em sua presença, ou mesmo culpadas por ela não mais poder desfrutar dos prazeres do paladar.

Além do mais, havia o lado emocional. Elvi adorava comer e cozinhar. Amava o cheiro, a aparência e o gosto de cada prato. Privar-se de algo tão precioso havia sido uma tortura.

Descobrir que podia voltar a um antigo hábito a fez correr e abrir a porta da geladeira.

— Oh, Mabel... — lamentou-se.

— Desculpe, minha querida, estou de regime — respondeu a outra ao postar-se a seu lado diante das prateleiras repletas de frutas e legumes.

Elvi imaginava encontrar, no mínimo, um grande e apetitoso *cheesecake*.

— Preciso ir até o supermercado — declarou, convicta.

— Como? Deve estar fechado a esta hora.

— Nada disso, o A&P fica aberto vinte e quatro horas — disse ela, passando por todos. — Onde estão as chaves do carro?

— Espere um pouco, vou só trocar de sapatos e pegar minha bolsa — declarou Mabel.

— E a fogueira? — indagou Elvi, sem paciência para esperar a amiga se arrumar.

— É verdade, eu tinha me esquecido.

— Sem problemas, vou sozinha.

— Meu carro está bloqueando o seu — informou Victor. — Posso levá-la, enquanto D.J. ajuda Mabel com o fogo.

— Não preciso da ajuda de ninguém — ralhou Mabel.

— Bem sei que não precisa mesmo. Aliás, nós dois juntos promoveremos altas labaredas — comentou D.J., dando um tom de sensualidade à voz.

O comentário calou a todos em surpresa, inclusive Victor. Elvi preocupou-se também, mas estava focada no que queria comer. Optou por deixar Mabel resolver o assunto com D.J. sozinha. Afinal, havia sido ela a insistir que vampiros não podiam comer, privando-a de um de seus maiores prazeres.

— Então vamos logo, estou com pressa — disse a Victor, já a caminho da saída.

— *Cheesecake*, sorvetes, chocolates... — seguiu murmurando até a garagem.

— É essa a sua lista de compras? — perguntou Victor rindo ao se apressar para acompanhá-la.

— Isso é apenas o começo — respondeu ela, parando de repente.

A caminhonete BMW prateada de Victor também estava presa entre outros dois carros que acabavam de chegar.

Victor seguiu para o último carro da fila.

— Harper, não desligue o motor — avisou, abrindo a porta. — Temos uma emergência. Esta senhora tem pressa para chegar ao supermercado. Será que pode nos dar uma carona?

— Claro que sim — Harper respondeu, sorrindo para Elvi e recolocando o cinto de segurança.

Victor acenou para Elvi, abrindo a porta de trás.

Estavam de partida, quando Alessandro, que estava no carro da frente, apressou-se para acomodar-se no banco traseiro também.

— Eu também vou.

Elvi pouco se importava com quem mais iria acompanhá-la, contanto que não a atrasassem ainda mais. O simples fato de imaginar um doce e sua cobertura tocando sua língua e descendo suavemente até o estômago saudoso a fazia delirar.

— Que tipo de emergência é essa? — indagou Alessandro ao bater à porta.

— Um *cheesecake* — adiantou-se Elvi, espremendo-se ao perceber que Victor saía do banco da frente e sentava-se a seu lado.

— Está confortável? — perguntou Harper, olhando-a pelo espelho retrovisor.

Ela apenas sorriu, ansiosa por ele colocar o carro em movimento rápido. No entanto, assim que engataram a marcha à ré, outro carro entrou no estacionamento, impedindo-os de sair.

— Edward — Victor murmurou por entre os dentes. Colocando a mão para fora da janela, gesticulou para o outro. — Saia do caminho!

Em vez de obedecer, Edward saiu do carro e se aproximou da janela do motorista.

— Para onde vocês estão indo? — indagou com educação, perscrutando o interior do carro, pousando os olhos sobre Elvi.

— Precisamos ir até o supermercado. Por favor, tire seu carro de trás.

— Não seria mais fácil se viessem comigo? Além do mais, os assentos são bem mais confortáveis.

— Por mim, está ótimo — disse Elvi, presumindo que demoraria menos tempo para trocar de carro do que esperar que Edward manobrasse.

O carro era outra BMW igual à de Victor, só que preta. Elvi entrou no banco de trás, seguida por Victor e Alessandro. Sentiu-se como uma sardinha enlatada entre aqueles dois homens enormes.

— Sou Alessandro Cipriano — apresentou-se um deles. E quando outro deles tomou o lado do passageiro, acrescentou:

— E este é Harpernus Stoyan.

— Pode me chamar de Harper.

— E eu sou Edward Kenric — anunciou o motorista, já engatando a marcha à ré.

— Presumo que Victor já tenha se apresentado — comentou Harper.

— Não — respondeu Elvi, olhando de um para o outro. Atribuiu o tamanho de cada um deles ao fato de serem vampiros, mas jamais imaginara ser possível que existissem homens com aquele porte físico. Riu sozinha, imaginando-se com seios grandes e crescendo a ponto de não precisar usar saltos altos por também ser da mesma espécie.

— Victor Argeneau. — Harper fez as devidas apresentações, tirando-a do breve devaneio.

Elvi e Victor cumprimentaram-se com um gesto de cabeça.

— E presumo que você seja Elvi Black.

— Sim — respondeu ela, sem-graça ao lembrar-se de que todos estavam ali com o

propósito de cortejá-la. Tinha vontade de reafirmar que não fora ela quem colocara o anúncio, porém duvidava que eles acreditassem.

— Para onde vamos? — Edward indagou.

— Vire na próxima à esquerda, depois siga em frente — instruiu ela. — Vamos até o supermercado A&P.

Edward obedeceu e seguiu devagar demais para aplacar a ansiedade de Elvi.

— O limite de velocidade é cinqüenta quilômetros por hora — informou ela, batendo no banco da frente.

Ele se limitou a acelerar pouca coisa a mais depois de mirá-la pelo retrovisor. Se não fosse por eles, Elvi imaginou que chegaria mais rápido se tivesse ido a pé.

— Quero aproveitar para deixar claro que não fui eu a responsável pelo anúncio — continuou ela, na esperança de passar logo o tempo. — Só soube esta noite o que Mabel havia aprontado.

— Sabemos disso. Ela nos contou no restaurante — Harper informou.

— Ah, menos mal.

Todos a encaravam deliberadamente. Elvi não sabia o que poderia fazer para que eles desviassem a atenção. Se ao menos Edward andasse mais rápido, seu martírio não se estenderia tanto. Talvez ele fosse do tipo controlador, apesar de extremamente atraente. E burro também. Todo homem deveria saber que não se colocam obstáculos entre uma mulher e um doce.

Alessandro soltou um risinho que a intrigou.

— O que foi?

— Nada. Quero dizer... O que pensa a meu respeito? Elvi demorou alguns segundos para processar a pergunta.

— Eu mal o conheço!

— É verdade, sinto muito — desculpou-se ele, embora ainda demonstrasse grande expectativa por qualquer resposta que fosse.

Voltando a atenção para o caminho, Elvi ficou pensando na primeira impressão que tivera de cada um deles. Alessandro era simpático. Tinha olhos interessantes, quase tão bonitos quanto os de Victor.

Em seguida olhou para Harper, cuja coloração a agradava. Era um tipo nórdico, loiro e com olhos verde-acinzentados. Todos eram bem-apessoados. Se lhe perguntassem quem mais a impressionara até então, sem dúvida, responderia que havia sido Victor.

Ainda bem que finalmente chegaram ao destino... e Edward, com toda a sua lerdeza, passava pelo estacionamento sem mostrar sinal algum de parar.

— E aqui! — gritou ela e foi jogada para a frente quando ele pisou no freio no mesmo instante.

— Da próxima vez, avise com certa antecedência, sem gritar, por favor — advertiu ele em um tom grave de voz.

— Desculpe-me. — Elvi encolheu-se no banco. Edward sabia ser amedrontador.

— Sem mais delongas. Estacione o carro logo — Victor intercedeu no mesmo tom.

Edward obedeceu, mas não sem antes demonstrar seu desagrado, franzindo o

cenho.

Elvi soltou a respiração, que mantinha presa desde a freada brusca, e sorriu para Victor e Alessandro, quando este tocou em seu braço em sinal de solidariedade.

— Sei que gostou de mim — comentou Alessandro, quando seus olhares se cruzaram.

Os demais o encararam com ar de repreensão. Ele então baixou a cabeça, entendendo que Elvi só tinha segurado em sua perna para se segurar, quando Edward engatou a marcha à ré e começou a voltar, e não porque estivesse flertando.

Ao perceber que ainda estava com as mãos no joelho dele, Elvi retirou-a rapidamente. Contudo, continuou com a outra mão sobre a perna de Victor.

— *Cheesecake*, chocolate, sorvete... — murmurou, como se fosse um mantra para se acalmar.

Capítulo VIII

— É sério que a emergência era um mero *cheesecake*? — indagou Edward, incrédulo, ao observar Elvi seguir apressada pelos corredores do mercado.

— Ela não come há cinco anos — justificou Victor, aproximando-se dela.

— E por que não? — Harper quis saber.

— Porque não sabia que podia.

— Quem foi seu mentor, *bella*? — perguntou Alessandro, também perplexo. — Preciso chamar a atenção dele por essa falha.

Elvi ignorou a pergunta por não fazer idéia de quem o italiano estaria falando. Mesmo porque não havia hora mais inadequada para questões como aquela, quando se tinha a perspectiva de se fartar de doces.

Tamanha era a sua excitação que tropeçou na ânsia de pegar um carrinho. Se não fosse Victor a ampará-la, certamente teria ido ao chão.

Livrando-se das mãos fortes de Victor, ela puxou um carrinho e saiu correndo, deixando os quatro para trás. O mercado estava praticamente vazio, o que facilitou bastante.

Quando os homens se acercaram, Elvi não desviou a atenção das mercadorias que queria colocar no carrinho. A primeira refeição em cinco anos era o assunto mais sério que encarava desde sua transformação. Indagou-se se todas aquelas guloseimas ainda teriam o mesmo sabor que tinha guardado na memória.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Talvez o sabor de um *cheesecake*, por exemplo, lhe parecesse diferente, uma vez que sangue não era tão repulsivo como quando ela era humana.

Só havia um jeito de descobrir: experimentar.

— Está tudo bem? — indagou Victor, preocupado ao vê-la pensativa.

— Preciso de uma coisa.

— E o que seria?

Elvi percebeu que o tom de voz de Victor era o mesmo de quem se aproximava de um animalzinho selvagem, ou de... uma mulher louca.

Mas não estava disposta a perder muito tempo. Victor talvez não tivesse entendido que ela estava sem comer havia cinco anos. *Cinco anos!* Isso significava mil oitocentos e vinte e cinco refeições. Bem, na verdade, não demoraria a completar seis anos de jejum, ainda naquele inverno. Dali a dois meses, mais exatamente. Quantas refeições seriam?

Não demorou muito para que ela desistisse de fazer as contas. O importante era que passara uma eternidade sem comer. Precisava de comida. Era uma mulher com uma missão a cumprir.

— Posso ajudá-la?

Elvi ergueu os olhos e viu Dawn Geofreys, neta de uma amiga, vestida com o uniforme do mercado.

— Sim, querida. Eu queria experimentar alguma coisa.

— Como assim... experimentar? — perguntou a moça loira.

— Experimentar, provar. Meus amigos me disseram que posso comer o que quiser. Por isso queria experimentar alguma coisa... — Elvi parou de falar ao ver uma senhora de idade se aproximando.

— Olá, sra. Ricci — cumprimentou, olhando as horas no seu relógio de pulso.

Já era tarde demais. Já tinha passado da hora de uma senhora de oitenta anos estar recolhida em seus aposentos.

— O que faz aqui a esta hora da noite?

— Eu já não tenho mais sono, querida. Vou me deitar às nove da noite, mas acordo às duas da madrugada, sem ter o que fazer. Descobri que esta é uma ótima hora para vir ao mercado — contou a sra. Ricci, antes de notar a presença dos homens ao redor de Elvi. — Esses são seus namorados?

— Ah, sim — Elvi respondeu com o rosto corado, fazendo as devidas apresentações.

— Teddy me contou sobre vocês, rapazes. Espero que tratem Elvi muito bem. Nada dessa coisa moderna de "ficar" e depois sumir.

Enquanto todos os homens não menearam a cabeça concordando com a sra. Ricci, ela não prosseguiu o assunto com Elvi.

— Eu a ouvi dizendo que queria experimentar alguma coisa. Por que não experimenta um *cookie*? — sugeriu a senhora, apontando para diversos cestinhos de biscoitos, dispostos lado a lado em uma mesa.

Um *cookie*. Tão simples e tão perfeito. Virando-se para se encostar à mesa, Elvi distraiu-se com a quantidade de sabores diferentes: mel, lascas de chocolate, com cobertura de chocolate, amanteigados...

— Biscoito com cobertura de chocolate e morango? Não me lembro de ter experimentado esses.

— São novos, querida — Dawn tratou de explicar. — E muito gostosos.

— Perfeito. — Elvi abriu o pacote, tirou um biscoito e levou-o ao nariz, hesitante em dar uma mordida, embora o aroma a embevescesse.

— Vamos, experimente — encorajou a sra. Ricci. — Estamos todos curiosos.

— Mas, e se o meu paladar tiver mudado e eu sentir um gosto de pó, por exemplo? Terei uma grande decepção.

— Oh... — Dawn levou a mão à boca antes de se virar para os homens para tirar a dúvida: — Será?

— Vamos, experimente — Dawn a incentivou.

— Claro que não — afirmou Victor, um tanto impaciente. — O gosto será o mesmo de antes. Quero dizer, até melhor. Como seus sentidos estão mais apurados, vai sentir mais o sabor. Seu mentor não lhe ensinou nada?

Elvi prestou atenção apenas na parte em que seu paladar estaria mais apurado.

— Prove — insistiu a sra. Ricci.

Respirando fundo, Elvi finalmente levou o *cookie* aos lábios e fechou os olhos ao morder. Demorou um tempo antes de mastigar, uma vez que já tinha comprovado que podia sentir o sabor com maior intensidade. Na verdade, o único jeito de descrever aquela sensação foi compará-la a um misto de sabores novos que proporcionavam um indescritível prazer.

— Gostou? — perguntou Dawn.

— Humm, delicioso... — respondeu e notou que Alessandra estava encantado com sua expressão de puro deleite. Olhou para os outros e percebeu que todos compartilhavam de sua alegria, menos Edward.

— Acho melhor engolir de uma vez antes de engasgar — disse ele, intransigente.

Em resposta ao comentário áspero, Elvi pegou o *cookie* e enfiou na boca dele. Depois pegou outro para substituir aquele que Edward estava tentando cuspir. Um segundo depois, ao sentir melhor o sabor, ele também estava fechando os olhos de prazer.

— São deliciosos mesmo.

Elvi sorriu e ofereceu o pacote para a sra. Ricci.

— Posso experimentar um também? — perguntou Alessandra. — Não como nada há uns cinquenta anos. Você parece ter gostado tanto...

— Cinquenta anos, filho? — questionou a sra. Ricci, sem acreditar no que ouvira. — Alguém precisa alimentá-lo, filho. Vá à minha casa se estiver passando fome. Moro em frente à casa de Elvi e sempre tenho alguma coisa preparada.

Elvi sorriu novamente e passou o pacote para Alessandro. Surpreendeu-se quando Harper e Victor, inclusive, pegaram um também.

Percebendo como Dawn tinha ficado feliz com o sucesso de seu produto, Elvi pegou mais um biscoito. Quando chegou a vez de Edward se servir de novo, só havia um pedaço restante.

— Acho que devemos levar alguns pacotes destes — comentou Edward.

— Com certeza — completou Harper de boca cheia.

— Deliciosos — concordou a sra. Ricci e esticou o braço para pegar um pacote para si. Depois desejou boa-noite a todos e seguiu, empurrando o carrinho para outra

seção.

Assim que ela se distanciou mais, cada um dos rapazes foi até a mesa, servindo-se de dois pacotes cada um.

Feliz e satisfeita, Elvi empurrou o carrinho para a seção seguinte. Seus olhos brilharam ao se encontrar diante dos mais variados tamanhos e sabores de bolos: *cheesecakes*, bolo de cenoura, bomba de chocolate, Floresta Negra, torta de limão... Estavam todos com uma aparência ótima.

— Qual deles vai ser? — Alessandro perguntou.

— Não consigo me decidir! — exclamou Elvi, não querendo parecer uma gluttona. Seria prudente se pegasse uns dois ou três apenas. Mas qual?

— Você não disse que queria um *cheesecake*? Se bem me lembro, sua lista era desse bolo, sorvete e chocolate — lembrou Victor.

— Sim, mas agora esse bolo Floresta Negra está piscando para mim. E aquele outro ali está me paquerando acintosamente — brincou ela.

— Vamos levar todos, então — decidiu ele.

— *Todos?*

— Ora, e por que não? Você não quer compensar os cinco anos perdidos?

— Victor tem razão. Nós a ajudaremos a comer — anunciou Harper, enquanto Alessandro já colocava o bolo Floresta Negra no carrinho.

— Gosto tanto de cerejas! — lamentou Elvi como se estivesse se despedindo de grandes amigas ao se afastar.

— Vamos comprar sorvete de cereja, então — sugeriu Victor.

Já estavam chegando perto dos caixas quando passaram pela seção de comida mexicana, e os olhos de Elvi voltaram a brilhar. Desde que abrisse o restaurante, fazia tacos para todos sem provar nenhum. Pensando nas *chimichangas* e nas *fajitas*, lembrou-se de que precisava comprar carne e frango. Além de tomates, cebolas, queijos e...

— Pelo seu olhar, acredito que vamos precisar de outro carrinho — comentou Edward, já dando as costas para tomar providências a respeito.

— Acho que não vamos conseguir colocar tudo isso aí dentro — Alessandro anunciou, quando Edward abriu o porta-malas do carro.

— Podemos levar alguma coisa no colo — sugeriu Elvi, já segurando um pacote em cada braço.

Lamentou por ter permitido que aqueles homens a tivessem acompanhado, incentivando-a a cometer um dos sete pecados capitais: a gula. Toda vez que ficara em dúvida sobre um ou outro produto, um deles tratava logo de colocar os dois no carrinho.

Dawn procurou ser útil, sem deixar de analisar cada um deles. A cidade inteira já sabia das novidades, e os palpites já começavam a circular.

Assim como circulariam também comentários sobre o fato de que, quando chegaram ao caixa, Elvi se deu conta de que, na pressa, havia esquecido a bolsa com dinheiro, e quatro cartões de crédito surgiram à sua frente. Ao final, foi Victor quem pagou por tudo, encarando os outros com certa arrogância quando só o cartão dele foi aceito.

Elvi pensou na situação financeira daqueles homens. Dois deles possuíam carros que provavelmente custavam mais que sua casa. O carro de Alessandro era mais compacto, mas também era um modelo caro. Ao que tudo indicava, Mabel havia

escolhido os vampiros mais ricos que encontrara.

Enquanto os homens ajeitavam as compras no carro de Edward, Elvi notou um carro entrando no estacionamento. Ao parar embaixo de um poste de luz, a porta se abriu e o motorista desceu.

— Duck — disse ela por entre os dentes.

Para seu alívio, estavam todos de cabeça baixa, estudando como caberiam no carro com as compras que não couberam no porta-malas. Todos menos Victor, que logo estava a seu lado com uma expressão de preocupação.

— Algum problema?

— Não — respondeu ela, tomando-o pelo braço para se esconderem atrás do carro. — E só alguém que eu gostaria de evitar.

— Não me diga que é o padre? — Victor indagou.

Elvi se espantou ao perceber que ele sabia de quem se tratava.

— Ele é um senhor muito querido, mas não aceitou a minha transformação tão bem quanto os outros.

— É mesmo?

— Ora, o que esperar de um relacionamento entre um padre e uma vampira?

Victor murmurou alguma coisa e ficou de pé.

— Ei... — chamou ela, levantando-se para puxá-lo pelo braço de novo. Antes, porém, notou que o reverendo tinha entrado no supermercado. — Acho que já podemos ir.

Durante o caminho de volta, Elvi tentou decidir o que comeria primeiro. Já não estava tão aflita quanto na ida. Se bem que parte de sua curiosidade já havia sido sanada ao experimentar os biscoitos. Ela e os demais tinham comido quatro caixas de *cookies*, e agora sentia-se empanturrada e com dor de cabeça.

— Santo Deus! Vocês compraram o supermercado inteiro? — perguntou Mabel, entrando na cozinha com D.J. logo atrás.

— Eu não conseguia me decidir, acabamos trazendo tudo.

— Vamos buscar o resto — anunciou Victor, saindo com os outros de volta para a garagem.

Mabel balançou a cabeça e começou a ajudar a desempacotar as compras.

— Espero que não pretenda comer tudo de uma vez.

— Claro que não — assegurou Elvi.

O plano era ir devagar, comendo um pouco de cada coisa por vez. Depois de cinco anos sem ingerir nada, seu estômago devia estar do tamanho de uma ervilha.

— Eu começaria com os queijos.

— Boa idéia, Alessandro — assentiu Elvi, pensando que aquele seria um início ao menos mais saudável e mais leve.

Com a ajuda de todos, não demorou muito para que a despensa e as geladeiras ficassem entulhadas de comida.

— Elvi, por que não serve um pouco de vinho para todos? Enquanto isso, vou providenciar os queijos e as torradas.

— Posso ajudá-la.

— Não é preciso, eu me viro sozinha — respondeu Mabel, lançando à amiga um olhar significativo.

Elvi então se lembrou de que sua principal tarefa era conhecer melhor cada um daqueles homens para supostamente encontrar um que pudesse considerar como seu parceiro para a eternidade. Estivera tão preocupada com comida nas últimas horas que tinha se esquecido desse detalhe constrangedor.

D.J. antecipou-se a pegar as garrafas de vinho, o saca-rolhas, e a passar as taças para os outros.

— Agora podem ir para fora que vou ajudar Mabel.

— Já disse que não há necessidade.

D.J. fingiu não ouvir o protesto, enquanto abria a porta para os outros passarem. Victor tomou Elvi pelo braço.

— Grite se precisar de ajuda — ela disse antes de seguir para o jardim.

— Será uma noite muito agradável — Harper comentou minutos depois, quando já estavam todos sentados.

O fogo estava fraco, e Alessandro ocupou-se em colocar lenha para atiçá-lo, fazendo com que as chamas emprestassem ao escuro da noite sua cor alaranjada. Edward e Victor abriram o vinho e serviram a todos.

— Obrigada. — Elvi aceitou o cálice oferecido por Victor.

Mabel e D.J. logo se juntaram ao grupo. A degustação dos queijos e do vinho deu início a um debate acerca de quais eram os melhores e piores queijos.

Quando as travessas se esvaziaram, Mabel se levantou.

— Pode deixar que eu me encarrego da segunda rodada, Mabel. Fique sentada — ofereceu Elvi.

— Bem, acho que vou me deitar. Aliás, você deveria fazer o mesmo.

Elvi franziu a testa e olhou para o relógio de pulso. Já passava de cinco horas da madrugada. Logo o sol nasceria.

Elvi espantou-se de como a noite havia passado depressa. Suspirando por notar que a melhor noite que tivera nos últimos cinco anos estava se findando, ela se levantou e começou a recolher as taças e os pratos.

— Deixe-me ajudá-la — prontificou-se D.J.

— Obrigada. — Elvi desistiu de voltar à cozinha. Despediu-se de todos e seguiu Mabel.

— E então? — Mabel perguntou enquanto subiam as escadas.

— O que eu faria sem você? — retrucou Elvi, abraçando a amiga. — Agora é melhor irmos para a cama.

— Ah... Quase ia me esquecendo de contar. O tal Argeneau segurou meu crucifixo e nada aconteceu.

— Verdade? — Elvi perguntou com curiosidade. Ela mesma jamais tinha tocado qualquer símbolo religioso, com medo de arder em chamas como já vira em filmes de televisão.

— Talvez seja melhor perguntar a ele mais detalhes amanhã.

Elvi assentiu com um sinal de cabeça e voltou para o quarto. Era tarde, mas em vez de ir diretamente se deitar, preferiu vagar pelo jardim de inverno anexo a seu quarto. Sem acender a luz, deixou-se ficar à janela, de onde era possível avistar os homens ao redor da fogueira, conversando. Talvez tivesse de escolher um deles para seu companheiro, mesmo que ainda não se julgasse pronta para um novo relacionamento. A dor de perder o marido ainda lhe doía na alma.

Ao se deitar, ainda reviveu a sensação maravilhosa que tivera ao descobrir que poderia comer de novo. Nunca mais ficaria à margem nos eventos sociais. Se nada melhor acontecesse naquela semana, a descoberta já teria valido a pena.

Uma leve batida na porta do jardim de inverno a fez pular da cama. Foi com surpresa que encontrou Victor ali parado. No mesmo instante sentiu as palmas das mãos suar e o coração bater em descompasso.

Respirou fundo para recuperar o controle, apesar de estranhar que ele exercesse tamanho poder sobre seu corpo. Talvez fosse apenas uma reação química existentes entre vampiros. Então, por que não sentira o mesmo abalo diante dos demais? Estava velha demais para agir como uma adolescente apaixonada. Sorriu ao se lembrar de que tinha sessenta e dois anos, com aparência de trinta e comportamento de dezesseis.

Balançando a cabeça para afastar os pensamentos inoportunos, ela abriu a porta, rezando para não começar a falar assuntos tolos como fizera da primeira vez em que o vira.

— Você esqueceu sua tornozeleira — disse ele, abrindo a mão para mostrar a delicada jóia aninhada na palma larga.

Elvi a tinha tirado quando, minutos antes, se irritara com o barulhinho, e a deixara ao lado da cadeira.

— Obrigada — disse ela, envergonhada por ter tremido ao pegar a jóia e enfiá-la no bolso.

Victor levantou a outra mão, revelando duas taças entre os dedos e metade de uma garrafa de vinho.

— Achei uma pena desperdiçar uma bebida dessas. Ainda há o suficiente para duas últimas doses.

Por um breve instante, Elvi considerou resistir à tentação e fechar a porta. Por outro lado, havia tantas dúvidas que gostaria de sanar que acabou por ceder. Decidiu deixar para depois a identificação daquele estranho sentimento que ao mesmo tempo que a fazia se afastar de Victor, a atraía com igual intensidade.

Assim, pegou as duas taças e afastou-se para deixá-lo entrar.

— Que lugar interessante — notou ele ao estudar o ambiente.

A única luz que iluminava os móveis antigos vinha do quarto de Elvi. Embora não fosse suficiente para visualizar detalhes, ela sabia que, como a sua, a visão dele era aguçada. Talvez por isso ele tivesse visto sua sombra através do vidro, quando os observava minutos antes.

— Como está se sentindo? — indagou Victor, sentando-se em um dos sofás.

— Um pouco tonta. Faz muito tempo que não bebo. Aliás, acho que não devo aceitar mais um cálice.

— Um a mais não fará diferença — disse ele, já servindo-a.

O silêncio que os envolveu enquanto saboreavam o vinho fazia dançar os nervos de Elvi. A proximidade e o perfume másculo perturbavam os seus sentidos mais do que a bebida.

— Tudo indica que você foi não foi treinada. Não sabe o que pode ou não fazer. Por quê?

A pergunta direta apagou os devaneios de Elvi como um jato de água fria. Será que era tão óbvia assim a sua ignorância sobre a nova existência? Como seria o treinamento de vampiros? Imaginou que se assemelhasse a um campo de treinamento militar.

— Não entendi a pergunta — declarou ela, endireitando o corpo. — O que fiz para que chegasse a tal conclusão?

— A começar por não saber que podia comer.

— É verdade.

O rosto de Elvi vestiu-se com uma máscara carmim. No entanto, a única informação que tivera a respeito de vampiros havia sido extraída de filmes de televisão. Mabel e ela haviam procurado por todos os que existiam, além de literatura para entender o que havia acontecido e como proceder.

— E também o fato de que você não sabia que é contra nossas leis morder mortais.

— Que lei é essa?

O termo "leis" remetia a alguma espécie de organização, o que implicava na existência de vários espécimes iguais a eles. Centenas de perguntas povoavam a mente de Elvi. Entretanto, a dúvida maior era a respeito desse suposto código de conduta. Infringir uma norma era algo que ela jamais fizera quando viva, ainda mais agora.

— Eu não fazia idéia de que havia uma regulamentação. A bem da verdade, nem sabia que existiam outros vampiros.

— Era o que eu mais temia.

— Você falou em "leis" no plural. Gostaria muito de saber quais são as outras.

Victor estava prestes a enumerá-las, quando desistiu, com um meneio de cabeça.

— Não tem sentido começar a instruí-la agora. Mesmo porque é a primeira vez em anos que está sob efeito do álcool. Acho melhor conversarmos amanhã quando acordar. — Elvi abriu a boca para protestar, mas ele a interrompeu: — Vamos conversar de novo depois de seu sono.

Quando ela se recostou nas almofadas, resignada, ele continuou:

— Aliás, isso me faz lembrar que ambos deveríamos dormir.

Assim dizendo, ele se levantou, seguido por Elvi, que o acompanhou até a porta.

— Antes de sair, quero que me responda a uma única pergunta. Quem foi seu mentor?

— O que exatamente é um "mentor"? Tanto você como Alessandro já mencionaram essa pessoa, mas não tenho a menor idéia de quem seja.

— Um mentor é aquele que a tornou imortal.

— Ah... — Elvi sorriu, sem-graça. Era engraçado como não tinha encontrado nenhuma referência a respeito em suas pesquisas assim que voltara da viagem ao

México. E percebendo que ele aguardava uma resposta mais convincente, prosseguiu: — Não tenho nenhum mentor.

— Não é possível. A não ser que... Você já nasceu imortal? — questionou ele, sem encontrar outra possibilidade para Elvi pertencer à sua espécie.

Elvi riu só de imaginar o fato.

— Claro que não. Há cinco anos eu envelhecia normalmente, com direito a cabelos brancos e rugas. Reafirmo que não tive nenhum mentor.

— Impossível, deve ter havido alguém.

Elvi olhou para o céu e tentou se lembrar da época de sua morte. Não havia pensado muito a respeito do exato momento. O fato lhe aparecia enevoado demais para tirar qualquer conclusão. A única recordação forte era a de que havia recuperado a consciência ao morder o pescoço de Mabel.

— Mabel e eu fomos para o México. Sofremos um acidente de carro. Quando acordei, dias depois, já estava assim.

Elvi forçou um sorriso quando ele a encarou totalmente confuso.

— Acredito que sou uma vampira por acidente. Forçando outro sorriso, desejou boa-noite pouco antes de fechar a porta sem dar a ele chances de dizer mais alguma coisa. Não gostava nem de pensar naqueles dias, quanto mais falar a respeito.

Após passar a tranca na porta, Elvi voltou para o quarto, lamentando-se ao ver o caixão à sua espera. Sentia um pouco de dor de cabeça e o estômago cheio, mas era a primeira vez que estava tão relaxada depois de anos. Graças ao vinho, também não se sentia uma aberração quando estava no meio de outros da sua espécie.

Antes de se deitar, porém, seguiu até o banheiro, disposta a tomar um banho. Mas então deu-se conta de que já era tarde demais. Não seria aquela a primeira vez que ficaria fora de seu caixão aos primeiros raios de sol. Assim, contentou-se em lavar o rosto apenas.

Ao se deitar, decidiu que, assim que acordasse, abordaria Victor para descobrir mais sobre o que podia ou não fazer. De repente pensou que poderia tirar suas dúvidas com qualquer outro deles. Então, por que justamente Victor?

Talvez não existisse nenhuma razão especial, além do fato de se sentir mais à vontade com ele do que com qualquer um dos outros. Contudo, sabia muito bem da reação de seu corpo ao se aproximar daquele homem. Quem sabe não fosse mais prudente não perguntar nada e deixar que as coisas seguissem seu curso normal. Entretanto, depois de tantos anos na mais completa ignorância sobre suas aptidões e condições, seria difícil demais conter a ansiedade para decifrar de uma vez o enigma que a envolvia.

Nenhum dos outros havia sido tão específico quanto às leis dos vampiros como Victor. Nada mais natural, então, que fosse ele a instruí-la. Teria de se manter fria para sobrepujar os anseios físicos e ater-se ao conhecimento que ele poderia lhe proporcionar.

Por um instante, a conversa entre Alessandro e Harper que ouvira sobre ler a mente de outras pessoas veio à sua mente. Houvera uma época em que Mabel insistira para que ela tentasse o feito, uma vez que Drácula aparentemente tinha esse poder.

Mabel propôs que viajassem para a Transilvânia para conhecer o mais famoso dos vampiros, mas Elvi rejeitou a idéia. Mesmo porque ele provavelmente já teria mudado o nome para não ser facilmente reconhecido.

Além disso, a amiga queria também ser transformada, assim seriam eternas companheiras. Foram várias as tentativas, sem sucesso, até que Elvi decidiu pôr fim ao processo por temer pela saúde da outra.

Depois de algum tempo vendo as privações que teria de passar, como deixar de comer, Mabel decidiu que não seria bom se também tivesse se transformado. Afora esses problemas, Elvi também enfrentara entraves legais, como por exemplo, a carteira de identidade, passaporte, carteira de motorista e outros documentos em que se fazia necessária a renovação periódica.

De acordo com o registro de nascimento, ela estava na casa dos sessenta anos. Por sorte, já não precisava mais de seguro-saúde, mas viajar para fora do país, por exemplo, estava fora de questão. Dirigir não lhe fazia muita falta, uma vez que era possível fazer a maioria das coisas a pé. Para mercado e outros afazeres mais complicados, contava com a ajuda dos amigos Teddy e Barney.

Apesar do esforço de todos, o fato era que estava presa em Port Henry. Agora que Victor e os outros estavam ali, perguntou-se como eles haviam lidado com aquele tipo de problema.

Aliás, não fazia a menor idéia da idade de cada um deles, a não ser pela formalidade no linguajar que os denotava como homens mais velhos que ela.

Com exceção de D.J. Sorriu ao lembrar como ele andara flertando com Mabel durante a tarde. A reação dela era se mostrar irritada com a corte, mas Elvi bem sabia o quanto ela estava envaidecida com o assédio. Seria muito divertido se D.J. estivesse realmente interessado na paquera.

Da janela do banheiro, Elvi viu o céu começar a mudar de cor. Assim, parou com as conjecturas e correu para o quarto. Ao entrar no ataúde, intrigou-se com o fato de que nem Victor nem os outros haviam trazido seus caixões.

Capítulo IX

— Vampira por acidente... — Victor entrou murmurando no quarto, acordando D.J.

— O que disse? — perguntou D.J., bocejando.

— Elvi disse que se transformou em vampira por acidente.

— Como?

— Ela não conhece nossas leis porque acha que não tem um mentor.

— Não é possível.

— Eu também achei. Ela contou que foi para o México com Mabel, tiveram um acidente e quando acordou já era uma vampira.

— Pode ser que o mentor tenha apagado a memória dela, deixando apenas a lembrança do acidente.

— Pode ter sido uma mulher, a sua mentora.

— Ou talvez tenha recebido sangue contaminado depois do acidente.

— Não seja tolo. Nenhum vampiro jamais doou sangue.

— A não ser que seja um renegado, desejando transformar vários mortais ao mesmo tempo — disse D.J., empolgando-se e acendendo a luz do quarto.

— Você precisa parar de assistir a tantas séries de televisão.

— Mas admita que é uma possibilidade. Um plano brilhante!

Victor pegou um dos travesseiros da cama e bateu na cabeça de D.J.

— Não é nada disso.

— Como pode ter tanta certeza?

— Sei que no México eles testam todo tipo de sangue antes de injetá-lo em qualquer pessoa. Eles teriam detectado a presença dos nanos, levariam para análise e nossa espécie estaria totalmente vulnerável a esta altura.

— E se o maníaco imortal tivesse apagado a mente dos cientistas? — insistiu D.J.

— A esta altura haveria centenas de outros vampiros confusos rondando pelo México. Faz cinco anos que Elvi foi transformada. Não acha que saberíamos se isso tivesse ocorrido?

— É verdade — admitiu D.J., desolado. — E o que mais aconteceu?

— Já não é o suficiente? — perguntou Victor, jogando-se na cama.

— Mabel é um mulherão, você não acha? Victor piscou, surpreso com a súbita mudança de assunto.

— É uma mulher atraente, sim.

Victor riu, lembrando-se de como D.J. ficara atrás de Mabel tentando chamar sua atenção. Sentou-se na cama e começou a se despir.

— Eu não consigo ler a mente dela — desabafou D.J.

As botas de Victor caíram pesadas no chão, quando ele ergueu a cabeça para encarar o outro.

— Não mesmo?

— Nada. Tentei várias vezes enquanto vocês estavam fora.

Victor soltou um longo suspiro. A razão principal de sua preocupação era que D.J. tivesse encontrado sua parceira para a eternidade.

— Isso pode complicar nossa estada por aqui.

— Sei disso. Farei o possível para não interferir.

— Está certo... — concedeu Victor, embora soubesse que seria impossível ignorar uma verdade de tamanha importância. Já podia antecipar o amigo desolado pelos cantos, sob o controle da mulher que tinha seu destino nas mãos.

* * *

Elvi acordou no começo da noite. O gosto ruim na boca lembrou-a do vinho e da quantidade de queijo ingerida. Correu para o banheiro para a higiene de costume, incluindo uma chuveirada rápida. Vestiu-se sem muito esmero, apenas uma camiseta branca e uma calça jeans. Estava faminta, nos dois sentidos.

Quando chegou à sala, sentiu o cheiro de *bacon* frito. No mesmo instante, o *cheesecake* que planejava comer passou para o último item de sua lista de desejos.

Apesar do cheiro da fritura, Elvi não estava preparada para a visão que teve ao entrar na cozinha.

Usando o avental de Mabel, Victor cuidava da frigideira. A seu lado, Harper cuidava da torradeira. Alessandro acabara de ligar a cafeteira e Edward espremia laranjas.

— Boa noite — ela cumprimentou, admirando a eficiência de todos. A visão era simplesmente... extraordinária.

— Boa noite — todos a cumprimentaram quase em uníssono.

— O que posso fazer para ajudá-los?

— Absolutamente nada. Já cuidamos de tudo — anunciou Victor, desligando o fogo e virando-se para o forno, de onde tirou dois que exalavam um aroma delicioso. — Sente-se.

Em vez disso, ela abriu a porta da geladeira.

— O que está procurando? Eu pego para você — se prontificou Alessandro, mas Elvi já tinha tirado uma embalagem de sangue.

— Com licença, preciso de uma caneca — disse Elvi, assobiando por causa das presas que começavam a despontar.

Em vez de sair da frente do armário, Alessandro o abriu e estendeu uma caneca a ela.

— Tomar sangue assim é muito demorado. Seu café vai esfriar. Mostre a ela como se alimentar direto da embalagem.

— Como? — indagou ela, enquanto Victor transferia os ovos com *bacon* para um prato e os colocava sobre a mesa.

— Não acredito que não saiba se alimentar diretamente da embalagem — assombrou-se Harper, ao virar-se para levar as torradas para a mesa.

— Nunca ninguém lhe ensinou — Victor respondeu por ela, quando todos a encaravam com um misto de horror e pena, deixando-a tão embaraçada como se estivesse com uma roupa transparente.

— Você mencionou por alto a respeito de ontem à noite, mas nunca imaginei que também não soubesse se alimentar — acrescentou Edward, tomando a embalagem da mão dela, antes que Alessandro o fizesse. — Abra a boca.

Elvi obedeceu e de repente se viu com a bolsa plástica presa em seus caninos.

— Não fale — ordenou Edward, tomando-lhe a mão para apertar a embalagem.

Em poucos minutos ela se alimentou e puxou o plástico da boca.

— Isso foi incrível! — exclamou ela.

— Bem mais rápido, não é? — perguntou Alessandro.

Elvi já estava com a atenção presa à mesa de café. Arregalou os olhos ao se sentar, como se estivesse hipnotizada por tanta comida.

— Tome. — Victor a serviu de ovos.

Em seguida Alessandro colocou uma torrada em seu prato e Edward encheu um copo com suco de laranja.

Tomara que a paquera entre eles durasse para sempre. Deliciava-se em ser tão paparicada.

— Vejo que me farão companhia. Que apesar de saberem muito antes que eu que podiam degustar essas maravilhas, vocês ainda não estão enfadados.

Fez-se um silêncio constrangedor, enquanto um olhava para o outro.

— Eu disse alguma coisa errada? — indagou ela, curiosa.

— Não — responderam em conjunto.

Victor e Harper começaram a comer. Alessandro observava a todos, e Edward estudava a reação de cada um. Comportamento muito estranho, pensou Elvi, sem ter noção da razão daquela reação.

Para evitar que a atmosfera constrangedora se prolongasse, ela resolveu puxar conversa:

— Você disse que não comia havia cinquenta anos, não é, Alessandro?

— É verdade.

— D.J. é o único jovem que ainda sente prazer em comer — completou Victor. — Acredito que o resto, assim como eu, não perdemos mais tempo com esse tipo de refeição.

— Por serem mais velhos?

— Depois de um século ou dois, a maioria dos imortais não se dá ao trabalho de comer, a não ser que seja em um evento social — explicou Harper.

— Um século ou dois? — repetiu ela. — Quantos anos você tem?

Todos olharam para Victor como se pedissem seu consentimento para responder. Quando ele concordou com a cabeça, Edward foi o primeiro a falar:

— Eu nasci em 1282.

— E eu em 1794. Sou o mais novo deles — contou Alessandro.

Novo? Elvi fazia as contas rapidamente e sua cabeça começou a girar com aquelas informações tão fora do comum.

— Não, D.J. é mais novo que você mais de cem anos — corrigiu Edward.

— É verdade, mas ele não está aqui agora. Victor é o mais velho.

Aterrorizada, Elvi virou-se para Victor.

— Duzentos e trinta — murmurou ele.

— Esse é o ano em que ele nasceu, não sua idade — provocou Edward.

Elvi precisou interromper o diálogo para fazer as contas.

— Isso quer dizer que você tem mil setecentos e oitenta anos?

Victor comprimiu os lábios e balançou a cabeça negativamente.

— Duzentos e trinta antes de Cristo.

— Antes de Cristo?! Oh, céus! — exclamou ela, escorregando no banco e perdendo os sentidos.

— Acho que ela está começando a voltar a si — comentou Harper.

Ao reabrir os olhos, Elvi se viu como o centro da atenção de todos, que a olhavam com ar de preocupação.

— Você demorou tanto para abrir os olhos que ficamos preocupados. Está tudo bem? — questionou Victor.

— Eu desmaiei?

— Um comportamento bem vitoriano, diga-se de passagem — comentou Edward, irônico.

— Não pode ser. Isso nunca acontece comigo.

— Quanto sangue ingeriu nas últimas horas? — Victor quis saber.

— Uma embalagem ontem à noite e outra agora há pouco — respondeu ela, endireitando o corpo. Só então percebeu que eles a haviam carregado para o sofá.

— É muito pouco. É por isso que está tão fraca. Precisa se alimentar pelo menos três vezes por dia.

— Eu sei...

Elvi tentou se levantar, mas acabou caindo novamente. Toda vez que ficava sem se alimentar de forma adequada, sentia pontadas horríveis. Só agora percebera a razão das fortes dores de cabeça que a tinham acometido na hora em que fora se deitar. Se não estivesse tão distraída com a quantidade de novidades, teria se lembrado de se alimentar direito.

Victor levantou-se e saiu da sala em um repente. Elvi tentou segui-lo, mas cambaleou ao se erguer. Sorriu ao deparar com os outros três que imediatamente vieram em seu socorro.

Por várias vezes ela e Mabel haviam tentado adivinhar por quanto tempo ela ainda viveria. Porém, as contas nunca ultrapassavam dos cem anos. Jamais consideraram algo na casa dos mil anos. Aos ouvidos de Elvi, a novidade foi arrebatadora. Santo Deus... Não só os amigos morreriam, como seus filhos, netos e bisnetos, enquanto ela permaneceria em Port Henry como uma estátua viva. Que perspectiva lastimável de futuro!

— Tome. — Victor voltou com uma embalagem de sangue e ofereceu a ela.

— Obrigada.

No instante em que viu o sangue, Elvi sentiu os caninos despontar. E como se mostrasse insegura em como proceder, Victor adiantou-se:

— Coloque sobre suas presas.

Elvi respirou fundo e fez conforme Edward lhe ensinava. Ao som do plástico sendo rompido, o sangue jorrou em sua boca, fazendo-a sentir-se melhor imediatamente.

— Perfeito — disse Victor.

— *Si*, muito bem — acrescentou Alessandro.

— É natural — completou Harper. Edward murmurou algo incompreensível.

Diante dos olhares, Elvi imaginou-se como uma criança sendo aplaudida por ter conseguido andar de bicicleta pela primeira vez. A julgar pela expressão de preocupação de todos, era óbvio que temiam que ela desmaiasse novamente. De certa forma era divertido observar como os homens, vampiros ou não, odiavam alguns comportamentos femininos, como desmaiar, chorar ou qualquer outra atitude que os deixasse sem ação.

Sendo observada tão atentamente, os poucos segundos que levou para esvaziar a embalagem pareceram levar séculos. Foi com grande alívio que ao terminar, Elvi se levantou e jogou o plástico no lixo. A intenção era provar que estava bem melhor.

— Eu trouxe duas embalagens — anunciou Victor, aproximando-se.

— Oh, muito obrigada.

E controlando as mãos trêmulas pela proximidade dos corpos, ela se alimentou novamente onde estava. Ao terminar, jogou fora a embalagem.

Ao voltar para a cozinha, estavam todos ocupados em continuar com a refeição.

— Coloquei os pães de volta no forno quando você desmaiou — explicou Victor, colocando o último filão de pão em uma cesta.

— Oh, quanta consideração! — agradeceu Elvi. — Onde está D.J.?

— No restaurante, com Mabel — respondeu Harper, puxando a cadeira para que ela se sentasse.

Elvi bem sabia que Mabel não estava gostando de ter um homem seguindo-a por todo canto, a menos que tivesse uma forte razão para isso.

— O que está acontecendo?

— Você estava dormindo quando Mabel saiu para o restaurante. Ela nos pediu para avisá-la de que sua presença não seria necessária lá esta noite. Sugeriu que escolhesse um de nós para conhecer melhor — Harper explicou, diante da indecisão de Victor.

— Como D.J. não é um de seus pretendentes, ele foi o escolhido para ajudá-la — acrescentou Alessandro.

De repente Elvi se lembrou do propósito de aqueles homens estarem ali. Depois de uma tossidela para disfarçar o evidente embaraço, comentou:

— Não acredito que Mabel tenha gostado de me trocar por D.J.

— Tem razão... — comentou Victor, escondendo o riso.

O restante da refeição transcorreu em um silêncio natural de quem se concentrava na comida saborosa. Enquanto isso, Elvi pensava na razão que a levava a desmaiar. Com discrição, olhou para cada um daqueles homens, procurando algum sinal que evidenciasse sua idade avançada. Era incrível, mas nenhum deles parecia sequer estar na casa dos sessenta. Bem, sua aparência também não fazia jus à idade.

Focou a atenção no que se dizia o mais velho de todos, Victor. Ele afirmava ter nascido antes de Cristo... Isso significava que já estava vivo quando Jesus iniciara sua peregrinação. Conteve a vontade de questioná-lo a respeito, mas mudou de idéia. Afinal, todos ali não tinham alma, portanto não deveriam ter fé alguma no Filho de Deus. Talvez por essa razão não acontecera nada com Victor ao tocar o crucifixo de Mabel.

— No que está pensando? — Victor surpreendeu-a com a pergunta.

— No fato de não termos alma e sermos malditos. Você tocou a cruz de Mabel e não aconteceu nada — respondeu ela, mordiscando o lábio inferior em seguida, sem saber se deveria ter tocado naquele assunto delicado.

— Quem lhe disse que somos desalmados?

O garfo de Elvi caiu ruidosamente sobre o prato.

— Como assim?

— Não somos imortais por causa de uma maldição que nos levou a alma — explicou Victor, correndo os olhos pelos demais.

Cada um deles fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Então, o que...

— É uma espécie de bactéria — anunciou Alessandro. Quando Elvi o encarou com descrença, ele continuou: — É verdade. Essa bactéria está em nosso sangue, alimentando-se das doenças e...

— Não são bactérias, idiota — Edward o interrompeu secamente. — São chamados de nanos. Nossos antepassados os chamavam de Atlantis. Presumo que já tenha ouvido falar.

Elvi meneou a cabeça. A única referência que tinha de Atlantis era a do seriado de ficção científica a que costumava assistir na televisão.

— Foi assim que surgiu a nossa espécie — prosseguiu Edward. — De fato, somos uma raça superior. Nossos cientistas estão bem mais avançados. Eles usam uma tecnologia que supera as habilidades conhecidas, combinando a bioengenharia e a nanotecnologia para criar nanos medicinais que possam ser introduzidos na corrente sanguínea de uma pessoa doente e, conseqüentemente, combater doenças como o câncer e permitir que ferimentos cicatrizem mais rápido do que o normal. Esses nanos usam o sangue como combustível para reparar qualquer dano e destruir germes ou células cancerígenas. Foram criados para evitar cirurgias invasivas.

— Nanos? São eles também os responsáveis pela minha aparência jovem? — perguntou Elvi, atordoada com tamanha carga de informação.

— Eles encaram o envelhecimento como um dano que necessita ser reparado — acrescentou Victor em voz baixa.

— Os efeitos do envelhecimento no corpo, assim como evidenciar a rejeição por algo que faça mal a saúde — contribuiu Edward. — A luz do sol, por exemplo. Eles agirão contra qualquer coisa que abale o equilíbrio do corpo, que está constantemente ameaçado.

— Dessa forma, os nanos estão sempre ocupados, por isso não se desintegram nem deixam nosso corpo — explicou Harper. — Assim permanecemos com excelentes níveis de saúde, força e idade.

— Isso quer dizer que os nanos estão em constante reprodução e trabalhando para reparar as deficiências — Victor acrescentou. — Para isso, eles necessitam de muito mais sangue do que o corpo pode produzir para nos manter nesse nível de excelência.

— As presas... — murmurou Elvi, passando a língua pelos dentes.

— Eles aumentam a força, velocidade, audição, visão, controle da mente... Qualquer coisa que nos facilite encontrar o sangue extra de que necessitamos.

Nanos, pensou ela. Isso não significava ausência de alma. De alguma forma, aqueles nanos haviam sido introduzidos em sua corrente sanguínea, conforme a explicação de Edward. Mas como? Esforçando-se, Elvi tentou lembrar o dia do acidente.

A cena de que se recordava era sempre a mesma: acordar em um quarto de hotel sentindo uma fome estranha e desconunal que a fizera atacar Mabel. O que mais poderia concluir senão que havia sido tomada por uma maldição? Desde então se sentia culpada pela nova condição. Não havia pensado que a culpa só acometia aqueles que possuíam alma. Ter a certeza agora a aliviava de um peso de anos.

— E quanto à luz do dia? — questionou subitamente.

Que Deus me permita ver o sol de novo, pensou. Outro de seus grandes prazeres era admirar o jardim que tanto se esmerara para manter. Era para ali que costumava se retirar para relaxar com o perfume das flores.

— Os raios solares são um problema — Victor admitiu, como que pedindo desculpas. — A exposição não deve ser demorada para não causar danos à pele, o que resultaria em trabalho extra para os nanos, e consequentemente a necessidade de consumir mais sangue seria latente.

— Mas posso sair ao menos um pouco — concluiu ela, segurando a respiração.

— Claro. Evite apenas ficar muito tempo e não se esqueça de ingerir mais sangue do que o normal.

Se preciso fosse, ela estava disposta a mergulhar em um oceano de sangue, se pudesse sair para o jardim. Do que mais havia se privado nos últimos anos?

— Bem, então podemos comer, sair ao sol, relíquias religiosas não nos afetam, e o que mais?

— Isso mesmo. Podemos comer, passear ao sol, tocar crucifixos, não dormimos em ataúdes, temos reflexos... — Victor fez uma pausa para olhar para os demais. — Esqueci algum desses mitos ridículos que espalham a nosso respeito?

Todos balançaram a cabeça. Elvi já não prestava mais atenção em nada. Sua atenção estava focada na parte dos caixões. Isso significava que poderia voltar a se esparramar em uma cama imensa, coberta por lençóis de linho ou cetim, travesseiros de plumas...

— Preciso sair — anunciou, levantando-se.

— Para onde vai? — Victor perguntou, tão ou mais perplexo do que os outros.

Elvi estava com os olhos fixos no relógio. Ainda restavam trinta minutos para que as lojas fechassem. Não agüentaria esperar até o dia seguinte para comprar uma cama nova.

Girando sobre os calcanhares, correu para as escadas, sem prestar atenção no ruído das cadeiras sendo arrastadas apressadamente no chão da cozinha.

A loja de móveis local já estaria fechada, mas havia outra, fora do perímetro da cidade, que certamente não baixava suas portas tão cedo assim. Seriam quinze minutos de carro e outros quinze para fazer compras. Tinha de andar rápido!

— O que aconteceu? — Elvi ouviu Alessandra questionar quando entrava no quarto.

Não houve resposta, pois os outros apressavam em segui-la.

— Elvi! — Victor gritou.

Ignorando o chamado, ela abriu o armário e pegou a bolsa. Logo em seguida, entraram todos em seu quarto, praticamente juntos.

— Mas o que... — Victor não completou a frase, pois ficou chocado ao ver o ataúde no meio do quarto.

Os outros também ficaram espantados. Edward foi o primeiro a sair do estado letárgico que os dominou, examinando o ataúde.

— Não ouço contar que qualquer um de nós tenha dormido em um caixão desde... bem, acho que já se vão séculos que era esse nosso costume.

— Quer dizer que houve uma época em que vampiros dormiam em caixões — comentou Elvi.

— Alguns preferiam tumbas ou caixões por acreditarem que assim estariam mais bem protegidos da luz do sol — disse Harper.

— Por quê? Você não disse que podemos sair à luz do sol? — Elvi questionou Victor.

— É verdade. Mas eu também disse que temos de aumentar o consumo de sangue. A criação dos bancos de sangue melhorou muito nossas vidas. Mesmo assim procuramos economizar ao máximo.

— Entendo.

— Não me diga que dorme nisso aí há cinco anos... — Victor abaixou-se para examinar o caixão.

Elvi corou e respondeu que sim com um sinal de cabeça.

— Presumo que teremos outra emergência do tipo *cheesecake* — murmurou Alessandro.

— Acho que sim. E é melhor correremos antes que as lojas fechem — concordou Victor com um sorriso.

— Meu carro é o último da fila — anunciou Edward, dirigindo-se para a porta. — Vou buscar as chaves.

Lembrando-se da morosidade com que ele dirigira, Elvi lançou um olhar preocupado para o relógio. Já haviam perdido cinco preciosos minutos naquela conversa inútil.

— As lojas fecham em quinze minutos. Não conseguiremos chegar a tempo — concluiu, desalentada.

— Claro que vamos! — exclamou Victor, puxando-a pelo braço.

— Não se Edward for dirigindo...

— Como? — indagou o inglês, assumindo ares de ofendido.

— Não temos tempo para discutir agora. Deixe Alessandra dirigir — interferiu Victor.

— Meu carro não está na garagem, e estou com as chaves aqui — anunciou Alessandro, triunfante.

— Mas só cabem dois no carro dele — observou Harper.

— Nada disso. Cabem quatro, mas o conforto não é o mesmo.

— Somos cinco — lembrou Edward.

— Elvi pode se sentar no meu colo — afirmou Victor, empurrando todos para porta.

Sentar no colo dele? Nem pensar! Mal o conhecia, além do mais andar com uma capacidade superior à do carro era ilegal.

Capítulo X

Elvi não teve tempo de protestar. Entraram todos rapidamente no carro e Victor a puxou para seu colo. Agora estava ali, sentindo a respiração quente dele em seu pescoço. Tentou ficar imóvel, mas não indiferente à temperatura do peito musculoso de encontro às suas costas. Apesar do desconforto, encantou-se com a velocidade de Alessandra.

Quando conseguiu visualizar o velocímetro, percebeu que se não estivessem voando, faltava pouco. Assim, não se intimidou em segurar nos braços de Victor ao virarem em uma curva, em que o motorista sequer se preocupou em diminuir a velocidade. Edward e Harper estavam em pior situação, espremidos no banco de trás.

Aquela velocidade, era de se esperar que fossem seguidos por uma viatura de polícia, que não economizou nas luzes e menos ainda na sirene.

— E agora? — perguntou Elvi, apavorada.

— Pode deixar que eu cuido dele.

Alessandro apertou os olhos, mirando o carro que os seguia pelo retrovisor. Elvi ficou chocada quando, sem maiores explicações, a viatura policial desligou as luzes e parou no acostamento.

— O que você fez?

— Sugestionei a mente deles, e substituí a vontade de nos perseguir por fome de chocolate — respondeu ele, divertido.

Elvi não protestou porque outra curva surgiu e Victor a abraçou, evitando que batesse com a cabeça na janela.

— Segure-se melhor — alertou ele.

Enfurecida por levar uma bronca em vez de ralar com Alessandro, Elvi respirou fundo para se acalmar. Com isso, acabou por inalar o perfume de Victor. Ainda não havia desvendado as notas mais fortes. Quando se deu por si, estava abraçada ao pescoço dele para sentir melhor o perfume. Foi o olhar de repreensão de Harper que a fez perceber o que estava fazendo. No mesmo instante endireitou o corpo, agora para esconder o rosto vermelho de vergonha. Mas voltou a perder o equilíbrio quando Alessandro freou bruscamente.

— Chegamos, não? — indagou o italiano.

Elvi meneou a cabeça e logo estavam saindo apressados do carro. Harper desceu depois do motorista e abriu a porta do passageiro, oferecendo a mão para ajudá-la a descer.

Abriram as portas de vidro da loja e entraram em bando. O gerente se aproximou e Elvi tomou a dianteira, desculpando-se.

— Não vamos tomar muito do seu tempo.

— Precisamos comprar uma cama — antecipou Victor.

— Então vieram ao lugar certo. Que tipo de cama estão procurando?

— A maior que você tiver — Elvi retomou a palavra. Mal podia esperar para se

estirar sobre uma ampla superfície macia.

— É melhor deitar-se antes de comprar qualquer uma delas — sugeriu Alessandro, diante da primeira cama avaliada.

— Ele tem razão — concordou o gerente.

Ansiosa como estava, ela não pensou duas vezes antes de dar a bolsa para Victor e pular de costas na cama. A vontade era de rolar, ajoelhar, pular de novo. Só não agiu dessa forma porque todos os seus movimentos estavam sendo acompanhados de perto.

— Ótimo, vou levar esta — decidiu Elvi, levantando-se e arrumando os lençóis.

— Não seria melhor olhar mais algumas? — sugeriu Victor, apagando o brilho do rosto do gerente da loja.

— Sim, não seja precipitada — concordou Harper.

Quando o gerente viu que Alessandro seguia para outra cama, resolveu intervir:

— Acho que posso evitar o trabalho de testar uma a uma. Sua esposa prefere uma cama mais dura ou mais macia? — perguntou ele para Victor.

Elvi arregalou os olhos, tentando adivinhar por que o gerente havia se endereçado a Victor. Talvez porque os dois experimentavam sempre o mesmo colchão, sentando-se um de cada lado, enquanto os outros se ocupavam em circular pela loja.

— Macia — respondeu ela, dirigindo-se para onde Alessandro estava. — Esta me parece bem melhor do que as anteriores.

— Deixe-me testar. — Victor sentou-se ao lado dela.

Um simples roçar de coxas alertou todos os sentidos de Elvi.

— Temos alguns colchões ainda mais macios. Esses que estão olhando estão na escala dos mais firmes.

Movendo-se com agilidade, ela seguiu o vendedor. Agradeceu aos céus a idéia de colocar jeans em vez dos ridículos vestidos pretos, que tornariam aquela brincadeira de pular de uma cama para outra impossível.

— Aqui estamos, esta é a melhor cama da loja. E tem garantia de vinte e quatro anos.

Encantada com o tamanho da cama, Elvi pulou e esparramou-se bem no meio.

— Esta é incrível.

Victor e Harper se anteciparam em deitar um de cada lado também.

— A senhorita deveria se deitar no lado em que está acostumada a dormir — sugeriu o vendedor.

— Bem... — Ela se lembrou de que não tinha um luxo daqueles nos últimos cinco anos, já que não tinha muita opção dentro de um esquite.

— Vamos todos mover para a esquerda — ordenou Victor, antes que Elvi contasse ao vendedor que estava acostumada a dormir em um caixão.

Quem olhasse de longe se divertiria com a situação. Foi o que ela pensou, por isso levantou-se depressa.

— Ela vai levar esta — decidiu Victor, ao notar que Edward se aproximava e provavelmente iria querer opinar também.

— Ótimo! — exclamou o gerente, já a caminho do caixa, onde uma mulher

aguardava impaciente, ansiosa por fechar logo o pedido e ir para casa. — Onde a senhorita quer que entregue?

Enquanto ditava o endereço, Elvi olhava para a cama com o canto do olho. Infelizmente não seria possível levá-la naquela noite mesmo.

— Port Henry? Deixe-me ver — disse o vendedor, checando o calendário. — Costumamos fazer as entregas naquela região nas quartas-feiras.

— Só na quarta? — indagou ela, em pânico. Para quem esperava que a entrega fosse feita no dia seguinte, esperar alguns dias lhe pareceu uma tortura. — Vocês não podem entregar amanhã?

— Amanhã é domingo. Não fazemos entregas. E em Port Henry somente às quartas — sentenciou o gerente, inflexível.

— A entrega será feita amanhã — dardejou Victor com toda a calma do mundo.

Elvi o encarou sem entender. Porém, ficou mais supressa ainda quando voltou o olhar para o vendedor e o encontrou com o olhar parado.

— Vou abrir uma exceção...

— Não precisa — interveio ela, quando percebeu que o homem estava hipnotizado.

Quando olhou para a mulher do caixa e a viu assentindo também, presumiu que algum deles também havia controlado a mente dela.

— Não faça isso, Victor — repreendeu, enquanto o vendedor terminava de preencher a nota e entregá-la no caixa.

— Você precisa de uma cama.

— Pronto. Está tudo certo. Eu mesmo levarei a cama amanhã. Obrigado por fazerem suas compras em nossa loja — agradeceu o gerente, agindo normalmente, sem parecer um robô de controle remoto.

Ao saírem da loja, Elvi se acercou de Victor, puxando-lhe o braço.

— Você não pode fazer isso.

— Relaxe. Você pagou pela cama e pela entrega.

— Não é disso que estou falando. É o conceito que...

Victor seguiu andando, deixando claro que não se importava com o discurso. Harper e Alessandro aguardavam perto do carro. Edward disse algo sobre almofadas e voltou para loja. Irritada por ter platéia para tudo o que falava ou fazia, Elvi puxou Victor para um canto, fora do raio de visão dos outros.

A sós, atrás do muro lateral da loja, Victor parou e cruzou os braços. Elvi respirou fundo e pensou em como convencê-lo de que coagir alguém daquela forma era, no mínimo, humilhação.

— O que você fez está errado.

— Por quê? Você comprou uma cama. Nada mais natural que queira recebê-la no dia seguinte.

— Sim, mas aparentemente eles não fazem entrega aos domingos. E você o influenciou.

— Influenciei? — perguntou ele, erguendo uma das sobrancelhas.

Elvi fez um gesto de impaciência com as mãos.

— Ainda não sei exatamente como vocês conseguem fazer isso, só sei que é errado.

— Você agüentaria esperar pela cama até quarta-feira?

— Claro que não, mas isso é o menos importante. Você fez com que o gerente fizesse algo que não queria. Como pode saber se ele não tinha outro compromisso, ou... sei lá...

— Meu Deus... Elvi, você pensa demais.

— Quero apenas saber onde está o limite.

— Não entendi.

— Você está me controlando também?

— Ora, claro que não — respondeu ele, rindo. — Eu não faria isso.

— Ah, não? E como posso ter certeza, se acabo de ver do que você é capaz?

— O gerente da loja é um simples mortal.

Elvi parou de falar ao notar um brilho prateado de algo vindo em sua direção.

— O que é...

No instante seguinte estava no chão, com Victor cobrindo seu corpo. Ele levantou a cabeça, olhando para os dois lados. Estreitou a visão de onde supostamente teria vindo a flecha que por pouco não os atingira.

— O que aconteceu? Não consigo respirar — reclamou Elvi, tentando livrar-se do peso.

— Você está bem? — indagou ele, levantando-se.

— Considerando que acabo de ser derrubada no chão, estou bem, sim.

— Você não reparou que quase fomos atingidos por uma flecha?

— Como? — questionou ela, incrédula, rolando para o lado, erguendo-se e espanando com a mão o resto de grama preso em suas roupas. — A meu ver, o alvo era você por ser estranho por aqui. Vivo nesta região há anos e nunca tive problema algum. E por que alguém atiraria em nós, se somos imortais?

Desviando a atenção da roupa, Elvi o encarou. Victor continuava no chão, sentado com as pernas cruzadas.

— Você não viu a placa? Estamos perto de um clube de arco e flecha. Nem todos devem ser bons de pontaria — completou ela, virando-se para voltar para o carro.

Vendo-a seguir tão destemida, Victor levantou-se e seguiu-a, sem deixar de prestar atenção nos arredores. Através de uma abertura na parede, foi possível ver que de fato havia ali um clube de arco e flecha. Havia vários alvos distribuídos em árvores dispersas. Entretanto, não havia ninguém praticando. Ele presumiu que o atirador devia estar em uma das salas do andar superior.

A flecha estava presa na placa lateral da loja de móveis. Victor concluiu que Elvi estava errada em seu pressuposto. Não restava dúvida de que haviam sido alvejados propositalmente. Lembrou-se de que precisava instruí-la de que não eram completamente imortais.

Pensando assim, voltou para o carro, cheio de dúvidas. Quem os tinha alvejado, e

por quê?

Elvi desviou o olhar das chamas da fogueira, que os homens reacenderam ao chegarem da loja de móveis. Victor a estava ignorando desde o incidente. Foram várias as tentativas que fizera para chamar a atenção dele, mas todas inúteis. Ele estava perdido em pensamentos, o que a irritou profundamente.

O barulho de um carro, estacionando na lateral da casa, despertou sua curiosidade. Mabel desceu, bateu a porta do carro com uma força desnecessária e subiu as escadas. Elvi pressionou os lábios. A julgar pelo jeito como a amiga subia até a varanda da casa, sem desviar o olhar para a fogueira, ela não era a única a estar enfurecida com homens naquela noite.

Outra batida de porta, e D.J. saiu correndo em direção à entrada. Não conseguiu entrar. A porta estava trancada. Ele ainda tentou bater umas duas vezes. Vencido pelo cansaço, foi juntar-se aos outros ao lado da lareira.

— Mulheres... — murmurou ao ocupar uma das cadeiras vazias.

— O que fez a ela? — Harper indagou.

— Nada. Eu apenas fui gentil.

Elvi mordiscou o lábio, sabendo que D.J. poderia estar com a razão. Depois de uma tossidela, decidiu tomar uma atitude.

— Vou destrancar a porta.

Afastou-se para que os homens ficassem mais à vontade para consolar D.J. Quando seguia para seu quarto, encontrou Mabel no caminho.

— Está tudo bem?

— E por que não estaria? — indagou a outra, ríspida.

— Achei que tivesse acontecido alguma coisa pela forma como você chegou batendo a porta.

— Ah, não. — Mabel forçou uma risada e, ao entrar no quarto, deixou a porta aberta. — Por que pergunta?

— Pelo jeito como você chegou e trancou a porta, impedindo que D.J. entrasse, só posso supor que não esteja tudo bem.

— Nem mencione esse nome na minha presença. Esse sujeito é o mais irritante e inconveniente que já conheci. Ele nem deveria estar aqui. Não foi convidado.

— Tem razão.

— Você tem idéia do que é ter alguém atrás da gente o dia inteiro?

— Ora, ele gosta de você — arriscou Elvi.

— Ah, Elvi, não me venha com essa. Olhe para mim. — Mabel parou diante da amiga com as mãos na cintura. — Sou uma senhora, e ele é um rapaz. É impossível haver algum interesse real.

— Ele não é tão jovem quanto você pensa — contou Elvi, mas a amiga não mais a ouvia, pois já estava entrando no banheiro.

Mabel abriu as torneiras e continuou falando alto, como se a amiga não estivesse ali à porta para ouvi-la.

— Esse garoto fica me rodeando, oferecendo ajuda como se eu não pudesse cuidar da minha própria vida. E por que ele precisa usar aquele jeans tão justo?

Elvi escondeu o riso ao notar que Mabel também estava interessada.

— Já disse, ele está interessado em você.

— Pare com isso! Olhe a quantidade de rugas no meu rosto. Aproveite e use sua visão privilegiada para ver as que estão por vir também.

— São apenas linhas de expressão. Não exagere.

— Ah, é? Então meu corpo inteiro é muito expressivo...

— Bem, nenhuma de nós tem mais o viço dos vinte anos.

— Você, sim — afirmou Mabel. — Sua aparência está melhor do que tinha há vinte anos. Está com a pele de *quarenta* anos atrás.

— Está bem.

Elvi mordiscou o lábio. Era uma pena que não se enxergasse em espelhos, mas ao levantar a cabeça, percebeu um estranho reflexo.

— Vamos deixar esse assunto de lado. Conte-me como foi sua noite.

Aliviada com a mudança de assunto, Elvi contou como tinha sido a compra da cama nova e a atitude de Victor para que fosse entregue no dia seguinte.

— Eu liguei para a loja assim que chegamos em casa, mas claro, já estava fechada. Deixei um recado na secretária eletrônica solicitando que não fizessem a entrega amanhã.

— Não entendo por que você se preocupa tanto — Mabel perguntou, meneando a cabeça. — Além do mais, você acha que vai valer a pena? Eles possuem um poder que vai além de uma simples influência. Acredito que são capazes inclusive de causar compulsão nas pessoas. Por sua vez, existe a possibilidade de assim que vocês saíam da loja, o vendedor tenha saído do transe e cancelado a entrega amanhã, você não acha?

— Eu não tinha pensado sobre isso. Tenho de refletir melhor.

Quando Mabel estava pronta para entrar na banheira, já com um livro em mãos, Elvi decidiu que era hora de se despedir e recolher-se também.

— Acho melhor deixar você... Vou tomar um banho também.

— Boa noite — Mabel murmurou.

Elvi saiu para o corredor e entrou no quarto, fechando a porta, depois vagou um pouco de um lado para o outro. Já tinha tomado uma ducha de manhã, mas um banho de espuma era uma proposta tentadora. Lembrou-se de que havia comprado um novo sabonete líquido com perfume de baunilha e um creme hidratante com perfume igual. Tremeu de antecipação, pois adorava banho de espuma. Era um hábito que mantinha desde casada, quando resolvia fugir de tudo e de todos e ter alguns momentos de paz.

Como mãe e esposa, sempre tinha problemas de última hora, como o marido ou a filha não saberem o que vestir para uma festa, ou a falta de frios na geladeira, o que os fazia bater na porta e interromperem seu momento de privacidade.

Respirando fundo, fechou os olhos e entrou na banheira. Se soubesse que estariam juntos por tão pouco tempo, teria aproveitado mais a presença dos dois.

Afastando a tristeza, fechou a porta do banheiro, pegou uma toalha e despiu-se. A água da banheira estava a apenas alguns centímetros da borda. Com um longo suspiro,

Elvi se deixou escorregar para dentro da água.

— Pensei que Elvi fosse destrancar a porta.

Victor olhou para Alessandro, que retornava ao grupo. Até então, fingia estar prestando atenção no relato de Harper a D.J. sobre a última aventura na loja de móveis. Estava de fato preocupado em descobrir mais sobre a condição de "vampira accidental" de Elvi. Como notara que o assunto a chateara demais, não insistira para obter maiores informações. Não queria que sua presença fosse ligada à lembrança de incidentes desagradáveis, mas era preciso aprofundar-se mais no assunto.

Em vez de ter se deixado levar pela empolgação da compra da cama nova, deveria ter insistido que era mais importante ficar em casa e conversar sobre as leis que ela teria de seguir dali para a frente. Elvi conseguia distraí-lo com facilidade, algo que o intrigava bastante. Ela sempre o pegava de surpresa, voando de um lado para o outro com a velocidade e a graça de um beija-flor.

Seu comportamento, aflito em atender aos desejos de Elvi, o intrigava. Sempre colocara o trabalho acima de quaisquer outros interesses. Em três séculos como oficial do Conselho, nunca havia cometido um deslize como aquele. E, no entanto, passara horas encantado com a maneira como ela se movimentava.

— O que acha, Victor?

A pergunta de D.J. o trouxe de volta à conversa. Em vez de responder, ele ergueu os olhos para o andar superior da casa e notou que a luz do banheiro de Elvi ainda estava acesa. Pensou em sugerir a um deles que subisse a escada lateral e batesse na porta do jardim de inverno, mas mudou de idéia no minuto seguinte. Se alguém fosse incomodá-la, seria ele.

— Vou dar um jeito nisso — decidiu, afastando-se da fogueira.

No começo da noite, Elvi havia se esquecido de fechar a porta do jardim de inverno, deixando apenas a porta de tela encostada. Victor tentou ver alguma coisa no quarto, franzindo a testa ao notar que o aposento estava totalmente escuro. Levantou a mão e bateu na porta três vezes; esperou um pouco, mas não houve resposta. Não hesitou em entrar. A ideia era atravessar o quarto, sair, descer até o primeiro andar e destrancar a porta da cozinha.

Estava no meio do quarto quando a porta do banheiro se abriu. Ele gelou, e ao virar-se deu com a figura longilínea de Elvi, envolvida apenas por uma pequena toalha de banho.

Victor engoliu em seco. De repente, todos os assuntos que tinha em mente para conversar sumiram com o vapor que saía do banheiro. A começar pelo rosto dela, o olhar ávido foi descendo pela pele alva dos ombros, braços e colo. As pernas benfeitas estavam parcialmente à mostra. A detalhada exploração só foi interrompida quando ela gritou.

— Não se assuste. Estou de passagem. Você se esqueceu de deixar a porta da cozinha destrancada. Bati na porta de tela do jardim de inverno, e como você não atendeu, resolvi entrar.

— Eu não esperava... — Elvi apertou ainda mais a toalha ao redor do corpo e acabou deixando cair uma peça de roupa que trazia na mão.

— Pode deixar que eu pego — ofereceu ele, já se ajoelhando para pegar a peça de seda.

Quando reconheceu a minúscula calcinha e estava prestes a se desculpar, seus

olhos se detiveram nas coxas bem-torneadas à sua frente. Eram perfeitas. Uma gota de água furtiva escorreu pela lateral da perna nua. Um arrepio de desejo o percorreu, impulsionando-o a seguir com a língua a trilha que a gota deixara sobre o corpo curvilíneo.

Ruborizada até a raiz dos cabelos, Elvi tomou a peça das mãos dele, trazendo-o de volta do breve devaneio.

— Obrigada, e lamento ter me esquecido de destrancar a porta.

— Sei... — respondeu Victor, com o olhar fixo nos lábios dela.

Bem no canto da boca bem-desenhada havia outra gota insinuante. A natureza parecia desafiá-lo a saciar sua sede, como se aquela fosse a única fonte de água existente do árido deserto de sua vida.

Elvi estava confusa, ao mesmo tempo que ouvia o forte retumbar do coração, reagindo à proximidade dos corpos.

— Victor... — sussurrou ela, exalando sensualidade misturada ao perfume do banho.

Ao abrir a boca, a gota de água se escondeu entre os lábios dela. Hipnotizado que estava, Victor não resistiu ao impulso. Dando um passo à frente, capturou a gota clandestina com a ponta da língua, estendendo-se em um beijo apaixonante.

Elvi emitiu um som de surpresa, que ele interpretou como convite para invadi-la com a língua. Foi então que ele fechou os olhos, deliciando-se com o sabor doce de baunilha, incitando-o a mordê-la. Desde que perdera a esposa, Victor não se fartava com a sensação extasiante de tomar uma mulher nos braços.

Enquanto as línguas brincavam entre si, mãos fortes deslizavam pelas costas e prendiam-se aos quadris dela, pressionando-o contra o corpo másculo. Rompendo barreiras, Elvi o enlaçou pelo pescoço. A toalha escorregou e ficou presa entre os dois, revelando as curvas das costas dela.

O som inconveniente de passos se aproximando do jardim de inverno fez com que Victor se afastasse, maldizendo a hora em que esquecera de trancar a porta. Abaixou-se para pegar a toalha caída e, ao se levantar, deparou com os mamilos rosados dos seios de Elvi.

Fechando os olhos para não sucumbir à tentação, ele a envolveu com a toalha e, em seguida, empurrou-a de volta ao banheiro.

As batidas na porta eram cada vez mais insistentes.

— Pode deixar que eu atendo! — gritou ele, fazendo sinal para que ela fechasse logo a porta do banheiro.

Depois passou os dedos pelos cabelos, desgrehados pelas mãos de Elvi, e seguiu para o jardim de inverno.

Capítulo XI

— Desculpe incomodar. Primeiro Elvi disse que iria destrancar a porta e não voltou. Depois você fez o mesmo. Ficamos preocupados que tivesse acontecido alguma coisa — disse D.J.

Alessandro meneou a cabeça, concordando.

— Elvi se esqueceu de tudo e entrou no banho.

— Sei... — murmurou D.J., erguendo uma sobrancelha, desconfiado. — Bem, se não se incomodar, gostaríamos de entrar. Precisamos de duas embalagens de sangue.

— Ah, claro. — Victor se afastou para que os dois passassem.

— Pode deixar que eu destranco a porta — anunciou Alessandro.

D.J. ficou para trás de propósito.

— Você já se alimentou hoje? — perguntou em voz baixa. Em um primeiro momento, Victor não gostou de ser pajeado. Pensando melhor, lembrou-se de que se ocupara com o café da manhã de Elvi e depois tinham saído para a loja de móveis.

— Eu sabia! — exclamou D.J. — Bem que o achei um tanto pálido.

— Vou tomar as devidas providências.

— Ótimo. Vou com você.

Victor resmungou baixinho. Embora estivesse com o estômago roncando, tinha em mente outra coisa a fazer. Olhando a porta do banheiro fechada, avaliou a possibilidade de voltar a ficar com Elvi e concluiu que as chances eram praticamente nulas.

Em vez de deixá-lo em paz, D.J. aguardava uma resposta. Victor resmungou de novo e saiu do quarto, fechando a porta ao passar.

— Edward disse que você e Elvi foram alvejados hoje — comentou D.J., quando já estavam na rua. — O que houve?

Em poucas palavras, Victor resumiu o acontecido. Contou também que Elvi suspeitava que fosse ele o alvo.

— Você? O que a fez concluir uma coisa dessas?

Victor virou na rua principal. Eram duas horas da madrugada de sábado. Hora em que os bares estavam fechando. As calçadas estavam lotadas de pessoas voltando para casa. Ambos estudaram com olhos predadores cada um que se acercava.

— Ela diz que mora aqui há bastante tempo e nunca foi alvejada antes — explicou Victor, virando os olhos diante do absurdo do comentário. D.J., porém, considerou a hipótese.

— Acho que ela pode estar certa. Se todos nas cercanias de Port Henry sabem que ela é uma vampira, não seria depois de cinco anos que tentariam matá-la.

— Não há razão para alguém tentar me matar.

— Humm. — D.J. não estava convencido.

A preocupação fez com que Victor diminuísse o passo.

— Vamos, diga, qual a sua teoria?

— Não se esqueça de que quando você achou que Elvi iria morder Owen, você avançou para cima dela, empunhando um cravo de madeira. Se todos aqui gostam dela como parece, alguém pode ter se ofendido com a sua tentativa.

Victor franziu o cenho. Havia se esquecido daquele pequeno incidente. Talvez D.J. tivesse razão.

— Onde estavam os outros quando saímos da loja de móveis?

— Aguardando perto do carro. Quero dizer, Edward voltou para a loja, dizendo que precisava comprar umas almofadas. Depois veio da parte de trás do prédio, minutos mais tarde. Por que a pergunta?

— Acho que temos de considerá-los suspeitos também.

— Ora, ainda não entendo a razão.

— Eliminar a concorrência por Elvi.

— Não seja ridículo.

Victor parou para pensar a respeito. Agora que estava ciente de que a desejava, não suportava sequer a idéia de que outros a rodeassem. Por que um deles não podia pensar o mesmo? Só de pensar, sentiu náuseas, que o lembraram de por que estava na rua àquela hora. Para se alimentar.

Conforme havia dito a Elvi, era contra as leis se alimentar de um mortal, a não ser em caso de emergência. Victor nascera com uma anomalia. Poderia consumir várias embalagens de sangue que nunca ficaria saciado. Necessitava de sangue fresco para sobreviver.

Passaram por um parque onde alguns casais namoravam, aproveitando a escuridão proporcionada pelas árvores. Victor vislumbrou um casal. O homem estava bêbado demais, não seria saudável tomar-lhe o sangue. A mulher consumira um pouco de álcool apenas para relaxar. Quando o desconhecido tombou perto de um beco, ele correu para oferecer ajuda à mulher. A idéia era alimentar-se como pagamento pela gentileza. D.J. o seguiu de perto.

Quinze minutos e três casais mais tarde, os dois saíram do parque, retornando para Casey Cottage.

— Existe outra hipótese para a tentativa de homicídio — comentou D.J., voltando ao assunto que conversavam antes de entrar no parque.

— E qual seria?

— O mentor dela.

— De acordo com o que ouvi, ela nem sabe da existência dele.

— Sabemos que isso não é possível. Quem deu o sangue para ela, sumindo depois, deve ter descoberto que o Conselho soube do caso e que estamos aqui para resolver. Para não ser descoberto, esse renegado optou pela queima de arquivo.

Victor ficou quieto, resistindo a aceitar a teoria de D.J. Além de Elvi estar em perigo, ele sabia que também não teria como explicar o acontecido ao Conselho.

— Estamos lidando com hipóteses apenas. Não temos como descobrir quem atirou — concluiu Victor.

— Você consegue ler a mente dela? — questionou D.J.

— Ainda não tentei — admitiu ele, sem jeito.

Se aquele fosse um caso simples como outros tantos que o Conselho o mandara investigar, desvendar a mente do acusado seria a primeira providência tomada. Entretanto, ela o estava distraíndo com seu perfume inebriante. Esquecia de pensar com a razão quando estavam juntos. Um simples sorriso e um olhar de soslaio com aqueles olhos incríveis o faziam se esquecer da própria existência.

— Aposto que não conseguirá ler a mente dela.

— Você consegue? — Victor inverteu a pergunta.

— Eu não tentei. Mesmo porque já não tinha conseguido ler Mabel, o que tomou toda a minha atenção.

— Os outros não comentaram nada a respeito?

— Bem, Edward diz que consegue ler a mente de Elvi e que continua aqui porque acha a arquitetura de Port Henry muito interessante. Alessandro diz que também consegue, mas decidiu ficar a semana inteira porque as mulheres daqui são muito *bellas*. Ah, você acredita nessas histórias?

Victor franziu a testa. Como nem sequer considerara a concorrência, também não havia pensado se os outros seriam capazes de ler a mente de Elvi. Na verdade, aos poucos estava clamando-a para si mesmo.

— Eu acho que se eles já tivessem concluído não terem chances de ser o parceiro de eternidade de Elvi já teriam saído da cidade — ponderou D.J. — Lembro-me de que, na primeira noite, todos diziam que iriam embora assim que constatassem que não tinham chances. E no entanto, continuam aqui. Eles estão mentindo.

— Mas por que razão? — inquiriu Victor.

— Não faço idéia. Talvez estejam esperando alguma decisão do Conselho.

— E quanto a Harper?

— Não sei, não tive chance de perguntar a ele ainda, mas suspeito que ele não também não consiga decifrá-la... o que prova a minha teoria. Você já ouviu contar algum caso de três imortais não conseguirem ler alguém? — indagou D.J. e, sem dar chance a Victor de responder, continuou: — Quem sabe não há algo errado com a água daqui ou qualquer outra coisa que torne impossível nossa leitura?

Victor piscou, surpreso, diante da imaginação fértil de D.J. Talvez o amigo estivesse procurando uma explicação por não ler a mente de Mabel e assim concluir que a cidade inteira fosse como ela. O que era plausível, uma vez que Mabel estava dando um imenso trabalho para ser conquistada.

— Eu li a mente de Teddy Brunswick na noite em que chegamos aqui.

— Ah, é — lamentou D.J., mas seu rosto se iluminou logo em seguida. — Talvez só as mulheres sejam indecifráveis.

Victor se recusou a considerar tal possibilidade. Se assim fosse, Elvi não seria sua companheira. Toda a esperança e sentimentos ressuscitados nos últimos dias se transformariam em desejos vazios.

Com a mente em turbilhão, tentou lembrar quando exatamente havia decidido ser ela seu grande amor. Foram eventos sucessivos. Quase tivera um infarto quando ela desmaiara no café da manhã; mal conseguira decifrar a reação do próprio corpo quando a tivera em seu colo na ida à loja de móveis.

Lembrou-se da satisfação que o fizera sorrir quando o gerente da loja os confundira com um casal. Tampouco poderia esquecer o beijo trocado. Se fechasse os olhos, ainda era capaz de sentir o perfume de Elvi.

Mesmo que tivessem sido poucos os momentos de prazer partilhados, seu corpo reagia diante da recordação. Definitivamente, Elvi seria sua parceira para o resto de sua existência.

— Victor?

A voz de D.J. ressoou na cabeça de Victor. Os dois se encontravam na esquina da casa de Elvi. As ruas estavam desertas. E ele queria ler a mente de alguma mulher para descartar de vez a suposição do amigo.

— Mabel — murmurou, apressando o passo.

— O que tem ela? — indagou D.J., ansioso, correndo para acompanhar o amigo.

— Preciso encontrá-la — anunciou Victor, subindo os degraus da varanda de Casey Cottage.

— Ela deve estar dormindo a esta hora.

— Ótimo, assim será mais fácil.

— Victor! — D.J. gritou, alarmado, tentando impedir que o outro avançasse.

— Deixe-me passar. Pense bem. Se você estiver certo e todas as mulheres da cidade forem indecifráveis, tampouco poderemos apagar a memória delas da nossa passagem por aqui. Já imaginou qual providência o Conselho terá de tomar? — inquiriu Victor, empurrando D.J. para seguir em frente.

— Não podemos deixar que ninguém se lembre da nossa estada aqui.

Diante da porta do quarto de Mabel, Victor relutou em bater. Se ela estivesse dormindo, seria bem mais fácil entrar e tentar ler sua mente sem incomodá-la. Pensando assim, girou a maçaneta e espreitou o quarto.

Mabel estava acordada, lendo. Assim que os viu, levantou os olhos, surpresa.

— Vocês não aprenderam que se deve bater na porta antes de entrar? O que houve? — perguntou, ríspida.

Victor não se incomodou em responder. Concentrou-se na testa dela, tentando invadir mais uma vez sem pedir licença. Para seu alívio, a tarefa foi fácil. Porém, ficou de queixo caído ao descobrir os pensamentos de Mabel.

Ao contrário da impressão que passava a todos, Mabel era uma mulher doce. A couraça de intransigência que vestia era apenas para se defender das agruras da vida. Não foram as lembranças de um casamento ruim que surpreenderam Victor. Mabel estava intrigada com a presença deles na casa. Sem contar que se culpava por achar D.J. muito atraente. A aparência do rapaz suscitava-lhe desejos incontidos que não sentia desde a época da adolescência. Causava-lhe horror fantasiar com um homem que tinha idade para ser seu filho. Sofria por não conseguir dominar os próprios sentimentos.

— Então? — dardejou Mabel.

— Victor? — D.J. o cutucou. Estava ansioso para saber se o amigo alcançara o objetivo de estar ali.

— Consegui — Victor respondeu.

A resposta atingiu D.J. como um balde de água fria. Então Mabel era mesmo sua companheira de eternidade.

— Alo-u? Será que pode me explicar o que está acontecendo? O que vocês querem? — Mabel tentou chamar a atenção dos dois.

— Eu não quero nada. Não posso dizer o mesmo de D.J. — disse Victor com um sorriso, empurrando o outro para dentro do quarto.

Mabel ficou petrificada e D.J. blasfemou baixinho, o que não impediu Victor de puxar a porta. Não sem antes comentar:

— Apesar da aparência dele, D.J. tem cento e onze anos, Mabel. Não há razão para que não possam se conhecer melhor. Não precisa mais se sentir culpada por desejá-lo.

Victor saiu do quarto, mas ficou ouvindo o que aconteceria lá dentro. O silêncio o deixou curioso a ponto de curvar-se para espiar pelo buraco da fechadura.

— Cento e onze anos? — repetiu Mabel, rompendo o silêncio.

D.J. deu uma tossidela antes de responder em voz solene:

— Cento e doze. Meu aniversário foi na semana passada. Mabel fechou o livro e recostou a cabeça no espaldar da cama.

— Cento e doze anos... — murmurou, tentando ordenar a mente e os sentimentos.

— Victor tem razão ao sugerir que eu a quero, Mabel — confessou D.J. finalmente.

— Você quer meu sangue? É isso?

— Não. — A voz dele saiu quase que em um sussurro ao se aproximar da cama. — Eu a desejo. Você é a mulher mais fascinante, divertida e sensual que já conheci. Quero seu corpo, sua mente e, acima de tudo, o seu coração.

— Não é verdade. Sou muito velha e...

— Não tem mais idade que eu.

— Mas olhe a minha aparência — comentou ela, cobrindo-se até o queixo conforme D.J. estreitava a distância entre eles.

— Eu acho que você é linda do jeito que está.

— Então é melhor consultar um oculista — respondeu ela, fazendo uso do pouco de resistência que ainda lhe restava. — Meu rosto está tão enrugado quanto um maracujá.

— As marcas que possui são reflexos de uma vida de alegrias, sofrimentos e lágrimas. Não existe beleza maior do que aquela que revela a vida intensa de uma pessoa.

D.J. sentou-se na beirada da cama e beijou-lhe a testa, depois os olhos, forçando-os a se fecharem, e finalmente tomou-lhe a boca em um beijo longo e ávido.

Victor respirou, aliviado por D.J. não ter estragado tudo. Aguardou mais um pouco para avaliar a reação de Mabel. Para os imortais, era mais fácil aceitar o inevitável quando encontravam seu grande amor. Já os mortais levavam algum tempo para processar as informações, principalmente quando estas contrariavam todas as suas crenças.

Depois de beijar Mabel, D.J. afastou-se para dar a ela a chance de dizer alguma coisa. Do outro lado da porta, Victor segurou a respiração.

A expressão do rosto de Mabel revelava um misto de pensamentos conflitantes, mas não alarmantes. Até que, por fim, ela jogou o livro no chão e puxou D.J. pelo

colarinho da camisa.

— Isto é o que eu chamo de mulher decidida — disse Victor baixinho.

Uma porta batendo não muito longe, de onde estava o assustou. Elvi estava parada, encarando-o sem entender a presença dele ali.

Capítulo XII

— Não é o que você está pensando — justificou Victor, descendo a escada atrás de Elvi. — Estou apenas tentando ajudar DJ.

— Bísbilhotando o quarto de Mabel? — questionou ela, incrédula, dirigindo-se para a sala. — Por acaso pretende contar a D.J. o que ela veste para dormir?

— Não será preciso. Eles estão juntos.

— Como? O que ele está fazendo lá? — Elvi virou-se para encará-lo e correu de volta para a escada, com a óbvia intenção de salvar a amiga.

Victor a seguiu escada acima, conseguindo detê-la na porta do quarto de Mabel.

— Se você entrar, vai atrapalhar tudo!

Elvi fez menção de gritar para que ele a soltasse, quando um gemido alto a deixou paralisada.

— Oh, D.J.! Que delícia... — Era a voz de Mabel que se fez ouvir. Mesmo assim, Elvi colocou a mão na maçaneta, quando ouviu: — Isso, D.J., vamos... oh...

Como se tivesse se queimado, Elvi puxou a mão e, dando um passo atrás, continuou olhando para a porta fechada, não acreditando no que acabara de ouvir.

Os barulhos ritmados da cabeceira da cama batendo contra a parede não deixavam dúvida do que estava acontecendo ali dentro.

— Ele trabalha rápido — comentou Victor, sarcástico. Era sabido que a primeira vez que um homem fazia amor com sua recém-descoberta companheira costumava ser de uma intensidade descomunal. O desejo brotava em ambos com uma força titânica, deixando a impressão de que precisariam de cada segundo de uma eternidade para saciá-lo.

Victor suspirou. Se Elvi fosse de fato seu grande amor, teria de submetê-la ao Conselho de qualquer maneira. A possibilidade de ela ser decapitada não era um sonho dos mais românticos.

— Oh, mais rápido... Vamos...

Outra série de gritos e murmúrios levou Elvi a corar e se afastar dali. Victor conteve a vontade de espiar pela fechadura de novo, mas optou por segui-la escada abaixo. Pensou no que poderia dizer para aliviar a tensão. Sabendo que não havia como explicar a atração de um homem por uma mulher, acrescida da voluptuosidade de um imortal, optou pelo silêncio ao atravessarem a sala e entrarem na cozinha.

— Se ele fizer qualquer coisa que a magoe, eu mesmo tratarei de expulsá-lo daqui — sentenciou Elvi.

— Não precisa se preocupar. Ele não pode ler a mente dela.

— E por acaso acha que sei o significado disso? — questionou ela, demonstrando sua raiva ao bater a porta da geladeira.

— Mabel é o grande amor de D.J., por isso ele não irá machucá-la.

— Grande amor?

Pela expressão de Elvi, ele se lembrou de que não havia terminado de contar a ela sobre sua nova existência.

— É o mesmo que chamá-la de companheira para a eternidade. Quando um imortal não pode ler alguém do sexo oposto, sabe-se que essa é a pessoa que o destino lhe reservou.

— Mabel não é uma vampira.

— Uma imortal — corrigiu ele.

— Que seja. Sendo mortal, como ela pode ser o amor da vida dele?

— Se ela aceitá-lo como seu companheiro, ele a transformará.

— Isso é permitido?

— Sim. D.J. nunca transformou ninguém. Nossas leis não se opõem no caso de encontro de companheiros eternos.

— Isso não faz o menor sentido para mim. Eu tentei transformá-la várias vezes e não consegui. De acordo com os livros, se um vampiro sugar o sangue de uma pessoa três vezes, ela se transformará. Devo ter mordido Mabel umas doze vezes e nunca...

— Você tentou transformá-la? — Victor questionou, horrorizado.

Elvi estranhou vê-lo tão incrédulo.

— Ora, claro que sim. Somos amigas de infância. De repente eu volto a ser jovem, linda e forte. Ela quis o mesmo, enquanto eu não suportaria viver sei lá até quando sozinha.

— Não é assim que se transforma uma pessoa. O mentor de alguém tem de doar seu sangue e assim transferir os nanos, que uma vez dentro da corrente sangüínea, vão se reproduzir, tornando a pessoa imortal.

— Ah, sim... os tais nanos — Elvi murmurou para si. Estivera pensando sobre aquela história durante o banho.

Era difícil aceitar que não havia sido acometida por uma maldição. Mais difícil ainda era acreditar que seu sangue continha aquela espécie de bactéria.

— Você não aceita a versão verdadeira dos fatos, não é?

— Não é só isso. É tudo tão racional, tão frio... Não há romantismo nenhum na ciência ou nestes nanos.

— Ao menos é uma explicação mais lógica do que almas ambulantes e amaldiçoadas.

— Drácula ao menos é um herói de um drama e não de uma experiência científica.

— O Drácula da história de Bram Stoker não é um herói de uma tragédia. Ele era um parasita que se alimentava de pobres mortais. Quase nada dessa história representa

a nossa realidade. Além do mais, esse homem quase acabou com a nossa espécie.

— Ah, então ele existe de fato. Posso conhecê-lo?

— Não. Ele já morreu.

— Como morreu, se somos imortais? — perguntou ela, cada vez mais confusa.

— Não é bem assim. Morremos se formos decapitados ou...

— Se formos atingidos por uma estaca de madeira.

— Ou alvejados por qualquer coisa que nos atinja o coração e ali permaneça até sermos queimados.

— Não entendo por que insiste que eu os chame de imortais. Isso não é verdade. Somos apenas vampiros. — Sem esperar que ele se manifestasse, ela emendou: — Como foi que Drácula quase destruiu a nossa espécie?

Victor comprimiu os lábios.

— Em uma bebedeira fenomenal, ele contou para o autor do livro sobre nossa espécie. Na época, conseguimos abafar os comentários que surgiram. Quando o livro foi publicado, a curiosidade a nosso respeito voltou e passamos a ser perseguidos. Levamos décadas para convencer a maioria das pessoas de que aquilo era apenas uma obra de ficção. Até hoje temos de apagar a mente de alguns caça-vampiros.

— Caça-imortais — Elvi corrigiu, para continuar em seguida: — Quer dizer que a história de Drácula foi baseada em alguém de nome Jean Claude. Quem era ele, na verdade?

— Não exatamente, mas não é sobre isso que estamos falando.

Notando-a pálida, Victor abriu a geladeira e tirou uma embalagem de sangue.

— Tome. Depois do susto, acho que fará bem. Elvi fincou as presas no plástico.

— Bem, então o mentor tem de doar seu sangue — disse ela, voltando ao assunto principal. — Acho que perdi essa parte do filme.

— Que filme? — indagou Victor, estendendo a ela a embalagem de sangue.

— *Drácula*. Eu devo ter ido ao banheiro ou algo parecido quando o personagem foi alimentado — Elvi explicou ao fincar os dentes na embalagem de plástico.

— Não acredito! — Victor exclamou, levantando a mão e atingindo a embalagem de sangue sem querer, que foi ao chão e caiu no chão espalhando sangue para todo lado.

Praguejando baixinho, Elvi pegou algumas toalhas de papel para limpar a bagunça.

— Peguei o livro na biblioteca da cidade. Eu precisava entender o que acontecia comigo... e rápido. Achei mais fácil assistir ao filme.

— Você é mesmo fruto de uma geração que não lê. Quero dizer, lê as orelhas dos livros e depois assiste ao filme e acha que compreendeu a obra.

— Nossa, Victor, às vezes você parece tão esnobe quanto um cavalo em dia de desfile!

— Pelo visto, não foi só Mabel que se criou em uma fazenda. Um cavalo é esnobe, por acaso?

— Deus meu! E em outros momentos você é tão... *homem*.

— Ainda bem que você notou — observou Victor, sorrindo.

Dito isso, ele se abaixou a fim de ajudá-la. Pensou que aquele seria o momento ideal para tentar ler a mente dela. No entanto, Elvi levantou a cabeça e sorriu, agradecendo a ajuda. Em seguida, molhou os lábios com a ponta da língua. Victor sabia que se tratava apenas de um reflexo condicionado, mas também extremamente sedutor. Assim, em vez de concentrar na testa dela, viu-se com o olhar preso naqueles lábios carnudos. Como já havia experimentado o doce sabor daquela boca, desejou prová-la mais uma vez.

— Victor? — Elvi murmurou, um tanto insegura, quando percebeu que ele se aproximava, com os olhos focados em sua boca.

— Quero beijá-la.

Aquilo não tinha sido um pedido, mas uma explicação, cuja resposta foi um leve suspiro.

Tomando o ato como uma aceitação, Victor a puxou para junto de si e a beijou com uma urgência que já sabia ser insaciável.

Chocolate. O sabor do beijo era definitivamente doce como chocolate. Na certa ela havia comido algum pedaço sem que ele houvesse percebido.

Aquele foi o último pensamento coerente que ele conseguiu formar. A partir dali, a lógica que sempre o guiava deu lugar aos apelos do corpo, que já reagia à proximidade de tão doce feminilidade.

Elvi ficou praticamente imóvel, quase sem respirar, enquanto Victor a beijava. Sentiu-se invadida por uma sensação de *déjà vu*. Todos os sentimentos e sensações que ele havia despertado, quando do beijo interrompido no quarto, voltaram com força selvagem, trazendo uma vontade inigualável de dar e receber.

Quando ele lhe forçou a cabeça para trás, para deslizar a boca por seu pescoço, ela largou a tolha de papel e o abraçou, cravando-lhe as unhas nas costas.

Elvi doava-se ofegante à língua experiente que invadia sua boca, procurando desvendar-lhe os segredos. Gemeu de prazer ao sentir a masculinidade intumescida pressionar seu baixo-ventre. O corpo frágil se arrepiava e contorcia de prazer, enquanto a língua dele serpenteava pelo pescoço, insinuando-se no colo.

Estavam apoiados na bancada, procurando a melhor posição para se tocarem com maior intimidade. A língua de Elvi ganhou vida, recebendo sequiosa a boca de Victor por seguidas vezes.

Ela deixou que os dedos delicados passeassem pelas costas largas para depois embrenhá-los pelos cabelos dele. O beijo se tornou mais exigente, mais profundo. As mãos de Victor percorriam a lateral do corpo curvilíneo, apenas roçando nos seios, chegando finalmente aos quadris, forçando-os a simular o movimento rítmico, orquestrado pelo prazer contido.

A paixão se represou entre as pernas de Elvi, aumentando a umidade no centro de sua feminilidade. A cada movimento mais arrojado, um suspiro demorado. Imaginando que não galgaria mais alto aquela subida extasiante, ela quase desfaleceu quando a mão em concha segurou um de seus seios.

— Oh, Victor — sussurrou, enquanto o lóbulo de sua orelha era mordiscado e sugado.

Elvi inclinou a cabeça para trás para evitar cravar os caninos no pescoço dele. A luxúria era senhora de seus movimentos, fazendo-a mover-se, insinuando seu apetite por mais beijos e carícias.

Quando Victor atendeu aos silenciosos apelos, abriu o robe de seda que a encobria, expondo os seios macios. Afastou-se um pouco para contemplar a beleza da pele alva, contrastando com os mamilos rosados. Como um artista diante de uma tela branca, pincelou as pequenas saliências com a língua sedenta, conferindo assim uma cor mais escura e contrastante.

Ao endireitar o corpo e voltar a beijá-la, Victor percebeu que suas línguas agora dançavam em melhor sintonia. Elvi deslizou as mãos por baixo da camiseta dele, passando as unhas delicadamente, deixando para trás uma trilha de arrepios. Mais audaciosa, passou uma das pernas pela cintura dele, enquanto lhe pressionava o quadril para melhor sentir o membro rijo roçar sua feminilidade.

Com murmúrios guturais e anseios latentes, Victor a segurou pelas nádegas, levantando-a, insinuando que o abraçasse com a outra perna também. O roupão, totalmente aberto, já não era mais uma barreira entre os dois. Elvi usava apenas uma calcinha minúscula, onde ele passara a insinuar os dedos pelas laterais até senti-los molhados com o néctar produzido por ela.

Um grito abafado foi o anúncio de que a pequena peça de seda também deixara de ser um empecilho para a mão hábil. De repente, toda a importância do mundo pareceu estar focada no ponto mais vulnerável de Elvi, que pulsava, sedento à pressão dos dedos fortes. Louca de desejo, Elvi agora lhe sugava os lábios e chegou a mordê-lo quando ele a invadiu com os dedos. Seu corpo estava inteiro tensionado, a mente confusa entre o desejo, o pudor e a necessidade de senti-lo por inteiro. Ouviu um som surdo que confundiu com os batimentos de seu coração.

O encanto foi quebrado de repente quando Victor deu um brusco passo para trás. Sem o apoio dos braços fortes e frustrada, Elvi caiu de joelhos.

— Ah, Victor, eu estava à sua procura!

Elvi ouviu a voz de Edward e entendeu que o barulho que ouvira não havia sido fruto de sua imaginação, e sim os passos de alguém se aproximando. Victor a soltou abruptamente e assumiu um ar de culpa. Por pouco os dois não tinham sido pegos em flagrante. Com horror, ela viu que sua calcinha ainda jazia no chão, ao lado das toalhas de papel ensangüentadas. Se Edward desviasse os olhos para o chão, deduziria o que havia acontecido ali.

— Quero lhe fazer uma pergunta — o intruso continuou a falar e, para desespero de Elvi, aproximava-se da bagunça no chão.

Com extrema agilidade e rapidez, ela alcançou a calcinha, enfiando-a no bolso do robe que acabara de vestir novamente. Pegou uma das toalhas e fingiu estar limpando o chão quando Edward finalmente a viu.

— Será que você... Ah, Elvi, o que está fazendo?

— Olá, Edward — cumprimentou ela, forçando um sorriso inocente, enquanto pegava a embalagem de sangue para jogar no lixo.

— Não sabia que também estava por aqui. Precisa de ajuda? — perguntou ele, aproximando-se.

— Não, estou quase terminando. Sou mesmo muito desastrada. Por que não vai conversar com Victor na varanda, enquanto termino de limpar aqui?

— Se você preferir — Edward anuiu e virou-se para Victor: — Vamos?

Sem saber direito o que fazer, Victor acabou optando por sair da cozinha. Elvi respirou aliviada quando os viu sair. Depois terminou de limpar o chão e levantou-se para

jogar fora as toalhas de papel. Abriu a geladeira e alcançou mais uma embalagem de sangue. Aliás, aquele tinha sido o propósito por ter descido até a cozinha. Sentiu o rosto corar ao passar perto de onde estivera minutos antes, em total entrega. Teria sido o melhor orgasmo de sua vida, isto é, de sua vida e pós-vida também.

Que estranha e inusitada constatação...

Pensando mais friamente a respeito do acabara de acontecer e no caso de Mabel, perguntou-se se ambas não estavam perdendo o juízo. Contudo, ao passar pela porta do quarto da amiga e ouvir os ruídos do amor, sentiu uma ponta de inveja por não ter consumado o ato com Victor. Imaginou o encanto que seria fazer amor com ele em um... caixão. A imagem não era nem um pouco sexy, mas sua cama nova ainda não tinha sido entregue.

O que estaria acontecendo? Ela e Mabel eram duas senhoras decentes, na casa dos sessenta anos, cidadãs honradas da cidade. Nenhuma das duas havia amado outros homens que não fossem seus primeiros namorados e depois maridos. E agora, agiam como duas adolescentes desvairadas!

Elvi riu do próprio pensamento retrógrado. Mas o que podia fazer, ser era mesmo antiquada? Sendo assim, deveria agradecer por Edward ter chegado a tempo de interromper um ato intempestivo.

Nada disso, para que tanto resguardo se acabara de conhecer o prazer do inusitado? Edward deveria ficar trancado em seu quarto e não mais atrapalhar seus deliciosos desvios. Mesmo se quisesse esquecer o acontecido, não conseguiria, uma vez que as carícias e beijos de Victor estavam tatuados em sua pele. Acabara de ter um aperitivo do que seria passar a noite inteira ao lado de um homem tão encantador e sensual.

— Droga... — murmurou ao retornar para o quarto.

E pensar que dias antes havia dito não estar preparada para namorar. Agora estava pensando em aprofundar sentimentos e concretizar seus sonhos de mulher.

Pena que Mabel estava indisponível naquele momento. Precisava conversar com alguém. Teria de se contentar com um banho de água fria para aplacar o desejo que ainda lhe percorria o corpo.

Capítulo XIII

Na segunda-feira, Elvi acordou com um sorriso no rosto e se espreguiçou languidamente em sua nova cama. O domingo havia sido esplendoroso. Ao acordar fora surpreendida pela entrega da cama. Em pouco tempo seus hóspedes se dispuseram a montar a cama. Ao ser questionada sobre o que fazer com o ataúde, não sentiu dó nenhuma em ordenar que o queimassem.

Suas ordens foram levadas ao pé da letra. Enquanto Victor e Edward montavam as ferragens da cama, Alessandro e Harper destruíram o caixão a machadadas. Para comemorar, fizeram uma fogueira com a madeira e assaram salsichas. Quando mais

tarde começara a chover, foram todos para a varanda jogar cartas.

O dia havia sido agradável, embora ela tivesse trabalhado o dobro, procurando evitar Victor o dia inteiro.

Espreguiçando-se mais uma vez, assumiu que havia sido covarde. No entanto, não saberia como confrontá-lo depois do acontecido. Agora, mas uma noite se iniciava, sem que tivesse resolvido o que fazer a respeito.

Relutante, afastou as cobertas e saiu da cama. Havia tido uma noite de sonhos. Gostaria de ter acordado mais cedo para dar uma volta no jardim, mas ao olhar pela janela viu que já anoitecera.

Na noite anterior havia se recolhido mais cedo. Tinha ficado acordada, esperando que Mabel e D.J. voltassem do restaurante para finalmente conversar com a amiga. No entanto, o casal resolvera sair de novo e ela acabara pegando no sono. Não teve muita sorte no dia seguinte também, pois os dois já tinham saído quando ela acordara.

Gostaria muito de conversar com Mabel. Estava em dúvida sobre como agir diante de Victor, já que não conseguiria evitá-lo para sempre. Enquanto decidia, entrou debaixo do chuveiro e lavou a cabeça. Ao sair, não se preocupou em secar os cabelos, apenas penteou-os para trás. Vestiu uma blusa e uma saia mexicana estampada e saiu do quarto.

A impressão que teve ao descer as escadas era de que estava sozinha em casa. Até que a porta da frente se abriu e Victor entrou. Cumprimentando-a com um gesto de cabeça apenas, ele seguiu diretamente para a cozinha.

— Como está a cama nova? — perguntou, ao tirar da geladeira uma embalagem de sangue.

Ainda sem-graça por tê-lo seguido sem pensar duas vezes, Elvi respondeu:

— Maravilhosa.

— Que bom.

— Onde estão todos?

— Os rapazes foram até a escola com seus vizinhos. Mark e Sharon, se não me engano.

— Mike e Karen — corrigiu ela.

Não se espantou com o convite. O casal Knight era muito solícito e prestativo. Eram muito queridos na cidade inteira, daí a presença de todos no aniversário de seu filho, Owen.

— Mabel e D.J. tomarão conta do restaurante. Ela disse que não precisa de sua ajuda por lá. A idéia dela é que você passe a noite com um de nós para nos conhecer melhor.

— Mas você não acabou de dizer que saíram todos?

— Isso mesmo. Tomei uma decisão meio arbitrária e disse a todos que hoje seria a minha vez. Como estamos sozinhos, achei que seria a noite ideal para que eu terminasse de lhe falar sobre as nossas leis. Antes, porém, sugiro que se alimente.

Elvi tomou a embalagem que ele lhe estendeu e, desviando o olhar, fincou os dentes. Seguiu até a sala de estar e parou perto da lareira, ornamentada por madeira entalhada com pedras entremeadas. Ali no meio havia um grande espelho bisotado com uma armação dourada que fora tirado do lugar cinco anos antes. O lugar vazio deu a Elvi uma idéia que a ajudaria a resolver dois assuntos de uma vez.

— Podemos conversar enquanto fazemos compras — anunciou, ao pegar a bolsa, já pronta para sair. — Estou louca para repor os espelhos da casa, agora que sei que posso me enxergar.

— Como? — indagou ele, surpreso. — D.J. e Mabel saíram com o carro.

— Podemos usar o meu. Eu estacionei atrás de todos dessa vez.

Aliviada por ele não ter se oposto à idéia, Elvi dirigiu-se à saída.

— O que vamos comprar? — perguntou Victor ao estacionar em frente ao Wal-Mart minutos mais tarde.

— Um espelho. Não uso um há cinco anos. Mande tirar todos da casa quando imaginei que não poderia mais ver meu reflexo.

Em silêncio os dois entraram na loja. Elvi seguiu direto para a seção de seu interesse. Procurava primeiro por um espelho de corpo inteiro, depois se ocuparia com o da lareira e o de seu banheiro.

Com receio do que pudesse ver, relutou em seguir adiante pelo corredor. Primeiro colocou parte do corpo e viu suas roupas refletidas. Mais um mito que se dissolvia. Em um ato de coragem, postou-se diante do espelho de uma vez.

O que viu foi uma mulher de longos e vibrantes cabelos castanhos, que em ondas emolduravam o rosto delicado. A pele era lisa e perfeita, tal como o corpo. Ao sorrir, teve a certeza de que era igualzinha a Casey, sua filha falecida. Só desviou o olhar de sua figura longilínea para reparar em Victor, que se colocara pouco atrás dela. Os dois formavam um belo casal.

— Bem — ela começou a dizer, voltando a atenção para os espelhos menores. — O que há de tão diferente nas suas leis?

— Acho que discutir esse assunto em um lugar público não é conveniente.

— Pode ser. Mas já que estamos sozinhos neste departamento, não vejo problema algum. Se alguém aparecer, mudamos de assunto.

— Você já sabe a mais importante das leis — disse ele em voz baixa, ainda hesitante.

— Não morder mortais — Elvi recitou, divertindo-se com o desconforto dele. — Eu acho ótimo. Assim posso acabar com essa brincadeira boba de "Mordida de Aniversário".

Victor contraiu os lábios, demonstrando não ter gostado do que ouvira. Antes que ela pudesse perguntar o que o havia perturbado, ele parou diante de um espelho com uma moldura trabalhada e passou as mãos pela madeira talhada.

— Acho que este vai ficar ótimo em cima da lareira. Elvi meneou a cabeça, aprovando o bom gosto. De fato, o trabalho na madeira era semelhante ao que havia nas laterais da lareira.

— A segunda regra — disse ele, enquanto ela dava a volta no espelho — é que você só pode ter um filho a cada cem anos.

Boquiaberta, ela o encarou.

— Sei o quanto isso parece cruel. Como nossa expectativa de vida é alta, temos de cuidar para que não sejamos uma população maior do que a oferta de sangue.

— Quer dizer que podemos ter filhos? — questionou ela, não se importando com a justificativa do número reduzido de vampiros. — Isso é válido para aquelas que não podiam engravidar quando ainda eram mortais?

— Teddy comentou que sua filha faleceu em um acidente de carro. Foi difícil para você concebê-la?

Elvi se afastou dos espelhos, evitando encarar o passado por meio da sua semelhança com Casey.

— Eu sempre quis ter muitos filhos. Cinco ou seis, no mínimo. Tive seis abortos espontâneos, até que minha filha nascesse. Quase morri durante o parto. Os médicos disseram que eu não poderia mais engravidar.

Com as costas da mão, Elvi enxugou uma lágrima. Victor se aproximou e acariciou-lhe as costas, imaginando-lhe a dor da confissão.

— Por essa razão eu entronizava minha filha. Ela foi um bebê perfeito, uma criança sempre bem-humorada e uma mocinha linda. Nunca me deu trabalho algum.

— Foi em memória dela que você nomeou a pousada de Casey Cottage?

Elvi meneou a cabeça afirmativamente.

— Como foi o acidente?

— Ela costumava nos visitar quase todos os fins de semana. Geralmente eu ia buscá-la na estação de trem. Na última vez, Harry, meu marido, foi pegá-la porque eu estava ocupada preparando um jantar especial em família. No caminho de casa, ele sofreu um ataque cardíaco e bateram o carro. Harry morreu do coração, mas Casey... — Elvi interrompeu na narrativa para morder o lábio inferior e assim conter as lágrimas que lhe inundavam os olhos. — Casey ficou presa nas ferragens do carro. Quando foi tirada de lá, já era tarde demais.

— Sinto muito — murmurou Victor, abraçando-a.

Elvi encostou-se ao peito dele e chorou baixinho. Logo em seguida, enxugou as lágrimas e o encarou.

— Você acha que posso ter outro filho? Claro que outra criança não substituirá Casey, mas preencheria o vazio deixado.

— Basta você querer. Os nanos já devem ter reparado o seu sistema reprodutor. Seu filho será imortal também.

A emoção a fez tremer. Não imaginava que um dia poderia segurar um bebê no colo de novo. Uma criança imortal significava que não iria perdê-la por causa de uma doença, afogamento ou mesmo acidente de carro.

— Elvi?

Piscando os olhos, Elvi viu que outra colega de escola se aproximava. Louise Ascot, a maior fofoqueira de todos os tempos.

— Você estava chorando?

Qualquer coisa que Elvi respondesse estaria nos ouvidos da cidade inteira em menos de uma hora.

— Está tudo bem, não se preocupe. Louise lançou um olhar acusador a Victor.

— Saiba que se alguma pessoa a estiver incomodando, não há um cidadão em Port Henry que não partiria em sua defesa.

— Não será preciso — garantiu Elvi e, olhando para Victor, continuou: — Acho que vou levar esse espelho dourado. Precisamos de um carrinho.

— Não é preciso. Posso carregá-lo — assegurou ele. Despedindo-se rapidamente

de Louise, Elvi seguiu

Victor, que já havia puxado um espelho embalado da pilha e o carregava na cabeça.

A partir dali até poucos minutos antes de chegar em casa os dois não trocaram nenhuma palavra. Porém, antes de descer do carro, ela não se conteve e se desculpou.

— Você está bem? — indagou ele, passando as costas das mãos sobre o rosto dela. — Eu não quis lhe trazer lembranças ruins.

— Não tem importância. A vida nem sempre é tão boa quanto um *cheesecake*, não é?

— E por falar nisso, você ainda não comeu o tal bolo que nos fez sair correndo para comprar — lembrou ele, rindo.

— Nossa! Esqueci até de comer na hora em que levantei. Acho que estou perdendo o hábito — comentou ela.

— Menos mal. Achei que estivesse evitando ficar sozinha comigo por medo de eu começar a beijá-la de novo.

Elvi prendeu a respiração e arregalou os olhos diante da deliciosa ameaça. De uma hora para outra, a química existente entre eles entrou em ebulição, deixando a impressão de que o ar dentro do carro havia esquentado.

Ela ficou sem saber o que fazer ou dizer. Como se seguisse ordens do coração, seus olhos focaram-se naqueles lábios grossos, remetendo-a aos beijos acalorados.

— Há razão para eu temê-lo?

— Todas elas — sussurrou Victor.

Elvi surpreendeu-se por ter se insinuado daquela forma. Acharia mais normal, embora relutasse a crer, se Victor a tivesse induzido a perguntar. Entretanto, sabia que sua boca e seu corpo estavam saudosos dos beijos dele. O desejo de se entregar plenamente a tomou de maneira ainda mais arrebatadora do que antes. Estava ciente de que não se conteria se ficasse sozinha com ele novamente. Admitira para si mesma que havia se viciado em tudo, desde os beijos até o perfume que ele exalava.

Antes que cometesse a insanidade de se jogar para cima dele, Victor inclinou a cabeça e beijou-a com paixão. Como se não fosse o suficiente para deixá-la totalmente à sua mercê, mãos fortes a puxaram para mais perto. Em um momento estavam ambos sentados lado a lado, comportados, e no seguinte, Victor baixou uma alavanca e o assento do passageiro deitou, facilitando que a cobrisse quase que totalmente com seu peso.

Era como se estivessem retomando do ponto onde haviam parado. Aqueles minutos que antecederam o momento de se tocarem eram compostos de um agradável nervosismo, uma ansiedade enlouquecida, uma espera torturante, mas deveras promissora. A boca de Victor era quente, ávida, a língua exigente. Elvi estava totalmente entregue, correspondendo avidamente a cada movimento dele.

— Ah, como eu quero você... — murmurou Victor, ao deslizar a boca pelo pescoço dela, deixando uma trilha de pequenos beijos.

— Sim... sim... — disse ela, beijando-o e roçando a ponta da língua ao redor da gola da camiseta, enquanto suas mãos avançavam sobre o tecido.

Não havia outra palavra a dizer, qualquer uma que tomasse mais tempo do que um simples monossílabo roubaria a energia que Elvi estava disposta a focar somente em dar

e receber prazer.

A viagem rumo ao prazer extremo começou quando Victor acariciou-lhe os dois seios, brincando com os mamilos até senti-los rijos.

Gostaria de estar nua para sentir o contato das peles e enchê-lo de beijos com a alma selvagem que acabara de descobrir ser possuidora.

Aparentemente, ambos compartilhavam da mesma vontade, pois com extrema destreza ele desabotoou sua blusa e facilmente soltou o fecho do sutiã. A pele de Elvi levantou-se em arrepios com o deslizar da camisa e do sutiã.

Ele então, mergulhou em meio àquelas dunas brancas, pavimentando-as com a língua, sugando os mamilos. A mão apressada acarinhava a coxa roliça, a caminho da recôndita intimidade sob a calcinha de seda.

Ao ouvir uma batida, Elvi imaginou que era ela, batendo às portas do Paraíso. Não estava com os olhos totalmente fechados, assim percebeu que não havia saído de dentro do carro, e pior, quem batera no vidro havia sido Teddy Brunswick.

Em uma fração de segundo, ela começou a se recompor.

— Passe para o banco do motorista — ordenou Victor, saindo de cima dela, ao mesmo tempo que encobria a visão do policial.

Com as mãos trêmulas, ela escorregou para o assento ao lado e conseguiu, a duras penas, abotoar a blusa sobre os seios nus.

Quando a situação estava controlada, Victor abriu o vidro.

— Recebi uma chamada de que alguém a estava importunando no Wal-Mart.

— Louise! — Elvi se exasperou.

Sabia que logo a notícia correria, apenas não imaginara que a primeira ligação fosse justamente para a delegacia de polícia.

— Estou bem. Chorei porque Victor tinha terminado de me contar que ainda posso ter filhos e eu...

— E você resolveu que não queria perder tempo — ironizou Teddy.

A raiva e a vergonha a fizeram retesar o corpo. O oficial nunca a havia tratado de maneira tão desrespeitosa. Victor viu o quanto a ironia a tinha magoado, e levantou o punho fechado para reagir, mas Elvi o impediu.

— Não vou levar em consideração o que acabou de dizer — dardejou Victor. — Sei que foi apenas um arroubo de ciúme. Dessa vez passa, mas contenha sua vontade de ferir Elvi.

— Teddy com ciúme de mim? — questionou ela, sem entender nada.

O policial contraiu a boca e virou-se, pisando duro até o carro de polícia. Minutos depois ligou o carro e saiu cantando os pneus.

— Você não sabia que ele gosta de você? — perguntou Victor, ao descer do carro.

— Não — ela respondeu, sem acreditar que ouvira a verdade. E tirando as chaves da bolsa, continuou: — Eu prefiro continuar sem saber para não estragar uma amizade de tanto tempo.

— Ele a ama há muitos anos. Por isso nunca se casou — completou ele. — Quando seu marido morreu, Teddy viu suas esperanças se renovar. Daí veio a sua transformação e...

— Ele não me quis mais — Elvi concluiu, encarando-o.

— Nada disso. Teddy imaginou que você não iria querer um velho como ele. Foi então que resolveu pedir ajuda a Mabel para encontrarem um parceiro para você.

— Isso quer dizer que você leu a mente dele. Victor respondeu que sim com um aceno de cabeça.

— Você consegue ler a minha? — perguntou ela.

A idéia de Victor saber de seus sentimentos quando estava nos braços dele a deixou horrorizada.

— Não sei, nunca tentei.

— E por que não?

Em vez de responder, Victor fixou o olhar na testa dela. Elvi não tinha certeza do que aconteceria a seguir. Ficaram frente a frente durante algum tempo. Ela observava atentamente cada movimento, cada mudança de expressão dele. Espanto, confusão e dúvida. Quando pensou em sair dali, ele a segurou pelos braços com força, estreitando os olhos como se estivesse forçando uma concentração maior.

— Não consigo — disse ele, soltando-a.

Elvi não conseguiu traduzir a nova expressão. Não saberia sequer dizer se era boa ou ruim. Victor ficou pálido e recostou-se à parede da garagem.

— Victor! Está tudo bem? — exclamou ela, colocando a mão sobre o rosto dele para sentir-lhe a temperatura.

Em um gesto de extrema ternura, ele tomou a mão delicada na sua e levou-a ao peito, trazendo-a em seguida até os lábios para beijá-la. Encantada, Elvi observou-o beijar cada um de seus dedos, enfiando o indicador na boca, mordiscando-o levemente. A faísca do desejo começou a se desenvolver, tornando-se labareda, quando, soltando-lhe a mão, ele a puxou, beijando-a com sofreguidão.

Concluindo que seus braços tinham o tamanho certo para abraçá-lo, Elvi não titubeou em enlaçá-lo pelo pescoço. Ao sentir a mão forte acariciar-lhe o seio, lembrou-se de que não havia abotoado o sutiã. Um trabalho a menos, uma vez que ele já a havia livrado da blusa. Levantando-a pela cintura, fez com que ela sentasse no capo do carro.

Murmurando, ela arqueou o corpo quando ele tomou seus seios com as mãos em concha. Em seguida curvou-se para sugar um a um dos mamilos.

Na ânsia de tocá-lo também, Elvi enfiou as mãos por baixo da camiseta dele, puxando-a para cima. Deliciou-se ao correr as mãos sobre os músculos nus até copiar o que Victor fazia, brincar com os mamilos dele.

Gentilmente ele afastou os braços delicados, para tirar a camiseta que lhe impedia os movimentos. Agora as peles suadas se espremiavam e se roçavam como se saudosas de muito tempo. Os pelos do tórax másculo a acariciavam de uma maneira ainda não sentida, sutil e enfeitiçante.

Já sentindo falta da boca insinuante, Elvi o segurou pelos cabelos, motivando-o a beijá-la. Suspirou, satisfeita, quando a língua quente a invadiu, quase tocando seu coração. O agrado, porém, durou pouco, pois os lábios úmidos deslizaram de volta para lhe explorar os seios mais uma vez. Com as mãos, juntou os dois, abraçando o próprio rosto, fartando-se da pele macia, embrenhando a língua por entre o vale delirante.

Para acomodá-lo melhor, Elvi apoiou-se nos cotovelos sobre o capo, oferecendo um sorriso esfuziante àquele que ainda lhe sugava os mamilos. As respirações

combinavam com os gemidos, ainda mais intensos quando as mãos atrevidas subiam implacáveis sobre suas coxas, levantando a saia que se interpunha no caminho. Por instinto, ela fez menção de fechar as pernas já trêmulas em ofegante expectativa, aguardando que os dedos hábeis transpusessem a delicada barreira, alcançando sua entrada e seu ponto mais sensível.

A vontade de Elvi era gritar em homenagem ao momento mais que perfeito, transvestido da fantasia tão almejada. Assim ergueu o quadril e foi relaxando as pernas conforme ele descia com a boca lasciva.

Sucumbindo ao louco desvario, Elvi deixou-se cair sobre o capo do carro. As mãos procuravam em desespero algo para se apoiar, enquanto seu quadril se movia em um ritmo frenético. De olhos fechados, percebeu vagamente quando sua calcinha voou longe. Victor então a fez embarcar no mais louco dos desatinos quando com a língua brincou com cada pequeno músculo que envolvia sua intimidade, detendo-se naquele que a faria se perder em um caleidoscópio de cores e sensações.

Além do forte retumbar do coração, era possível ouvir os ecos do prazer vibrando em seu cérebro como se a sensação que experimentava fosse uma espécie de estranho bumerangue, que em vão ela tentava atirar para longe e que de alguma forma voltava amplificado e arrebatador. Elvi jamais soubera possuir tantos lugares ainda inexplorados, que um toque ensandecido a deixasse tão perdida e completamente louca.

Ao percebê-la pronta para completar o mais sublime dos atos, Victor se ergueu e seus corpos se uniram em um amplexo de súplicas e vicissitudes. Ansiosa para se entregar totalmente, Elvi desabotoou o botão do jeans dele, desceu o zíper e enfiou a mão para libertar a masculinidade pungente. Em seguida, jogou o corpo contra o dele, e juntos entregaram-se ao círculo vicioso de prazeres de nunca mais acabar.

Victor perdeu-se naquele labirinto de pura sedução, intensificando o ritmo da dança secular. Seguiu-se um carrossel de gritos roucos e a explosão anunciando o fim, o princípio e o meio da delícia que entre eles jamais seria saciada. Mas tinham uma eternidade para desvendar todos os caminhos para a desejada completude.

Capítulo XIV

Elvi acordou em sua cama. Envoltos em uma névoa de confusão, virou-se para o lado e encontrou Victor ali deitado, com a cabeça apoiada nos braços cruzados, contemplando o teto com um sorriso.

Nada havia para ser observado ali, assim ela concluiu que o sorriso era por conta do que havia acontecido entre eles.

— Imagino que eu tenha desmaiado e você me carregou até aqui — constatou ela.

— Isso mesmo.

— Lamento. Eu ingeri duas embalagens de sangue ao acordar. Não sei por que perdi os sentidos...

Quando o viu começou a rir sem parar, ela se sentiu a mais completa das tolas.

— O que há de tão engraçado? Estou preocupada com esses desmaios seguidos.

— Não há nada de errado — assegurou ele, virando-se de lado e acariciando-a no braço. — É normal desmaiar durante o primeiro ano que... quero dizer, quando dois imortais fazem amor.

— Um ano! — exclamou ela, para depois apertar os olhos. — Você também desmaiou?

— Admito que perdi a consciência por alguns minutos. Elvi revirou os olhos em sinal de impaciência. Então, se uma mulher fica inconsciente é porque ela desmaiou. Se for um homem, ele apenas "perde a consciência por alguns minutos". Embora contrariada, Elvi começou a rir também. Sentia-se muito bem. O mundo era maravilhoso. Sua cama era divina. A vida ganhara um novo sentido a partir daquela noite.

— Essa era a sua família? — indagou ele, pegando um porta-retrato de cima da mesa de cabeceira.

— Sim.

Victor ficou estudando a foto por um bom tempo, até que Elvi decidiu perguntar:

— Por que você nunca se casou?

— Eu me casei uma vez. O nome dela era Marion. Ela foi queimada em 1695. Na época, eu estava em Londres. Se ao menos eu estivesse em casa, a teria ajudado a se livrar de todas aquelas pessoas.

Percebendo que ele ficara abalado, Elvi decidiu focar em outro assunto.

— Vocês não tiveram filhos?

— Apenas um. Vincent. Ele nasceu em 1590.

— Onde ele está agora?

— Mora na Califórnia. Não nos vemos muito.

— É assim mesmo. Quando os filhos crescem e se tornam independentes, pouco nos visitam.

— No nosso caso foi uma opção.

— Você não quer vê-lo?

Em choque, Elvi imaginou se, caso Casey estivesse viva, reclamaria do assédio constante da mãe.

Victor fechou os olhos e soltou um longo suspiro.

— É muito difícil explicar...

— Ao menos tente.

— Como ainda não foi treinada, suponho que não saiba ler pensamentos, não é? — indagou ele, esquivando-se do assunto.

— Eu vou conseguir?

— Sim. Esta é uma das habilidades extras que ganhamos dos nanos. Você não reparou que está mais intuitiva?

— Muito — admitiu ela.

— Então você precisa aprender como usar essa intuição.

— Não sei se quero. Para mim isso é invasivo demais.

— Mesmo assim, precisa aprender para evitar — disse ele em uma lógica inversa que a confundiu.

— Não entendi...

— Você deve sofrer de dores de cabeça terríveis.

— Sim, muito — respondeu Elvi, assustada por ele ter adivinhado. As dores de cabeça a torturavam sempre e ela nunca entendera a razão. Agora as coisas começavam a fazer sentido. — Geralmente ela aparece quando vou ao restaurante ou a qualquer lugar cheio de gente. Quase não as tenho quando estou sozinha.

— E mesmo sofrendo, você continua indo ao restaurante e a eventos.

— Ora, as pessoas contam com a minha presença. Victor olhou para ela como se quisesse dizer alguma coisa, mas desviou a atenção logo em seguida.

— A causa das dores de cabeça é porque você capta fragmentos dos pensamentos de quem está à sua volta. Claro que, por conta disso, a dor piora bastante se você ficar perto de muita gente.

— Mas não consigo decifrar nenhum pensamento. Minha cabeça dói e só.

— Porque a carga de informação é muito grande. Você ainda não foi treinada para focar. Imagine que seja algo parecido com a energia estática e o barulho quando um canal de televisão sai do ar, mas recebe informações dos outros. Se estiver desprevenida, vai ser invadida por várias ondas ao mesmo tempo. Por isso precisa aprender a controlar para se proteger. Muitos imortais se isolam por esse motivo e acabam se tornando ermitões solitários. Um parceiro ameniza essa solidão. Perto dele, você não precisa estar sempre de guarda. Seu parceiro será seu porto seguro, uma brisa suave e reconfortante em um dia quente.

— E Marion foi assim para você.

— Não só isso — admitiu Victor. — Quando ela morreu, eu me isolei. Minha vontade era de me contrair inteiro e ficar lambendo minhas feridas. Foi meu irmão que me tirou de casa. Ele deu um novo sentido para minha vida.

— Que sentido seria esse?

— Um trabalho junto ao Conselho. Sou um oficial, caçador de imortais renegados. Aqueles que agem contra nossas leis.

— Como seu irmão conseguiu esse feito? Não acredito que seja um trabalho dos mais fáceis.

— Bem, Lucian veio à minha casa trazendo um enorme retrato de família. Ali estavam uma bela mulher, um homem sorridente e crianças felizes. No princípio, fiquei furioso porque a imagem me remetia à minha própria família. Antes que eu pudesse protestar, ele tirou um canivete do bolso e cortou o rosto da mulher. Fiquei chocado. Lucian me contou que a mulher havia sido levada por um renegado. Que a dor da família com a perda era a mesma que a minha, mas que eu poderia evitar que o mesmo acontecesse a outras pessoas se comesse a caçar os malditos renegados.

Victor deu uma risada antes de continuar:

— Eu argumentei dizendo que haviam sido os mortais os culpados da morte de Marion, e por que então eu deveria me preocupar com o sofrimento deles? Lucian me perguntou se eu baniria a humanidade por causa de uma crença específica. Seria o mesmo se os mortais nos culpassem a todos pela perda daquela mulher. Assim, eu o

acompanhei na busca desse renegado, depois outro, e mais outro... E essa tem sido a minha vida desde então.

— E seu filho? — Elvi voltou na parte da história que ainda não fazia sentido algum.

— Depois da primeira caçada, procurei por Vincent. Eu não tinha visto mais ninguém além de Lucian desde a morte de Marion. — Uma nesga de tristeza sombreou o rosto de Victor. — Vincent é muito parecido com a mãe. Tem os mesmos olhos, o sorriso, eu simplesmente não conseguia olhar para ele. A dor era profunda demais. Voltei para casa o mais rápido possível e o vi muito pouco desde então.

— Você a amava profundamente, não?

— Ela salvou a minha alma. Foi a responsável por me tirar da solidão enlouquecedora. Eu estava a ponto de virar um renegado quando nos conhecemos. A chegada de Marion foi uma bênção. — Assim dizendo, Victor a encarou no fundo dos olhos. — Assim como foi a sua.

Elvi se afastou instintivamente, assustando-se com a confissão inesperada.

— Eu?

— Existem pessoas que nunca são afortunadas. Sempre achei ser um deles. E pensar que fui agraciado duas vezes. Elvi, você também é minha companheira de eternidade.

— Acalme-se! — exclamou Mabel.

— Como? Ele acha que sou a parceira de eternidade dele! — gritou Elvi, andando de um lado a outro do restaurante. — Mal nos conhecemos e ele já fala em eternidade. Não estou pronta para isso.

— Pois eu achei que você estivesse mais do que pronta quando a vi com ele no carro — comentou Teddy, e recebeu um olhar fulminante de Elvi.

Ao se declarar, Victor a havia deixado totalmente sem ação. Sem ter o que dizer, ela se levantara e saíra do quarto sem fazer qualquer comentário. Assim que fechou a porta atrás de si, disparou escada abaixo, e com a roupa toda amassada, saiu correndo para o restaurante. Estava no meio do caminho quando Teddy parou o carro e, vendo-a tão transtornada, levou-a até o restaurante.

Ao entrar, lançou um olhar para Mabel seguiu-a até o escritório. D.J. e Teddy foram juntos, apesar de não terem sido convidados.

— Ouça bem. — Mabel segurou a amiga pelos braços. — D.J. me explicou tudo sobre o assunto. Posso ajudá-la.

— Como?

— Os imortais são capazes de ler todo mundo. Conseguem o feito até com outros imortais, que não sejam mais velhos e fortes.

— Victor já me disse isso. O que não explica a razão de eu ser o segundo amor da vida dele.

— Ele não deve ter conseguido ler a sua mente.

Elvi lembrou-se da tentativa que Victor havia feito sem sucesso. Quando ouviu Mabel e D J. através da porta, ele também a havia informado que os dois eram parceiros de eternidade. Mesmo assim, ela ainda não tinha juntado as peças do quebra-cabeça.

— Marion foi a parceira dele — protestou. — Ele a ama.

— E Harry também foi seu marido e você o ama também. E daí? Nosso coração é grande o suficiente para acomodar dois grandes amores.

— E se for apenas obra do acaso?

— Há outras evidências, como o fato de ele estar comendo de novo — acrescentou Mabel.

— E quanto aos outros? Edward, Harper e Alessandro também estão se alimentando de comida.

— Isso de fato está nos preocupando — comentou D.J. — E todos continuam aqui, o que nos leva a crer que eles também não podem ler sua mente, senão já teriam ido embora.

— Está querendo dizer que ela pode ser a companheira dos quatro? — Teddy perguntou. — Você é boa casamenteira, Mabel. Não quer arrumar uma noiva para mim?

— Não tem graça nenhuma, Teddy — ralhou Elvi.

— E por acaso estou rindo?

— Então posso ser a parceira dos quatro. O que preciso fazer?

— Escolha um deles — racionalizou Mabel. — Já que você e Victor estão mais íntimos, nada mais sensato que seja ele o escolhido.

— Como sabe disso? — indagou Elvi, sentindo o sangue lhe subir às faces.

— Querida, você está com aquele brilho de felicidade irritante no olhar — brincou Mabel.

— Além do mais, vocês chegaram logo depois de nós. Como havíamos esquecido um pacote no carro, voltamos para buscar. E vimos o que estava acontecendo.

— D.J.! Seja mais discreto — brigou Mabel.

— Ora, é a verdade.

Elvi sentou-se e enterrou a cabeça nas mãos.

— Não há nada para se ter vergonha, minha querida, somos todos adultos aqui — confortou Mabel.

Teddy deu uma tossidela e as duas o fuzilaram com o olhar.

— Não briguem comigo. Não sou eu que estou agindo como um adolescente apaixonado.

— Está falando a meu respeito?

— Bem, se a carapuça serviu, Ellen...

Elvi arregalou os olhos. Não era chamada pelo seu nome verdadeiro desde a transformação. Ressentira-se do fato por um bom tempo. Agora, mais lhe parecia um insulto.

— Não vejo motivo para estar tão apavorada — Teddy continuou, preparando-se para sair. — Você gosta dele e é correspondida. Já provaram que é forte a química que existe entre vocês. Ele propõe passar o resto da vida com você. E qual a sua reação? Sai correndo pela rua em pânico para pedir ajuda.

Enquanto os dois discutiam, D.J. puxou Mabel e a beijou. Assim, Teddy segurou Elvi pelo braço, dizendo:

— Vou levá-la para casa. Não será aqui que descobrirá o que fazer.

— Não se preocupe. Vou a pé — argumentou ela, já na calçada.

— Nada disso. Acho que posso ajudá-la — disse Teddy, abrindo a porta do passageiro do carro de polícia.

Elvi obedeceu e entrou em silêncio.

— Se você ama esse sujeito, deixe os medos de lado. Se não se aventurar, vai acabar se arrependendo. Confie em mim. Sei o que estou dizendo — afirmou ele, dando marcha à ré no carro e manobrando.

Elvi o encarou quando chegaram à porta de sua casa.

— E esse o grande conselho que tem para me dar? Não deixar que o medo me impeça de ser feliz?

— Os melhores conselhos são os mais simples — respondeu ele, dando de ombros.

Elvi lembrou-se de que Victor havia dito que Teddy a amava. Seria ótimo se pudesse dizer algo para confortá-lo, mas iria expor os sentimentos dele sem necessidade.

— Ande. Desça logo do carro antes que o próprio venha tirar satisfações.

Victor apareceu à porta no instante em que Elvi beijava o rosto de Teddy.

— Onde...

— Desculpe-me por ter saído correndo sem dizer para onde ia — Elvi se explicou antes mesmo de ele terminar a frase. — Eu precisava falar com Mabel com urgência. Toda essa correria me deixou faminta. Você quer um saquinho de sangue? Ou talvez um filé? Por que não fazemos um churrasco?

Para evitar uma conversa mais séria, Elvi seguiu falando sem parar até entrarem na cozinha. Não queria responder a perguntas de que viesse a se arrepender depois. Precisava pensar e de tempo para se ajustar ao furacão que passara em sua vida. Teddy tinha razão em aconselhá-la a não ter medo, mas não ia se atirar de cabeça em algo que sequer havia compreendido direito.

Conhecia Victor havia apenas alguns dias. Como ter a certeza de que o amava?

Para sua sorte, os outros homens voltaram do passeio e, animados, começaram a contar como havia sido à noite.

— Viemos pensando em fazer uma fogueira, mas começou a chover — contou Harper, sentando-se à mesa em frente a Elvi e pegando um pouco de salada do prato dela.

Elvi olhou pela janela e comprovou o que Harper dissera. Agora não sabia o que fazer para entretê-los. Estava prestes a sugerir um jogo de pôquer quando Victor falou:

— Ainda não terminei de falar sobre nossas leis com Elvi. Vamos tomar um café no jardim de inverno e terminar a conversa.

Todos olharam para Elvi, que deu de ombros. Victor estava certo.

— Temos vários DVDs na prateleira da sala de televisão — anunciou ela, enquanto Victor levava os pratos para a pia.

— Tenho certeza de que não vamos demorar muito.

Estava sendo otimista. No entanto, se em vez de se distraírem, Victor fosse direto ao assunto, talvez não demorasse tanto. Os outros ficaram em silêncio, talvez

desapontados. Quando Elvi pegou as duas xícaras de café e se dirigiu para a porta, eles começaram a discutir sobre qual filme deveriam assistir.

Ao entrar no jardim de inverno, ela colocou a bandeja na mesa de centro e tratou de abrir a janela. Adorava o cheiro de terra molhada que vinha do jardim.

— Então não posso morder, só um filho a cada cem anos... O que mais? — perguntou, acomodando-se em um sofá.

— Você só pode transformar um mortal. Essas são as três leis principais. A maioria dos imortais se resguarda para transformar sua companheira, caso ela não seja uma de nós.

— Só um? Então por que aquele que me transformou desperdiçou sua cota?

— D.J. e eu andamos pensando a respeito — comentou Victor, colocando a xícara de volta sobre a mesinha. — Gostaria de me contasse tudo de que se lembra do dia em que se transformou. Quem sabe se juntos não descobrimos o que aconteceu?

— Já tentei algumas vezes. Mas não tive muito sucesso. As lembranças ficaram nebulosas demais.

— Recoste-se, relaxe e feche os olhos. Transporte-se para aquele dia — sugeriu ele.

— Vai me hipnotizar?

— Bem que eu gostaria. Se eu pudesse ler a sua mente, pouparia todo o esforço. — Victor fez uma parada brusca, como se tivesse tido uma idéia. — D.J. é capaz de conseguir. Por que não esperamos que ele volte?

— De jeito nenhum. — A última coisa que Elvi queria era alguém invadindo seu cérebro.

— Então façamos do jeito mais difícil. Tente relaxar. Você disse que estava no México.

— Isso mesmo. Mabel e eu íamos ficar em um *resort*. Quando chegamos, descobrimos que eles estavam com um problema com a água. Todo mundo estava sendo realocado para outros hotéis. Fomos em uma van.

— Havia mais pessoas no mesmo carro?

Elvi meneou a cabeça.

— Três casais e mais quatro pessoas.

— Descreva-os.

— Dois dos casais tinham a nossa idade — contou ela, unindo as sobrancelhas em sinal de concentração. — Eles estavam sentados mais na frente. O outro casal devia ter por volta de quarenta anos, e estavam bem atrás do motorista.

— E onde estavam os outros quatro?

— Três eram mulheres, estudantes, creio eu. Elas estavam no último banco, reclamando que não havia muita gente da idade delas. — Elvi surpreendeu-se ao visualizar a cena direitinho.

— E a última pessoa?

Ela demorou um pouco para responder. Por alguma razão, estava com dificuldade para lembrar.

— Ele estava sentado na mesma direção que eu e Mabel, do outro lado do

corredor. Aparência normal, mas muito calado, isolado mesmo.

— Quantos anos ele tinha? — perguntou Victor, mostrando-se cada vez mais tenso.

— Por volta de trinta anos, talvez nem isso.

Elvi arregalou os olhos. Todos os seus hóspedes e ela inclusive pareciam ter a mesma idade daquele rapaz.

— Conte-me sobre a viagem agora.

Ela voltou a fechar os olhos para continuar contando.

— A previsão da viagem era de cinco horas. Começamos bem. Mabel e eu estávamos cansadas e dormimos durante a primeira hora. Quando acordei, Mabel conversava com o casal de alemães, sentados na nossa frente. Muito simpáticos... Mabel contou que ambos morreram no acidente.

— Então, vocês estavam conversando e... — Victor instigou-a a continuar.

— O acidente aconteceu cerca de uma hora depois que eu acordei. — Ela fez uma pausa e franziu a testa. — A estrada era íngreme e estreita. Acredito que o motorista tenha perdido a direção. Depois disso, começamos a rolar montanha abaixo. As pessoas gritavam sem parar. As malas voavam de todos os lados. Quando paramos, a van estava virada do nosso lado. Devo ter desacordado durante a queda. Acordei ao lado de Mabel. Eu a ouvi murmurar algo e tive receio de a estar prensando. Ao tentar me mover, minha cabeça doeu muito e eu desmaiei de novo.

— Quando foi que voltou a acordar?

— No hotel. Alguém nos levou até lá depois do acidente. — Elvi fez uma pausa, apertando os lábios. — Quando acordei, eu já tinha presas e estava grudada no pescoço de Mabel, enquanto ela lutava em vão.

— Francamente, não sei como não a matou. E preciso muito sangue quando da transformação. — Victor franziu a testa, curioso. — Onde você arrumou o sangue?

— Mabel subornou uma das empregadas. O irmão dela trabalhava em um banco de sangue. Gastamos uma quantia razoável.

— Ainda bem que vocês não seguiram a história do Drácula, que só se alimentava diretamente da fonte. Foi o fato de mordê-la que a fez concluir ter se transformado? Um mortal sente-se muito mal durante o processo. Eu me admiro que não tenha ido parar em um hospital.

— Mabel disse se lembrar de me ver com a cabeça dentro de um refrigerador, lambendo sangue respingado das embalagens antes de sermos removidas do local do acidente.

— Você não tinha me contado essa parte.

— Bem, não é uma imagem muito nítida. Esse episódio me parece mais um sonho, só tenho certeza de que aconteceu de fato porque Mabel me disse ser verdade.

— Bem, então continue falando o que lhe vier à cabeça, independentemente de parecer sonho ou não.

— Como eu disse, as imagens de quando eu ainda estava entre as ferragens da van não são muito nítidas. Lembro de ter acordado e sentido o cheiro de... — Ela hesitou por não saber ao certo como descrever o que sentira. A dor beirava o nível do insuportável. Sem contar com um cheiro, na época identificado, que a levava às raias da

loucura.

— Entendo... Imagino como se sentiu ao descobrir que era sangue que a fazia delirar.

— Pode ser. Lembro-me do alívio que senti depois. Percebi o cheiro, lutei para me livrar do cinto de segurança, me arrastar por cima de Mabel e chegar até o pequeno refrigerador, que deve ter caído junto com o resto da bagagem. E...

— ...você pegou as embalagens.

— Exatamente. Não tinha como abri-las, pois ainda não tinha presas. Rasguei de qualquer jeito, espalhando sangue para todo lado. Mabel acordou nessa hora. A última coisa que ouvi antes de desmaiar de novo foi ela gritando. Depois ela me contou que naquela hora já me vislumbrou mais jovem. Foi quando ela percebeu que havia acontecido algo muito estranho. Quando o socorro chegou, queriam me levar para o hospital, mas ela não deixou. Consegui convencê-los a nos levar para o *resort*, já que não tínhamos ferimentos graves.

— Não se lembra de mais nada antes de serem socorridas?

— Apenas uma, mas isso, tenho certeza de que foi um sonho.

— Assim mesmo, preciso saber.

Elvi fechou os olhos, voltando à cena do acidente.

— Estava chovendo. Eu estava com a boca aberta, matando minha sede.

— Você estava na van?

— Sim. Lembro que o gosto da água estava estranho.

— Como sangue.

As imagens foram se clareando na mente dela, de uma maneira bem diferente das outras vezes em que tentara se lembrar. Na verdade, a impressão era de que as gotas caíam diretamente em sua garganta, como se oriundas de uma torneira.

— Quando abri os olhos, aquele rapaz solitário estava sobre mim.

Victor contraiu o corpo, aproximando-se dela para não perder nenhum detalhe.

— O ônibus estava virado, e o cinto de segurança dele o prendeu ao assento, mas deixou-o pendurado sobre nós. Ele estava muito machucado. — Elvi abriu os olhos, banindo a imagem assustadora. — Sei que foi um sonho porque Mabel disse tê-lo visto depois sem nenhum ferimento.

— Esqueça essa parte. Volte à cena e descreva o que viu. Embora relutante, Elvi obedeceu, fechando os olhos.

— Ele estava com os olhos fechados, e muito pálido. Tive a impressão de que estava morto. Havia um estilhaço de vidro cravado no estômago dele e outro no ombro. Os cortes eram profundos, o sangue pingava...

— ...diretamente na sua boca — completou Victor.

— Isso mesmo. — Ela abriu os olhos.

— Então você é realmente uma vampira por acaso — concluiu ele com um sorriso que logo desvaneceu. — Fico surpreso que ele não tenha percebido o que aconteceu ao acordar e vê-la ansiosa à procura de mais sangue.

— Acho que não deu tempo. Mabel disse que me tirou da visão de todos assim que percebeu que havia acontecido algo comigo.

— Ela foi muita corajosa. Ainda mais se percebeu no que você havia se transformado.

— É verdade. Ela é uma amiga sem igual. Quando chegamos ao hotel, ela arrumou mais sangue. Ligou para Teddy e pediu que ele renovasse com urgência o passaporte de Casey e o enviasse para o México.

— Sua filha?

— Precisávamos voltar para casa logo, mas a foto do meu passaporte era de uma senhora grisalha. Acho que não teria sobrevivido se Mabel não estivesse lá para me ajudar. Quando chegamos em casa, ela e Teddy contaram o ocorrido para outras pessoas, evitando assim que eles viessem me apunhalar. — Elvi sorriu ao lembrar-se da expressão de espanto dos amigos. — Mabel contou a história como se tivesse sido uma grande aventura e não uma história de terror. Passei a ser vista como a heroína de uma tragédia e não como um monstro.

— Mas você se achava um monstro...

— Eu quase matei minha melhor amiga.

— Você não tinha noção do que estava fazendo, e Mabel sabia disso. Se a situação fosse inversa, garanto que você teria feito o mesmo.

Depois de um doloroso suspiro, Elvi lembrou-se de que carregara a culpa pelo acontecido durante cinco longos anos. Não seria possível passar uma esponja no passado e se esquecer de uma hora para outra. Contudo, havia chegado a hora de aliviar-se do fardo.

— Agora, acho que devemos conversar sobre o que aconteceu conosco — comentou Victor e recebeu um olhar alarmado. Não era bem aquele assunto que ela queria abordar. Depois de tantas recordações, pensar que era a companheira de eternidade de Victor a fazia se arrepiar.

Como não conseguisse encontrar qualquer outra coisa para dizer, ela simplesmente aproximou-se e o beijou. Sabia que aquela era uma excelente maneira de silenciar um homem. Bem, ao menos costumava funcionar com o marido.

Com Victor, a reação foi além do esperado. Ele a puxou do sofá e fez com que sentasse em seu colo na poltrona. Sem colocar resistência alguma, Elvi apoiou as mãos sobre os ombros largos. O beijo ardente calou o que ainda pudesse ser dito até que ela sentiu uma dor dilacerante no ombro que a fez perder os sentidos.

— Elvi? — murmurou Victor ao senti-la sem ação em seus braços. Afastou-a e notou-lhe o rosto pálido. — Elvi? — repetiu, dando tapinhas em seu rosto.

Quando não houve resposta, passou os braços pelas costas dela com a intenção de levá-la no colo. Foi então que sentiu a roupa umedecida.

Inclinando-a para a frente, congelou ao ver uma flecha cravada nas costas dela.

Capítulo XV

— Agora temos certeza de que a primeira flecha não foi por acidente e elucida quem era o alvo — DJ. murmurou enquanto Victor colocava outra bolsa de sangue na boca de Elvi.

Victor disse algo inaudível. Na verdade ele preferiria ter sido o alvo a ver Elvi naquele estado. No momento em que a vira atingida, levantara-se com ela no colo, atravessara o jardim de inverno, olhando para os lados na esperança de ver de onde viera o ataque.

Estava escuro demais. O atirador podia estar escondido atrás das sombras das árvores. Deixando para resolver a questão mais tarde, Victor carregara Elvi para o quarto. Naquele instante, D.J. passava pelo corredor, e quando entendeu o que tinha acontecido, gritou para que Mabel trouxesse várias embalagens de sangue. Em seguida, buscou várias toalhas para forrar a cama, enquanto Victor começava a delicada tarefa de tirar a flecha das costas de Elvi.

Quando Mabel chegou, demorou um pouco para entender o que havia acontecido, mas não entrou em pânico.

Victor trocou a embalagem de sangue vazia por outra. Aquela já era a quarta, razão pela qual a ferida já estava em processo de cicatrização. Entretanto, Elvi continuava desacordada, talvez porque os ferimentos internos levassem mais tempo para curar.

— Os outros convidados me viram subir com as bolsas de sangue e ficaram curiosos para saber o que está acontecendo.

— E o que disse a eles? — Victor perguntou.

— Não respondi.

— Daqui a pouco estarão todos aqui.

— Já chegamos — Edward anunciou da porta.

Elvi ouviu o burburinho e abriu os olhos, de braços na cama. Estavam todos à sua volta, Victor, Mabel, D.J., Harper, Alessandro e Edward.

— Quem teria interesse em machucar Elvi? — ela ouviu Harper questionar.

— Ainda não sei, mas pretendo descobrir.

Elvi franziu o cenho na tentativa de compreender o que estava sendo dito, quando viu a flecha ensangüentada sobre uma toalha. Lembrou-se então de estar sentada no colo de Victor quando sentira uma forte pontada nas costas. Pensou na outra flecha que quase os atingira da outra vez. Ainda era da opinião que era Victor que estava sendo alvejado, uma vez que morava na mesma cidade havia anos e nunca sofrera um atentado na vida.

— Temos de descobrir quem foi — Alessandro disse, furioso. — Ninguém pode ferir uma *bella* assim.

— Vamos montar guarda até que o agressor seja descoberto — completou Harper.

— Vocês estão se preocupando com a pessoa errada — disse ela, virando-se devagar e sentando-se na cama. A dor ainda era forte, o que a fez suspeitar que precisasse de mais sangue.

— Elvi! Você não deve se mexer ainda — Victor comentou, sentando-se ao lado dela na cama.

— Estou bem — assegurou ela, embora demonstrasse fraqueza. — Preciso de mais sangue.

— Vou buscar — prontificou-se Mabel e saiu do quarto, enquanto os homens se postavam em um semicírculo em volta da cama.

— Como está se sentindo? — Harper quis saber.

— Um pouco fraca apenas.

— O que quis dizer sobre estarmos protegendo a pessoa errada? — questionou Edward.

— Eu não sou o alvo.

— Como não? — perguntou Victor, incrédulo. — Não acredito que atiraram em você para me atingir.

Elvi sorriu quando Mabel entregou a embalagem de sangue e murmurou um "muito obrigada". Enquanto espetava os caninos no plástico, tentou vislumbrar uma maneira de explicar a todos o seu ponto de vista. Depois de uma segunda dose, decidiu que seria melhor se demonstrasse na prática o que tinha em mente.

— Aonde pensa que vai? — Victor indagou quando ela fez menção de levantar da cama.

— Não sinto mais dor, e a fraqueza está melhorando a cada segundo.

— Pode ser, mas descansar um pouco mais não fará mal algum — intercedeu Harper, interrompendo o que Victor estava prestes a dizer. Certamente não seria uma frase tão diplomática quanto a dele.

— Você provavelmente está certo — concordou Elvi, ao tomar uma terceira embalagem e murmurar algo ao ouvido de Mabel. — Vou descansar depois de mostrar a vocês uma coisa.

Todos manifestaram suas opiniões contrárias ao mesmo tempo, o que não a impediu de se levantar.

— Venham comigo e provarei que estou certa.

Elvi desceu a escada na frente do séquito que a seguia mediante protestos. Mabel puxou D.J. para que ficasse ali com ela.

— Isso é ridículo, Elvi — ralhou Victor, segurando-a pelo braço. Você não deve sair.

— Não há problema algum — contra-argumentou ela, e dirigindo-se aos outros, perguntou: — Vocês acham que podem proteger Victor enquanto estivermos lá fora?

— Você está totalmente enganada — reclamou Victor.

Na dúvida, os outros se postaram ao lado dos dois quando saíram pela varanda e seguiram para a parte de trás da propriedade. Dali, olharam todos para a janela do jardim de inverno.

— O que vocês estão vendo? — indagou ela.

— Não é D.J., ali parado? — questionou Alessandro, surpreso ao notar que o casal não os seguira.

— Ele mesmo — respondeu Elvi, comentando que apenas o torso de D.J. era

visível.

— D.J. está sentado — comentou Harper, depois de um breve silêncio.

— Não é isso que você está vendo.

— Claro que é — Alessandro garantiu.

— Não dá para ver nada além da silhueta. A luz está batendo contra ele, por isso não dá para distinguir as pessoas.

— É verdade, mas... — Edward concordou.

— Estão vendo?

Antes que alguém pudesse se mexer, todos viram que D.J. se levantou e em seguida Mabel se colocou a seu lado.

— O que houve ali? Aquela não é Mabel? — Alessandro indagou, confuso.

— Exatamente. Ela estava sentada no colo de D.J., na mesma posição em que eu e Victor estávamos quando fui atingida pela flecha.

— Tem razão. Não daria para ter uma visão clara, apenas uma silhueta.

Elvi virou-se para Victor.

— O alvo era você, e eu estava na linha de tiro. — Como ele ficou mudo e sério, ela continuou: — Vou ligar para Teddy amanhã de manhã. Quem sabe ele pode nos ajudar. Enquanto isso, seria melhor se não saísse de casa. Fique longe das janelas.

A passos largos, Elvi voltou para casa, ansiosa para deitar depois do breve exercício. Ficaram todos na cozinha, debatendo sobre o ocorrido, enquanto ela se esgueirou e subiu as escadas; ao deitar-se, teve tempo apenas para encostar a cabeça no travesseiro antes de dormir.

Claro que por ter dormido cedo, Elvi abriu os olhos e encarou uma ameaça que não via havia muito tempo. Os raios de sol se infiltravam pela cortina do quarto. Olhando para o relógio de cabeceira, viu que ainda não era meio-dia. Poderia voltar a praticar uma das atividades que mais lhe aprazia quando mortal, que era cuidar do jardim.

Jogou as cobertas de lado e, em tempo recorde, tomou banho, se arrumou e desceu para a sala.

— Bom dia — cumprimentou Mabel. — Você acordou cedo.

— Você também.

Mabel havia trocado o turno no restaurante para fazer companhia a Elvi nas noites solitárias.

— D.J. e eu fomos deitar logo depois de você — murmurou ela com as bochechas rosadas, admitindo que não tinham dormido tão cedo.

Escondendo o sorriso cúmplice, Elvi abriu a geladeira para tirar uma embalagem de sangue. Não se deu o trabalho de bater na porta, pois logo pegou um segundo saquinho e cravou os dentes. Parou diante da janela para contemplar o lindo dia.

As árvores verdejantes exibiam orgulhosas suas flores de cores variadas. Os bebedouros dos pássaros, dispostos entre as roseiras, pareciam vazios.

— Acho que não deve ficar tão perto da janela — comentou Mabel em tom de preocupação.

— Victor disse que posso sair ao sol — respondeu Elvi ao jogar fora as

embalagens vazias.

— Sim, mas você sabe que isso a enfraquecerá.

Aquela altura, a vontade de Elvi era correr nua pelo jardim e sentir os raios solares banhar sua pele.

— Mabel tem razão — ponderou D.J., chegando à cozinha. — Quanto maior a exposição, maior a necessidade de sangue.

Elvi não disse nada, embora fizesse um bico tal qual uma criança quando lhe era negado algum doce.

— Se você se proteger bastante, ou seja, usar mangas compridas, luvas, um chapéu de aba larga e ficar na sombra, poderá se expor um pouco.

Suspirando, ela lamentou que, se assim o fizesse, aumentaria ainda mais o consumo de sangue. A cidade havia disponibilizado o banco de sangue para sua sobrevivência, mas não para extravagâncias. No entanto, seria tão bom se pudesse a ter uma vida normal...

— Vá se trocar — disse D. J. — Não se esqueça das mangas compridas.

O quarto de Elvi ficou de cabeça para baixo depois que ela finalmente decidiu o que vestir. Ainda estava abotoando a blusa ao sair no corredor. Ao voltar para a cozinha só estavam faltando as luvas.

Por sorte, Mabel tinha um par para emprestar. Trouxe também um creme com filtro solar. D.J. ordenou que passasse tanto que ao fim se assemelhasse a uma máscara branca. Elvi não reclamou do exagero. Sabia que os dois só queriam ajudá-la a se proteger.

Ao sair, ficou estática, deixando-se dominar pela excitação e pelo medo do sol forte. O temor logo se foi, uma vez que não se queimara até a morte, conforme previa a lenda. Ao contrário, ser envolvida pelo calor foi no mínimo extasiante. Elvi deixou escapar um suspiro de alívio e prazer, para em seguida dar mais um passo em direção ao jardim. Varreu o jardim com o olhar, matando a saudade de cada pedacinho de vegetação.

Antes da transformação, chegava a passar manhãs inteiras cuidando das plantas, semeando e regando. Não deixava um dia de encher os comedouros e bebedouros dos pássaros, ou de colocar amendoins para os esquilos. Não havia nada mais relaxante do que observar a natureza.

Foi com imensa tristeza que viu como os bebedouros estavam em péssimas condições. Só estavam cheios por causa da chuva da noite anterior. Mas precisavam de uma limpeza urgente.

O jardim não estava em melhor estado. O mato havia tomado conta da grama, esquecida durante os últimos anos. Mesmo se trabalhasse por duas semanas, de sol a sol, não conseguiria fazer o gramado ser como antes.

Embora desanimada, começou a trabalhar. No começo da noite, muitas plantas e bebedouros já estavam limpos. Teria de arrumar ajuda para terminar mais rápido. Talvez fosse preciso contratar um paisagista.

— Elvi?

Foram necessários alguns minutos para que ela percebesse de onde vinha a voz familiar. Havia uma cerca que dividia seu terreno e o dos vizinhos, Mike e Karen Knight. O madeiramento havia sido substituído por um mais alto, mesmo assim era possível ver Karen, segurando um cesto de roupa para estender no varal. Sorriu ao recordar como era

agradável bater papo sobre a cerca.

— Surpresa?

Pergunta tola, pensou Elvi, já que todos sabiam que ela não podia se expor ao sol. Karen não era fofqueira, mas era certo de que em pouco tempo todos saberiam da novidade.

Deixando a cesta de roupas no chão, a vizinha se aproximou da cerca.

— O que está fazendo aqui fora? Você está pálida demais.

— Está tudo ótimo. Mabel passou tanto protetor solar que me deixou com esta máscara branca — explicou Elvi, depois de uma risada. — Posso passar algum tempo sob o sol, contanto que tome cuidado. Não é maravilhoso?

— Claro que sim! — exclamou Karen, embora sua expressão denotasse preocupação. Levaria algum tempo até que todos se acostumassem com unia Elvi diferente daquela que andava de vestido preto e só aparecia de noite. — Isso quer dizer que podemos contar com a sua presença na feira.

— Feira?

— Para o Abrigo de Crianças Abandonadas — Karen a lembrou. — Não me diga que esqueceu por causa de seus hóspedes? Espero que não. A sua barraca é a que mais vende.

Sem jeito, Elvi sorriu ao se lembrar da feira de final de verão. Sua barraca era famosa pelas tortas e, claro, pelas mordidas.

— Confesso que ainda não comecei a assá-las. Bem, é melhor eu começar já.

Assim dizendo, Elvi voltou correndo para dentro de casa.

Victor acordou tarde naquele dia. Havia passado parte da noite e da manhã vigiando o sono de Elvi. Todos estavam tão convencidos quanto ela de que ninguém a machucaria. Edward foi ainda mais longe, sugerindo que ele não ficasse muito perto dela para que Elvi não fosse confundida por ele.

De repente, entendeu que Edward podia estar com a razão. Mesmo que as chances fossem mínimas, não arriscaria mais expondo-a.

Suspirando, cruzou os braços atrás da cabeça e continuou deitado, pensando e encarando o teto. Por ironia, suspeitava que Edward fosse o culpado. Afinal ele era o único que não estava com os outros quando haviam sido alvejados ao lado da loja de móveis. No entanto, ele estava junto com todos quando a segunda flecha fora atirada, o que invalidava sua tese.

Além do mais, qualquer imortal saberia que uma flecha, mesmo alojada no coração, não mataria outro imortal, contanto que fosse removida sem demora. Os nanos se encarregariam de curar o ferimento. Outra chance de morte seria se, enquanto abatido, o imortal tivesse sua cabeça decepada.

Mesmo assim, tentar matar um vampiro com uma flecha só podia ser idéia de um mortal. No entanto, fazia muito poucos dias que estava em Port Henry para ter feito inimigos a ponto de desejarem sua morte.

Era preciso considerar que o arqueiro tenha visto Elvi sentando-se no colo dele. A flecha a atingiu quando eles estavam se beijando. O que o fazia voltar para o ponto de partida. Quem seria o alvo? Razão pela qual havia passado a noite inteira de vigília.

No meio da manhã, acordara com ruídos de Mabel e D.J., o que o fizera concluir

que seria melhor ir para seu quarto. Chegou a considerar dormir na mesma cama de Elvi, mas seria imprudência demais fazê-lo sem o consentimento dela.

Agora, ali sozinho, arrependia-se por não ter sido mais arrojado. Teria sido ótimo acordar ao lado da amada e poder abraçá-la, inebriando-se com seu perfume doce. Desde que haviam se amado como loucos, ele não conseguia pensar em outra coisa até... ela ser alvejada nas costas. Aquilo era um banho de água fria, deixando-o doente de raiva e preocupação.

O desejo voltou a se fazer presente ao se recordar dos beijos e carícias trocadas. Decidido a não deixar o coração interferir no problema mais sério, saiu da cama. Era preciso manter-se frio para desvendar o mistério. No entanto, sabia como era difícil conter os ímpetos ao lado de sua companheira de eternidade. Já havia se acostumado com a idéia e feito planos de futuro. Bem, um futuro que não seria possível se um dos dois morresse.

Por enquanto, a sugestão de Edward de se manter afastado era a sugestão mais sensata. Poderia vigiá-la de longe e assim manter a cabeça fria para raciocinar com clareza. Não que estivesse satisfeito com a decisão. Àquela altura, sua alma já clamava pela dela a todo instante.

Depois de tomar um banho e se vestir, Victor saiu do quarto pronto para a batalha de reprimir o desejo. Mesmo que tivesse de começar por ir até os aposentos de Elvi, onde sabia que ela estava dormindo para se recuperar plenamente. Ao abrir a porta, espantou-se com a bagunça de roupas espalhadas e a cama desfeita. Em segundos, venceu as escadas para levar um susto ainda maior com a cena diante de seus olhos.

Elvi estava viva e toda coberta de farinha. Além dela, Edward, Alessandro e Harper também estavam trabalhando.

— Está bom assim? — Alessandro levantou uma forma de torta.

— Ótimo. Coloque-a perto das outras. Já vou colocar o recheio em todas elas.

— Não consigo deixar a massa uniforme — reclamou Edward.

— Você está indo bem, não seja tão exigente — contemporizou Elvi.

Já Harper não estava tendo problema algum em forrar a forma com massa. Manuseava o rolo de madeira como um profissional.

Estavam todos tão ocupados que não notaram a presença de Victor, que já estava ali havia uns cinco minutos apenas observando o esforço de cada um.

— Será que alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui? Para que tantas tortas assim? — indagou ele, ao notar mais de vinte formas dispostas no balcão, prontas para receber recheio.

— Bom dia, Victor — cumprimentou Elvi abrindo um sorriso.

Ao vê-la com farinha no nariz e nas bochechas, ele não conteve o riso. Ela era uma mulher adorável.

— As tortas são para a feira beneficente de final de verão. Eu havia me esquecido totalmente da minha participação com a chegada de vocês. Ainda bem que são todos muito prestativos.

— Harper nos forçou a ser voluntários — contou Edward.

— Ora, e por que não ajudar? Estamos aqui comendo e consumindo sangue de graça. Nada mais justo do que retribuir a delicadeza — acrescentou Alessandro, dando de ombros.

Edward murmurou algo incompreensível apenas para comprovar o mau humor de costume. Era sabido que ele não fazia nada que não tivesse vontade. Victor supôs que a reclamação fosse apenas para atestar o machismo latente do sujeito.

— Então, se é assim, o que posso fazer para ajudar?

Capítulo XVI

— Até que enfim acabamos — comentou Elvi, aliviada, após cobrir a última torta. Foram dois dias de muito trabalho, mas as cem tortas estavam prontas. A maioria já estava inclusive assada e disposta sobre o balcão e nas prateleiras. Algumas estavam nos refrigeradores do subsolo, aguardando a vez de irem para o forno.

Mais um dia e estariam todas prontas e encaixotadas.

Se não fosse a ajuda dos hóspedes, não teria conseguido. Alessandro havia tentado se apressar e terminara por bagunçar mais do que produzir. Edward era muito lento e meticuloso, mas a eficiência de Harper compensou as falhas dos outros.

Conforme iam terminando as tarefas, cada um deles procurava se alimentar com uma embalagem de sangue. Todos menos Victor, que não dava mostras de precisar de sangue.

Pensando no assunto, Elvi percebeu que nunca o havia visto pegar uma embalagem para si. Imaginou que, por ele ser o mais velho, talvez não precisasse se alimentar com a mesma frequência, ou, quem sabe, envergonhava-se de fazê-lo na presença dos outros. Ela terminava de assentar as últimas tortas recém-assadas nas prateleiras e ia procurar por Victor, quando o encontrou a seu lado, estendendo uma embalagem de sangue.

— Obrigada. E você? Não vai se alimentar também?

O silêncio constrangedor contaminou os outros, que o observavam com atenção.

— Agora não, mais tarde — respondeu ele.

Elvi franziu a testa, notando que os outros evitavam olhar para ela, concentrando-se em fazer qualquer outra coisa.

— Não me lembro de tê-lo visto tomar uma embalagem desde que acordou — comentou ela, disposta a desvendar o mistério. Todos haviam seguido o mesmo ritual de se alimentar antes de iniciar o trabalho.

— Você esqueceu que temos provisões no quarto? — indagou ele. E para encerrar o assunto pegou algumas tortas na mão. — Vou levar estas aqui lá para baixo.

Harper pegou outras duas e o seguiu para o porão.

— O que faremos agora? — Edward questionou, quebrando o clima pesado.

— Quem sabe assar alguns *brownies* para passar o tempo.

Elvi sorriu do comentário sarcástico. De fato, Edward precisava aprender algumas

regras básicas de convívio social. Não era à toa que os outros não simpatizavam muito com ele. Mas Elvi sabia o quanto ele se esforçava para ser agradável com ela, embora com aqueles comentários fora de hora. Além do mais, eram concorrentes entre si, não havia razão alguma para Edward ser bacana com os outros. Por outro lado, se pretendia conquistá-la, teria de mudar a maneira de ser com urgência.

— Na verdade, eu estava pensando em convidar todos para um drinque seguido de jantar no Bella Black como forma de agradecimento pela ajuda que me prestaram.

— Eu passo, obrigado — desdenhou Edward.

Elvi mordiscou o lábio, procurando não levar a sério a ofensa a seu restaurante.

— Bem, como eu dizia, antes de ser rudemente interrompida, existem outros restaurantes na cidade em que...

— Elvi, minha querida. Eu não estava fazendo pouco caso do seu restaurante — desculpou-se Edward. — Sei que a comida é ótima, o cheiro é delicioso. No entanto, ser a mascote de estimação da cidade pode ser bom para você, mas não gosto de entrar em lugar algum e ser o centro de todas as atenções. E assim será em qualquer lugar que formos por aqui.

— Mascote? — indagou Elvi.

— Lamento, querida, mas Edward tem razão — concordou Alessandro. — É difícil relaxar quando todos à volta estão comentando a nosso respeito. Na primeira noite, foi divertido, mas chamamos mais atenção do que o aniversariante. Seria melhor se fôssemos a um lugar distante.

Elvi suspirou, vencida. Talvez não fosse o momento de discutir o termo usado por Edward para defini-la. Mas não tinha argumento algum para contestá-lo. Ela mesma havia sido alvo de comentários velados quando voltara transformada para a cidade.

— Podemos ir para a cidade vizinha, onde não somos conhecidos.

— Pode ser... — disse Alessandro.

— E nos misturar com um bando de mortais bêbados? Também não me parece uma alternativa atraente — contrapôs Edward de novo.

— Bem, então não nos resta muita alternativa. Até onde sei, não há outros imortais nas imediações — argumentou Elvi. — Vocês são os primeiros que conheci.

— Você não pode afirmar. Infelizmente não foi treinada o suficiente para reconhecer outro imortal, a menos que o morda. Eles tampouco fariam o mesmo por saberem que o seu sangue não os alimenta.

Elvi blasfemou baixinho, indagando-se por que Edward continuava ali. Se ele não a tivesse ajudado bastante nos últimos dias, não teria receio algum em mandá-lo partir. Ao menos o confronto havia sido válido para provar que ele jamais seria seu companheiro de eternidade. Mesmo se não estivesse tão envolvida com Victor, jamais consideraria um homem cujo passatempo parecia ser contrariá-la sempre que possível.

— Estamos a duas horas de Toronto. Por que não vamos até lá? — Alessandro sugeriu.

Quando Elvi estava prestes a responder, a porta se abriu e DJ. e Mabel entraram.

— Chegaram cedo — comentou Mabel.

— Deixei Pedro tomando conta do restaurante. D.J. e eu queremos ficar um pouco a sós.

A situação não deixava de ser irônica, aos olhos de Elvi. Mabel a havia dispensado dos serviços costumeiros para que ela pudesse escolher aquele que seria seu parceiro por toda a eternidade. E, no entanto, quem descobrira um grande amor fora justamente a amiga. Não demoraria a hora em que D.J. a transformaria em uma imortal também. Elvi ansiava para que ela aceitasse.

— Vocês vão sair? — questionou D.J., sem se importar em esconder o sorriso de satisfação por ficarem sozinhos.

— Estamos pensando em ir a uma boate — informou Alessandro.

— Qual delas? — quis saber Mabel.

— Na verdade, é um lugar que estamos acostumados a freqüentar.

— O horário é mais flexível aos nossos costumes, e as bebidas são mais do nosso gosto — acrescentou Edward.

— Humm... — murmurou Elvi. A idéia de encontrar outros imortais era tentadora. Quem sabe não conheceria outras vampiras que lhe pudessem ensinar coisas que um imortal jamais saberia ser importantes. Ao olhar para o relógio, suspirou pelo avançado da hora. — Receio que não teremos tempo para ir, voltar e ainda aproveitar a noite.

— Posso resolver essa parte! — exclamou Harper. — Vou mandar meu helicóptero vir nos buscar. Vá se arrumar, Elvi, enquanto faço uma ligação.

— Um helicóptero? — indagou Elvi, perplexa.

A julgar pelos carros daqueles homens, já era sabido que eram pessoas afortunadas. Mas um helicóptero era algo que ela jamais imaginara. Harper devia ter uma fortuna considerável. Victor, porém, não mostrava o menor entusiasmo para sair de casa.

— E o que eu faço com as tortas? — perguntou Elvi.

— Pode deixar que eu cuido delas — anunciou Mabel, segurando o braço de Elvi e conduzindo-a para a escada. — Venha, vou ajudá-la a se vestir. Acho que o vestido vermelho vai ficar ótimo.

Embora preocupada com a falta de ânimo de Victor, ela seguiu a amiga. Enquanto tomava banho, Mabel tirou o vestido do armário. Depois a ajudou a se maquiar e a se pentear.

Ao se olhar no espelho, Elvi gostou do resultado. O vestido de cetim delineava-lhe as formas perfeitas. O decote sensual apenas insinuava os seios. A fenda lateral proporcionava uma discreta visão das coxas bem-torneadas. Depois da transformação, ela jamais imaginara que o vestiria novamente.

Subindo o zíper e dando por encerrada a arrumação, Mabel deu um passo atrás para melhor admirar a amiga.

— Victor vai ficar impressionado — disse ela, empurrando Elvi para a porta. — Vá logo. Depois de dois dias de trabalho e sem a chance de ficar sozinha com ele, você merece se divertir. Não me lembro da última vez que tenha saído de casa com esse propósito.

Elvi respondeu com um riso aberto e de expectativa da aventura que estava por vir. De fato, Victor e ela não tinham ficado juntos desde o incidente com a flecha. Não houve oportunidade, uma vez que começaram a fazer as tortas. Apesar da desculpa, ressentia-se por ele não ter sequer tentado roubar-lhe um beijo. Passara a última noite esperando que ele invadisse seu quarto para uma noite de loucuras. Percebeu que estava com saudades das carícias trocadas. Seus sonhos tangiam a realidade de tão intensos. Os

pesadelos que costumava ter com o marido, a filha e o acidente no México deram lugar aos sonhos eróticos. Entretanto, a realidade dos últimos dias e a indiferença com que Victor a vinha tratando terminaram por fazê-la duvidar do verdadeiro interesse dele.

— Ah, *bella*, que lindas pernas! — Alessandro exclamou, indo buscá-la ao pé da escada.

— Está querendo dizer que o resto não lhe agrada? — brincou ela.

— Não, *bella*? — Alessandro apressou-se a consertar o que dissera. — Você é uma obra de arte. O sonho de qualquer homem.

— Ah, você é um galanteador — comentou Elvi, rindo e balançando a cabeça.

— Eu a maguei?

— Claro que não. Imagino que você seja efusivo assim com todas as mulheres que encontra, por isso é difícil levá-lo a sério.

— Isso não é bom. Os canadenses são tão sensíveis quanto os britânicos. Os americanos não são românticos. A arte de falar de amor e expor sentimentos pertence a nós, italianos. Para nós, toda a forma de beleza deve ser celebrada. As mulheres, como a mais perfeita obra de Deus, merecem sem elogiadas e beijadas diariamente.

— Ah, estávamos esperando por você — disse Edward ao entrar na sala, interrompendo o flerte de Alessandro.

— Diante do resultado, a espera valeu a pena. — Harper adiantou-se para tomar a mão dela e beijá-la em uma atitude cerimoniosa que a deixou envergonhada.

Victor observava tudo de longe, com uma expressão difícil de decifrar. Se por acaso estivesse com ciúmes de Alessandro e Harper, não fez questão alguma de demonstrá-lo.

— Sua carruagem a aguarda, milady — brincou Harper com mais uma mesura, e depois oferecendo o braço a ela.

Elvi imaginou que iriam até o aeroporto mais próximo. Mas ao sair de casa e atravessar a rua, lá estava a aeronave, parada no pátio de um colégio.

— Meu piloto é um dos melhores. Consegue aterrissar onde quer que seja.

— Estou vendo — concordou ela ao atravessar a rua.

— Você já andou em um desses? — Harper quis saber. Elvi respondeu que não com um gesto de cabeça.

— Então prepare-se para o desafio.

Prendendo a respiração, ela subiu, dando início à aventura. O trajeto não demorou quase nada. Poucos minutos depois, aterrissavam sobre um heliporto de um dos prédios de Toronto.

— E então, gostou? — Harper perguntou, ansioso, enquanto dirigiam-se a um luxuoso elevador.

— Preciso de um drinque — disse ela com toda a honestidade.

— A boate fica a apenas algumas quadras daqui. Será que consegue ir até lá nesses saltos altos? — Victor indagou, abrindo a boca pela primeira vez desde que haviam saído de casa.

— Creio que sim — assegurou ela.

Apesar de se vestir de preto em todos os eventos da cidade, não dispensava os

sapatos de salto alto.

Victor balançou a cabeça e retornou ao silêncio sepulcral, chegando inclusive a abrir passagem para Harper escoltá-la para dentro do elevador. Elvi teve a impressão de que estava sendo jogada para um lado e para outro como uma bola de futebol. A sensação era deveras desagradável, agravada pela indiferença de Victor. O que teria acontecido com a atração que ele demonstrara dias antes? Havia bem pouco tempo ele estava se declarando como homem da vida dela. E agora abria a maior distância possível entre eles.

Embora ressentida e com os lábios trêmulos, Elvi ergueu o queixo, retomando parte da altivez de sempre. Se Victor não estava mais interessado, paciência. Havia outros três que se revezavam em agradá-la. No entanto, seu coração clamava por Victor, mas o orgulho falava mais alto, incentivando-a seguir adiante, prestando atenção apenas na diversão que teriam pela frente.

Tirando os sapatos por baixo da mesa, Elvi passou os olhos pelo lugar. Não sabia ao certo o que esperar, mas nada do que via correspondia às suas expectativas. Música alta, luzes piscantes, mesas lotadas, pista de dança idem, era o mesmo ambiente que mortais freqüentavam em qualquer lugar do mundo.

Óbvio que não esperava encontrar caixões servindo de mesa, ou cruces de ponta-cabeça, mas se entrasse desavisada ali, não saberia dizer se era um ambiente vampiresco ou não.

— O que vocês vão tomar?

Elvi levantou os olhos para estudar a garçonete. Era uma moça de baixa estatura, loira, e não devia ter mais de vinte e dois anos. Talvez uma universitária trabalhando para ganhar dinheiro extra. Mal tinha esboçado o pensamento e a garota disparou a dar risada.

— Você deve ser nova por aqui. Faz mais de um século que não vejo ninguém com vinte e dois anos de idade — disse a moça, provando que tinha lido os pensamentos de Elvi. Depois, amenizando o tom sarcástico, ofereceu: — O primeiro drinque dos novatos é por conta da casa. Vou servir um Virgem Maria.

— E que espécie de drinque é esse?

— Sangue dos virgens — esclareceu a moça. — É uma bebida rara, muito cara e igualmente deliciosa.

— Ah, sim, muito obrigada — agradeceu Elvi, forçando um sorriso.

Estranho que as únicas diferenças que notara de uma embalagem de sangue para outra era quanto ao açúcar, ou então que alguns eram mais espessos, outros nem tanto. Nunca lhe ocorrera que o sangue de uma pessoa virgem pudesse ser especial. Na certa já tomara algum depois de cinco anos, mas nunca o distinguiria pelo sabor. Parou de pensar no assunto no instante em que percebeu que a garota se insinuava para Victor.

— Olá, sr. Argeneau. Está um pouco atrasado, não?

— Estou?

— O resto da sua tribo acabou de sair daqui.

Elvi percebeu o pânico no rosto dele, que se limitou a perguntar:

— Quem seria a "minha tribo"?

— Etienne e Rachel; Lissianna e Greg; Thomas, Lucian e uma garota que nunca vi por aqui antes chamada Leigh — informou a garçonete.

— É uma pena — disse ele, demonstrando claramente o sentimento inverso.

Depois que a garota se afastou, Harper se aproximou de Elvi para dizer:

— A maior parte das pessoas que ela mencionou são parentes de Victor. Não sei quem é Leigh, mas Lucian é o chefe do Conselho e irmão mais velho dele.

— Nossa, irmão mais velho? — indagou ela, imaginando a idade do homem.

— Victor é um dos mais velhos. Lucian e seu irmão gêmeo, Jean Claude são uns dos poucos sobreviventes de Atlantis.

Elvi meneou a cabeça, recordando a explicação sobre os nanos e sua origem.

— Quer dançar enquanto esperamos os drinques? — convidou Harper.

Por alguma razão inexplicável, Elvi procurou a aprovação de Victor com o olhar. A expressão do rosto dele permaneceu inalterada. Com o coração apertado, ela lembrou que aparentemente ele havia perdido o interesse nela.

— Eu gostaria muito.

Aquele era outro costume que deixara desde a transformação. Sempre gostara de dançar qualquer tipo de música e ritmo. O gosto, aliado ao aparente desprezo de Victor, motivaram-na a pouco voltar à mesa enquanto estiveram na boate. Dançando e se deixando levar pelo ânimo dos presentes, não lembraria o quanto estava magoada com o distanciamento de Victor. Procurou disfarçar quando o viu sair de seu ângulo de visão por cerca de meia hora.

Enquanto isso, dançou com todos. Edward era excelente na salsa. Alessandro era o melhor em ritmos mais rápidos. Harper era um excelente dançarino de todos os ritmos. Mas era com Victor que Elvi gostaria de ter dançado todas as músicas. Entretanto ele foi o único que não demonstrou interesse algum em levá-la até a pista.

Apesar de magoada, Elvi se divertiu, mas ficou aliviada quando Harper a pegou bocejando e sugeriu que já era hora de partirem. Ainda eram duas horas da madrugada, mas estava exausta depois do cansativo dia de trabalho. Sem dizer que estava com os pés e o corpo inteiro doloridos, e havia bebido além do que estava acostumada.

O drinque Virgem Maria fora o primeiro de muitos. Toda vez que voltava da mesa, um de seus acompanhantes a servia com um drinque diferente. Não saberia dizer qual deles fazia mais o seu gênero. Bebia e achava que estava transpirando todo o álcool. Entendeu que sua teoria não estava certa quando se sentiu tonta ao sair da boate.

O caminho de volta ao helicóptero lhe pareceu muito mais longo do que quando chegara. Por sorte, Harper e Victor a ampararam. Assim que sentou na aeronave, fechou os olhos e caiu no sono.

— Ela adormeceu — comentou Harper.

— É verdade.

Assim dizendo, Victor a aninhou em seus braços. Estava determinado a manter-se distante enquanto existisse a possibilidade de alguém os querer mortos. Entretanto julgava-se no direito de pegá-la daquela forma, longe dos olhares de outros, uma vez que permitira que Harper, Edward, e Alessandra brigassem pela atenção dela durante toda a noite. O que mais o intrigara, porém, era que ela não demonstrara ligar a mínima para seu distanciamento.

Tivera a intenção de avisá-la que, para segurança de ambos, passaria a manter distância. Infelizmente acontecera tudo tão rápido e ela ficara tão à vontade que, também orgulhoso, ele não quisera demonstrar seu desapontamento. O que o confortava era

presumir que os outros também não podiam ler a mente dela.

Qualquer um daqueles homens poderia ser o companheiro de eternidade de Elvi. Embora tivessem feito amor, ela não demonstrara interesse algum em se comprometer com ele. Mesmo porque havia saído correndo quando o ouvira se declarar. Tinha de dar um desconto por não a conhecer bem o suficiente para saber se uma atitude como aquela não era normal, ou alguma maneira inusitada de lhe dizer alguma coisa.

Embora não tivesse certeza de nada, Victor não permitiria que qualquer um daqueles homens a carregasse no colo. Já havia contido o ciúme de vê-la lépida e faceira dançando e aceitando as bebidas oferecidas pelos outros.

Elvi confiava demais nas pessoas. De certa forma, era bom que estivesse sendo disputada pelos três, assim um vigiava os passos do outro. Victor sentiu um nó no estômago ao imaginá-la sozinha com Alessandro, por exemplo. Ele daria um jeito de embebedá-la para tirar proveito da situação. Aquele era um Casanova da pior estirpe. Victor desconfiava, inclusive, que ele estaria agindo daquela forma apenas para vangloriar-se na presença dos outros.

Quanto a Edward, bem, esse era mais difícil saber suas intenções. Ele não usava a mesma estratégia de Alessandro, mas também havia sugerido um drinque forte com a desculpa de querer que Elvi ficasse mais relaxada.

Na verdade, não poderia culpar nenhum deles. De fato, ela estava tensa e desconfortável no começo da noite na boate.

O helicóptero se aproximava do pátio da escola de onde tinham partido. Alguns solavancos fizeram com que ele a pressionasse contra seu peito para protegê-la de uma eventual queda. Não havia dúvida alguma de que ela se impressionara por Harper possuir uma aeronave. Victor não entendia a razão do fascínio. Se não odiasse tanto aquelas máquinas voadoras, ele também poderia ter um. Contudo, as freqüentes viagens a serviço e o mal-estar que sentia durante os vôos eram razões mais do que suficientes para nem cogitar a compra de um helicóptero.

— Graças a Deus que vocês voltaram! — gritou D.J. atravessando a rua, desesperado para encontrá-los.

— O que houve? — indagou Victor.

— Mabel não está nada bem.

— Mabel? — perguntou Elvi, ainda sonolenta enquanto D.J. voltava correndo para dentro de casa.

Victor se preocupou em ver o amigo tão desesperado. Em seu colo, Elvi passava a mão no rosto em uma tentativa desesperada de acordar.

— Já chegamos?

— Sim — respondeu Victor, passando pela porta que Harper gentilmente abriu.

Os gritos de Mabel soavam agonizantes. Elvi reagiu e se soltou dos braços de Victor e correu escada acima, gritando pelo nome da amiga. Com um ruído alto de passos apressados nos degraus de madeira, todos a seguiram.

Elvi empurrou a porta do quarto com violência para se alarmar ao ver Mabel se contorcendo, apesar dos esforços de D.J. em contê-la.

— O que aconteceu? — gritou, segurando os ombros da amiga contra a cama.

Mabel girava a cabeça de um lado para outro com violência, o corpo em evidente convulsão. Ela apenas gritava, mas incapaz de dizer o que estava sentindo.

— Eu estava tentando transformá-la. Algo saiu errado. E ela... — D.J. parou de falar para segurar uma das mãos de Mabel, que quase o atingiu no rosto.

— Santo Deus, D.J., por que não me disse que iria transformá-la?! — questionou Victor, debruçando-se sobre a cama também. — O processo teria sido muito mais fácil, sem tanto sofrimento. Existe medicação para aliviar o mal-estar.

— Mas eu não sabia. Na verdade, não havia planejado nada. Estávamos conversando quando ela mostrou interesse em se transformar. E eu... não lhe neguei um pedido — defendeu-se ele, já arrependido. — Nunca presenciei uma transformação antes. Não fazia ideia de que era assim... Ajude-a, por favor! — D.J. gritou em desespero quando Mabel voltou a se contorcer.

Balançando a cabeça, exasperado, Victor assumiu o controle da situação. Mandou Alessandra encontrar cordas para prendê-la na cama; pediu a Harper que fosse até uma drogaria vinte e quatro horas comprar remédios e para Edward que buscasse mais sangue.

— Quando foi a última vez que você a alimentou? — indagou Victor assim que os outros saíram para cumprir suas tarefas.

— Talvez uma hora depois que vocês partiram.

— Quantas embalagens?

— Bem, na verdade, nenhuma. Ela ainda não tem presas. Mal D.J. terminou de falar, Mabel virou-se para provar que estava errado. Elvi ainda estava ajoelhada na cama, tentando forçar os ombros da amiga para baixo. Em um breve momento de distração, Mabel ergueu-se e, em um movimento rápido, cortou o pescoço de Elvi com os dentes. O grito de dor chamou a atenção dos dois homens, que correram para socorrê-la.

Capítulo XVII

— Caramba, ela quase arrancou sua cabeça! — exclamou Victor, pressionando uma toalha no pescoço de Elvi.

— Ela não tem consciência de seus atos.

— Não fale — pediu ele ao fazê-la ingerir uma terceira embalagem de sangue.

Elvi estranhou que ele estivesse tão preocupado e prestativo, muito diferente daquele que a ignorara durante quase a noite inteira. Apesar da dor, ela ficou feliz ao constatar que o cuidado excessivo, aliado à braveza, eram sintomas de quem realmente a amava.

— Como ela está? — indagou Harper, chegando e correndo para o lado de Elvi, presumindo o que havia acontecido.

— Bem — garantiu Elvi. — Como está Mabel?

— Está melhor — garantiu Victor. — Considerando a idade dela, os nanos terão de trabalhar muito para recondicioná-la. Precisamos de mais sangue.

— Vou ligar para Teddy. Temos embalagens suficientes para mais duas horas? — Elvi quis saber. — Receio que seja cedo demais para chamá-lo agora.

— São quatro e meia da manhã. Considerando que ela tentou atacar Elvi, creio que temos suprimento suficiente apenas até a metade da manhã.

— Bem, então ligarei para Teddy daqui a três horas. Temos de estar preparados. Ele vai ficar indignado com a transformação. Espero que Mabel esteja melhor quando ele chegar aqui.

Assentindo com um sinal de cabeça, Harper saiu do quarto, dizendo que estaria disponível se fosse preciso.

— Não entendo como pode estar tão calma — comentou Victor ao atirar uma embalagem de sangue no cesto de lixo que havia puxado para o lado da cama de Mabel.

— Ela não fez de propósito — garantiu Elvi.

— Mesmo assim, parece que você está contente com a tentativa de feri-la.

Elvi curvou os lábios em um sorriso tímido antes de continuar:

— De certa forma, você tem razão. Agora já não me sinto mais culpada por ter mordido Mabel quando da minha transformação — confessou ela em tom sério. — Carreguei o peso da culpa por isso desde que voltamos do México. Depois do que houve hoje, estamos quites.

— Mulheres... A lógica de vocês sempre me espanta.

— Não somos piores do que os homens. Vocês não fazem sentido no geral. Quando se a tem a impressão de tê-los compreendido vocês mudam completamente, deixando a impressão de que estão ao sabor do vento.

— Não entendi a ironia.

Elvi não respondeu porque estava espetando outra embalagem de sangue nos dentes.

— O que quis dizer? — insistiu ele.

— Nada sério — respondeu ela, cansada para se preocupar com o assunto.

— Você deveria ir para a cama.

Olhando para Mabel, certificando-se de que ela estava bem melhor depois da medicação, Elvi resolveu ir para seu quarto.

Ao entrar, parou diante do espelho para examinar o corte. A cicatriz estava quase desaparecendo.

Pelo reflexo do espelho, viu quando Victor se aproximou, esgueirando-se pela porta propositalmente encostada. O brilho dos olhos dele traduzia a chama que o queimava por dentro, capaz de estabelecer uma corrente magnética entre os dois. O desejo se fazia presente, envolvendo-os em uma aura particular de sedução.

A razão sussurrava aos ouvidos dela que tomasse satisfações pelo comportamento distante daquela noite. Mas seu corpo clamava por fundir-se ao dele.

Percebendo-a malemolente, Victor a puxou para si pela cintura para em seguida subir as mãos grandes até os seios. Elvi pôs as mãos sobre as dele, incentivando-o a acariciá-la, ao mesmo tempo que arrebitava os quadris para trás, sentindo-lhe a masculinidade enrijecida.

Victor baixou a cabeça e pousou um beijo sobre a quase inexistente cicatriz. Com

os olhos semicerrados, ela observou a agilidade com que ele baixou o zíper do vestido, fazendo-o deslizar até o chão.

— Maravilhosos — sussurrou ele diante dos belos seios descobertos.

O elogio em voz baixa atingiu-a como uma carícia, fazendo-a arrepiar-se inteira. Elvi espreguiçou-se como uma gata lânguida, esticando as duas mãos para alcançar o pescoço dele e assim oferecer os mamilos túrgidos para serem novamente tocados. Um gesto apenas e ele cedeu ao prazer cáustico de capturar a pele rija com as mãos.

O espelho refletia a escultura de corpos que se buscavam com mãos ávidas no desejo de decifrar segredos. Os murmúrios loucos atuavam como uma melodia de fundo, quando mãos fortes traçaram caminhos sinuosos pela pele suave de Elvi até encontrar o cóis da calcinha de seda.

Por um instante, Elvi chegou a comparar a barreira de lingerie com a vontade que teve de exigir explicações incabíveis. Reprimiu-se a tempo, pois não era o momento para dizer nada, apenas sentir, derrubar medos e desorganizar-se no delírio daquela paixão sem fronteiras.

Movendo-se lentamente, ela o ajudou a descer a calcinha. Restaram apenas os sapatos vermelho de salto alto. Cada gesto potencializava-se ainda mais pelo simples fato de estarem se exibindo diante do espelho, um tempero extra e excitante.

Já totalmente embriagada pelo desejo, despida de roupas e pudores, Elvi se virou para ajudá-lo também a se desnudar. A começar pelo jeans. Victor a beijava sequioso, chegando a lhe tapar a visão.

A tarefa estava quase cumprida quando ele a tocou no centro máximo de seu prazer, perfazendo pequenos círculos com a ponta dos dedos. Elvi gemeu alto e, em um ato de louca impaciência, puxou-lhe a camisa com tanta força que fez voar os botões.

Em seguida cobriu-lhe a boca com um beijo apaixonado. Ao vencer o botão teimoso do jeans, ela ajoelhou para baixar-lhe as calças bem devagar, admirando cada pedaço de pele revelada, até os tornozelos. Em vez de livrá-lo de uma vez do grosso tecido, fez o caminho de volta, acariciando com as mãos e lábios cada músculo até chegar à ereção contundente. Começou por beijar a pele úmida com a língua em um contato dialético para por fim abocanhá-lo por inteiro.

Victor murmurou em pleno regozijo, embrenhando os dedos nos cabelos dela. Elvi não sentiu nada, tão concentrada que estava com a repentina infusão de prazer. Conforme o acariciava, sua mente era invadida pela sensação de que ele delirava com o carinho. Dominada pelo encanto do contato íntimo, compartilharam o supremo prazer. Assim, sabia exatamente o que fazer e o quanto de pressão aplicar para levá-lo às nuvens.

Transformavam-se em um só corpo e uma só mente assim que se beijavam. Razão pela qual ele também sabia o caminho certo para conduzi-la em um passeio ensandecedor, sentindo na pele o sopro dos vendavais.

Quando imaginou que se aproximava do centro do universo das infinitas sensações, ele a levantou pelos braços.

Em um movimento rápido, enquanto se beijavam, ele a tomou pelos quadris e a ergueu. Deslizando as mãos pelas coxas macias, insinuou que ela o abraçasse com as pernas, proporcionando um contato mais do que perfeito. Enquanto a prendia pelos lábios, resolveu levá-la para a cama.

A empolgação e a ânsia em consumir logo o ato fizeram-no esquecer que ainda estava com o jeans preso aos pés. O desequilíbrio ao primeiro passo os lembrou do mero

detalhe.

Elvi gritou e agarrou-se com força a ele. Fechou os olhos, antecipando a dor que não aconteceu. Por instinto, Victor soltou-a e conseguiu se apoiar no pé da cama, amortecendo a queda. Aliviada e ofegante, Elvi deixou-se escorregar para o chão.

— Você está bem? — ele indagou com preocupação. Elvi balançou a cabeça em direção à porta, de onde se ouviam passos de alguém se aproximando:

— Victor! Elvi!

— Pare! — Victor gritou, arrastando-se pelo chão para travar a porta com o pé quando a maçaneta começava a baixar. Esperou alguns segundos e trancou-a sem fazer barulho.

— Está tudo bem por aí? — perguntou Harper. — Ouvimos Elvi gritar.

— Ela está ótima. Eu a estava carregando para a cama e... tropecei.

— Mas ela não deveria estar deitada há tempos? — questionou Edward.

— Vocês sabem como ela é teimosa, por isso a estava carregando. Garanto que agora ela não levanta mais — assegurou Victor, encarando-a com um brilho malicioso no olhar.

Assim dizendo, engatilhou até ela, cobrindo-a com seu peso. Elvi esboçou um sorriso maroto ao afastar as pernas para recebê-lo e cravar as unhas nos ombros largos. A cor dos olhos de Victor parecia mudar ao sabor da chama do desejo ali refletida.

— Bem, espero que consiga mantê-la quieta. — A voz inconveniente de Edward soou através da porta. — Ela ainda não entendeu que seu corpo precisa de tempo para se recuperar. Não sei por que essa urgência em se manter ativa depois de sofrer ferimentos graves. Ela precisa, de um mentor com urgência.

— Vou me encarregar dessa tarefa — respondeu Victor, enquanto mordiscava o lóbulo da orelha delicada, permitindo que suas intimidades se tocassem, prolongando ao máximo a sensação enlouquecedora.

— Não ouvi o que disse — falou Edward.

— Eu disse que serei o mentor de Elvi — mentiu Victor, em um tom mais alto do que os murmúrios dela ao sentir o roçar dos corpos incandescentes.

— Tem certeza de que ela está bem? — indagou Harper em tom de preocupação. — Tenho a impressão de tê-la ouvido gemer.

— Você está bem, Elvi? — Victor perguntou, brincando com o lóbulo da orelha dela com a língua. Ao mesmo tempo, substituí-a o corpo pela mão, tocando-a.

— Siiimmm — respondeu ela, mas em resposta ao contato ousado.

Quando ela voltou a gemer, Victor abafou o ruído beijando-a na boca, ao mesmo tempo que sentia com os dedos a fonte da umidade, que descia pelas coxas macias.

— Tem certeza? — insistiu Harper.

Como um carrasco gozador, Victor escorregou pelo corpo curvilíneo até acariciar o rosto no triângulo de penugem sedosa.

— Estou ótima! — gritou ela, odiando o excesso de cuidado em hora imprópria. Victor ergueu a cabeça e riu baixinho da situação inusitada, mas não deixando de acariciá-la com mais pressão. — Podem ir se deitar, vou dormir agora.

— Ah, não vai mesmo — sussurrou Victor, ao voltar para sugar um dos mamilos,

deixando-a ensandecida a porto de gemer novamente.

— Elvi? — Harper tornou a chamar.

Parecia que estavam com os ouvidos grudados na porta.

— Sim?

— Espero que não esteja nada bem — Victor sussurrou, voltando a se ocupar em beijar-lhe os seios, escorregando até o baixo-ventre, deixando para trás uma trilha de beijos.

— Elvi? — Harper repetiu o chamado.

— Sim! O que você quer agora? — gritou ela, respondendo ao intruso e, ao mesmo tempo, reagindo quando Victor mergulhou nas profundezas de sua feminilidade.

Houve uma pausa nos sons vindos do outro lado da porta. Nesse ínterim, ela levantou o tronco e puxou a cabeça de Victor para poder encará-lo.

— Pare com isso!

Como ele ficou imóvel, Elvi acreditou que seu pedido havia sido atendido. Com um sorriso maroto, ele moveu-se apenas para permitir que seus dedos substituíssem a língua afoita na exploração da fonte dos mais loucos delírios.

O forte retumbar de seu coração ou de uma batida na porta a fez contrair o corpo. Na dúvida, ela levou a mão à boca para impedir o grito que ecoaria pela casa inteira. Mais uma vez, Victor demonstrava destreza ao tocá-la em seus pontos mais sensíveis com acertada pressão. Ao ritmo imposto pela natureza, Elvi se pôs a dançar, movendo os quadris e a cabeça, serpenteando na cama em pleno êxtase.

— Não se esqueça de ligar para Teddy logo que acordar. Precisamos de mais sangue. — E lá estavam os intrusos ainda de guarda. A voz de Harper a atingiu como um jato de água fria, que a fez arregalar os olhos.

Não podia se dar o luxo de uma viagem transcendental daquelas, esquecendo-se de algo tão importante. Determinada, tentou afastar-se. Porém, o ato contribuiu apenas para ativar ainda mais Victor.

— Não se preocupe! — gritou em resposta, enquanto seu algoz às avessas, indiferente à suposta rejeição, pressionou-a com exatidão a ponto de deixá-la no limiar do êxtase completo.

— Não se esqueça! — Dessa vez foi Edward quem se fez inconvenientemente presente.

Em uma tentativa desesperada de se manter consciente, embora a força que a impulsionava rumo às estrelas fosse incontável, Elvi piscou seguidamente. Mas nem assim sabia o que responder. Será que alguém havia dito alguma coisa?

— Não! Sim! — gritou em desespero, respondendo aos dois homens que a torturavam de maneira distinta.

— Não ouvi direito, mas suponho que tenha me entendido. Vou me deitar. Alessandro já foi para o quarto e Edward vai passar o resto da noite junto com D.J. na vigília a Mabel. Se precisar de alguma coisa, é só gritar.

Elvi não se incomodou em responder, mesmo porque não estava em condição nenhuma de concatenar as idéias em uma resposta lógica. A impressão que tinha é que estava sendo engolfada por gigantescas ondas de prazer. Victor a estava virando do avesso, acompanhando-a em um sonho magnífico cheio de cores, tons e sensações

avassaladoras.

Assim que ouviu os passos de Harper se esvaindo, Victor finalmente se livrou das calças e a segurou com firmeza, levando-a para a cama. Dessa vez, sem tropeções.

Aproveitando-se por ter caído por cima dele, Elvi sentou-se e travou as pernas de modo a não deixá-lo virar-se. Estava farta daquela doce tortura, queria inverter os papéis. Era sua vez de ser a dona da situação. Ele ainda tentou erguer o tronco, mas foi derrubado para trás, entregando-se à contemplação estática daquela que se transformava em sua Afrodite. Segundos delirantes se passaram enquanto Elvi conduziu a penetração até sentar-se sobre os quadris dele.

Os olhares cheios de significado se prenderam. Victor sentou-se de repente, segurando-a pelas costas, e cobriu os lábios doces com insaciável euforia. Elvi o abraçou, completando a escultura humana de braços e pernas entrelaçados. Estavam unidos por dentro e por fora, embora não lhes parecesse suficiente. O desejo era mesmo de se fundir em um só.

Elvi tentou prosseguir com os movimentos sensuais, mas estava presa. Cedendo ao apelo silencioso, Victor a virou, insinuando-se por entre as coxas roliças. Um lamento de frustração se fez ouvir, mas durou apenas o espaço de tempo suficiente para que ele se posicionasse melhor. Com as mãos espalmadas nas costas largas, ela deixou evidente sua pressa em ser consumida por inteiro. Assustou-se quando ele a segurou pelos pulsos, prendendo-lhe os braços por cima da cabeça com a mão forte. Quando o sentiu a penetração, entendeu que a intenção de prendê-la era dominá-la. Assim, cedeu à fantasia erótica e se deixou conduzir.

O ritmo das estocadas foi aumentando a ponto de arremessá-la ao centro de um ciclone, capaz de varrer todo e qualquer pensamento da mente dos dois. Assim, embalados e em perfeita sincronia, atingiram o clímax juntos.

Para não gritar a plenos pulmões, Elvi o mordeu no ombro. A sensação de tocar o céu com a ponta dos dedos foi substituída pela esperada escuridão da perda dos sentidos.

Por várias vezes nas horas seguintes, Elvi acordou ainda abraçada a Victor. Em outra vez, ao apalpar o outro travesseiro não o encontrou, mas esgotada como estava, adormeceu novamente.

Quando se sentou na cama, viu o relógio marcar nove horas da manhã. Lembrando-se de que precisava ligar para Teddy, levantou-se com cuidado para não acordar Victor. Depois de uma ducha rápida, vestiu-se e saiu pé ante pé do quarto.

A casa inteira estava em silêncio. Ao abrir a porta do quarto de Mabel, viu-a dormindo em um sono tranqüilo, bem como Edward e D.J., nas respectivas cadeiras. Sabia que a transformação de Mabel não estava completa, mas o pior parecia ter passado. Mais tranqüila, desceu a escada rumo à cozinha.

Ligou para Teddy, que se espantou com o pedido de mais sangue. Tanto ele como Mabel haviam provisionado a casa antes de os visitantes chegarem. Foi então que Elvi lembrou que não tinha contado sobre os últimos incidentes, que exigiram a ingestão de embalagens extras. A bem da verdade, evitava falar ou ficar sozinha com Teddy desde que soubera de seu amor não correspondido. Além do mais, os dias dispensados a assar as tortas para a feira a distraíram o suficiente para se esquecer de fazer uma ocorrência policial, ao menos dos atentados à vida de Victor e dela.

Falar tudo de uma vez e por telefone não seria apropriado. Mesmo porque Teddy tinha ficado passado com a notícia da transformação de Mabel. Não foram poucos os

impropérios ditos ao desligar o telefone.

Elvi decidiu tratar do problema depois. Acendeu o forno para aquecer e pegou uma bandeja para descer ao porão para buscar as últimas tortas a serem assadas.

Ao voltar, abriu a geladeira para se alimentar. Enquanto sugava o sangue, olhou pela janela. Ainda não tivera tempo suficiente para começar a cuidar do jardim como planejara. Assim, decidiu cuidar das plantas, enquanto as tortas assavam. Jogando a embalagem vazia no cesto de lixo, dirigiu-se ao armário, de onde tirou as luvas, o chapéu e o casaquinho de mangas compridas.

Com um sorriso nos lábios, parou na varanda para admirar o dia bonito. Os passarinhos brincavam na água represada nas pias de pedra. As borboletas davam vida ao colorido das flores ao misturar seus tons com as mesmas.

— Bom dia, Elvi.

Ela já caminhava pela grama quando viu Mike Knight à cerca divisória das propriedades. De bermuda e camiseta, ele se ocupava em cortar a grama.

— Bom dia, Mike. Não vai trabalhar hoje?

— Eu mudei meu horário para poder ajudar na feira. As tortas já estão prontas?

— Com tanto movimento em casa, quase me esqueci. Ainda bem que Karen me lembrou a tempo de prepará-las.

— Fiquei feliz com a notícia de que você pode sair à luz do dia. Senti muita falta das nossas conversas por cima da cerca.

— Pode estar certo de que eu também. Bem, preciso voltar para as tortas — anunciou ela, já voltando para a varanda.

— Elvi! — chamou ele, fazendo-a parar e virar para trás. — Você está feliz?

— Como assim?

— Um dia desses Mabel disse que você vivia se lamentando por ter ido ao México e se transformado em uma vampira.

— E verdade, eu me lamentei algumas vezes — respondeu ela.

Na época, sentira-se péssima. No entanto, desconhecia que podia comer, que não precisaria dormir em um caixão e que poderia sair à luz do dia. Sua vida melhorara em todos os sentidos desde a chegada de Victor e dos outros.

— Lamento muito. Eu fui um dos que insistiram para que vocês fizessem essa viagem. Se ao menos eu soubesse como a faria sofrer...

— Deixe de bobagens, Mike — interrompeu ela.

Elvi sabia que não só ele, mas praticamente a cidade inteira, aceitara sua transformação por terem insistido tanto em uma viagem para a qual elas nem estavam animadas.

— Espero que o plano de Mabel com o anúncio ajude a melhorar as coisas para você.

Elvi sorriu, e antes que pudesse responder para inocentá-lo, notou que Teddy acabara de estacionar em frente à sua casa.

— Ah, Mike, desculpe, preciso ir.

— Mabel está bem? — o policial quis saber ao bater o porta-malas de onde havia tirado uma geladeira de isopor.

— Ela estava dormindo na última vez que olhei — respondeu Elvi, correndo para abrir a porta.

Depois de colocar o isopor sobre a bancada, ele virou-se e lançou um olhar enfurecido.

— Por que permitiu que isso acontecesse? Depois de tudo que ela fez por você...

— Ora, eu nem estava em casa. Além do mais, ela pediu para que D.J. a transformasse.

— Você tinha obrigação de cuidar dela. Depois de cinco anos do tratamento inverso, você ao menos deveria ter a consideração! — esbravejou Teddy. — Ah, mas é claro, você não podia desviar um segundo sequer a atenção de Argeneau.

— Mas... o que é isso?

Elvi estava estarecada, nunca o tinha visto tão bravo.

— Então o culpado foi D.J.? — indagou ele. — Vou cravar uma estaca no coração dele e...

— Ah, não, vai mesmo — retorquiu ela, indignada. — Eles estão apaixonados, e ele só atendeu a um pedido dela.

— Vamos ver o que ela tem a dizer — anunciou ele, estendendo o braço, impedindo-a de segui-lo. — Vou sozinho.

Ela ainda ficou parada, observando-o subir as escadas. Depois, balançando a cabeça, decidiu que não iria interferir. D.J. saberia como lidar com a teimosia de Teddy.

Se mesmo depois de saber como havia sido injusto ao acusá-la de desinteresse, ele que viesse procurá-la. Talvez ele não soubesse medir o amor de Mabel e DJ. Embora isso não o eximisse da culpa por tê-la julgado de modo tão implacável.

Para se livrar da energia ruim, decidiu que precisava de um pouco mais de movimento. Apenas assar tortas não iria acalmá-la. Assim, saiu pela porta dos fundos e entrou no galpão anexo à casa.

As ferramentas de jardinagem ainda estavam no mesmo lugar onde as havia deixado cinco anos antes, nos mesmos ganchos, em perfeito estado, apenas um pouco empoeiradas.

Respirando fundo, animada com a perspectiva de mexer com a terra, ela se aproximou, decidindo qual das peças usar. Pensou em algo para podar as ervas daninhas, ou um facão, instrumentos perfeitos para extravasar a raiva.

Infelizmente não havia por ali nada do que procurava. Optou por uma enxada para afofar a terra.

Mal tocou no instrumento quando ficou tudo escuro. A porta havia batido sozinha. Elvi piscou várias vezes para se acostumar à escuridão. Não havia luz ali, nem janela para permitir que a claridade natural iluminasse o galpão. A providência de levar energia até ali estava em sua lista de prioridades da casa durante muito tempo.

Um arrepio de medo percorreu-lhe a espinha. Estava totalmente indefesa. Houvera uma época em que sabia onde estavam todos os materiais, agora só restara a lembrança de instrumentos perigosos ali dentro. Para se proteger, encostou-se na parede e, com todo o cuidado, foi se arrastando para encontrar a porta. Culpou-se por não ter se prevenido, colocando um toco para mantê-la aberta.

Aconteceu tudo muito rápido. De repente, um cheiro forte ardeu-lhe no nariz. Em

seguida outro, que identificou como sendo fumaça.

Como em um passe de magia, a parede oposta à que estava encostada transformou-se em uma labareda.

Capítulo XVIII

A discussão entre D.J. e Teddy acordou Victor, que saiu da cama de Elvi e foi apartar a briga. Foram precisos longos minutos para convencer o oficial que Mabel estava ótima e que D.J. nada havia feito de errado além de atender a um pedido da própria.

Quando Teddy finalmente saiu, Victor resolveu tomar uma ducha. Agora estava vestido e pronto para enfrentar o dia. De repente ouviu gritos e estava por perder a paciência quando percebeu que Teddy não havia voltado para reiniciar a briga.

Os gritos eram de Harper, que subia as escadas às pressas. Victor demorou alguns minutos para entender que o alemão dizia que o quintal estava em chamas.

— Onde está Elvi? — foi a primeira coisa que perguntou ao encontrar com Harper. Depois dos seguidos acontecimentos, se houvesse perigo ou confusão era certo de encontrá-la por perto.

Saíram todos correndo atabalhoadamente para chegar ao jardim e deparar com as altas labaredas vindas do depósito. Sons abafados de gritos e batidas desesperadas indicavam que havia alguém preso ali dentro.

Harper buscou a mangueira, enquanto Victor alcançou a porta do galpão. Foi então que viu que a porta havia sido travada por fora com um pedaço de madeira. Aos chutes, ele conseguiu abrir a porta. Munido de toda a sua coragem e respirando fundo, tentou entrar. No entanto, a nuvem de fumaça o impediu de seguir adiante.

Por sorte, Elvi não estava muito longe da porta. Vendo um laivo de claridade, pulou em cima dele, fazendo-o recuar desgovernado, não sem antes puxá-la para fora também. Os passos largos e apressados foram impedidos por uma fonte de água, que o fez tropeçar. Victor caiu de costas no chão. Elvi caiu por cima, mas com o joelho dobrado atingindo-o em sua parte mais sensível. Percebendo o que havia feito, ela saiu de cima dele, esbarrando no ornamento de pedra. Nada adiantou, aliás, foi pior, porque a fonte se soltou e caiu exatamente no centro do quadril de Victor.

— Oh, meu Deus! — gritou Elvi. — Você está bem? Encolhido em posição fetal, ele grunhiu de dor, pouco antes de levar um jato de água.

— Vire a mangueira para o outro lado, Harper! — exclamou ela. — Vire o bocal para direcionar a água para o galpão.

— O que diabos está acontecendo aqui?

Victor reconheceu a voz de Teddy, mas nem se incomodou em abrir os olhos. Continuou imóvel, na expectativa de que seu corpo começasse reagir à dor lancinante.

— Victor, você está bem? — D.J. indagou, agachando-se ao lado do amigo.

— O que houve? — foi a vez de Edward perguntar.

— Alguém se machucou? — questionou Alessandro.

Victor teve vontade de abrir os olhos e responder que não estava naquela posição por livre e espontânea vontade. Mas o esforço seria demasiado, por isso continuou estático e mudo.

— Podem deixar que assumo daqui para a frente. — Aquela voz pertencia a Mike, vizinho e chefe dos bombeiros. Reconhecendo-a, Victor abriu os olhos e, com alívio, viu que aquele simples mortal havia sido o único a ter a excelente idéia de trazer um extintor.

A expressão de total incompetência de Harper, ainda tentando manusear a mangueira de jardim, só não foi mais hilária devido à gravidade da situação.

Virando a cabeça, Victor viu que Elvi estava sentada a seu lado, observando o trabalho de Mike. Seu rosto estava preto e as roupas cheias de fuligem, mas aparentemente não havia se machucado.

Ele começou a se mexer, ao sentir que a dor havia cedido. Elvi segurou-lhe o rosto com as mãos, para em seguida tatear seu corpo.

— Você está bem? Machucou-se muito?

Teddy os interrompeu e franzindo o cenho, abaixou-se ao lado deles.

— O que houve?

— O que está fazendo aqui? Você não tinha ido embora há uns quinze minutos? — indagou Victor.

— Eu já estava quase chegando na delegacia, quando olhei para o banco de trás e percebi que havia esquecido o segundo isopor de sangue. Vi a fumaça a uns dois quarteirões daqui. Acionei os bombeiros. Cheguei em tempo de ver você e Elvi caindo.

Victor estreitou o olhar, concentrando-se nos pensamentos de Teddy. Relaxou em seguida quando viu que ele estava dizendo a verdade, portanto não era o culpado de ter ateado fogo no galpão.

— Pronto, assunto resolvido — anunciou Mike, aproximando-se do pequeno grupo. — Ainda há brasas, mas meus homens logo estarão aqui para apagá-las e garantir que o incêndio não recomece. Ah, ali estão eles... — acrescentou ao ver o caminhão estacionando em frente da casa.

Sem tecer nenhum comentário, Victor agora se concentrava na mente de Mike. Viu que nos momentos que antecederam o incêndio, ele estava se trocando quando vira a fumaça pela janela. Vestindo uma camiseta qualquer, descera correndo, pegara o extintor de incêndio e saíra de casa.

Ele tampouco havia sido o culpado. Victor relaxou, embora ainda preocupado com o autor do crime, quando Elvi o encarou, furiosa.

— Por que não vai ler a mente do padre O'Flaherty também? — indagou ela, sarcástica. — É muito difícil acreditar que foi apenas um acidente?

— Não, foi um incêndio criminoso — sentenciou ele.

— Quantas vezes terei de repetir que ninguém na cidade me faria mal?

— Ela tem razão. Nós todos a amamos — concordou Teddy.

— Qual a sua opinião, Mike? — indagou Victor.

— Bem, tenho certeza de que ninguém quer mal a Elvi. Mas a verdade é que senti

um forte cheiro de gasolina.

Elvi estranhou, mas lembrou que antes de perceber a fumaça, também sentira um cheiro que não tivera tempo de identificar.

— Gasolina?

— Lamento, Elvi — contemporizou Mike antes de sair para dar ordens aos outros bombeiros.

— Você admite agora que há alguém querendo atingi-la? — Victor perguntou.

— Não há prova suficiente. Prefiro acreditar que foi um acidente.

Victor soltou um suspiro de exasperação e perdeu a paciência.

— Caramba, Elvi! A porta estava travada por fora. Você acha que alguém a trancou lá sem querer, jogou gasolina e por acaso acendeu um fósforo? Alguém quer matá-la!

Elvi arregalou os olhos. Não sabia que a porta estava travada por fora. Victor estava tão bravo que não lhe deu chance de responder.

— Não me recrimine por ler a mente dos seus amigos. É óbvio que suspeito de todos eles. Só um mortal seria capaz de uma atrocidade dessas.

— Você não tem certeza.

— Claro que sim. Um imortal saberia que não a mataria atirando flechas. Só um mortal falharia em matar alguém que está se expondo tanto.

— Todos os meus amigos são mortais. E nenhum é idiota. Além do mais, sair para buscar ferramentas para trabalhar no próprio jardim está longe de ser arriscado.

— Claro que é! — exclamou ele, cada vez mais furioso.

— Você não deveria por os pés fora de casa. Mabel tentou decepá-la ontem à noite. Seu lugar é na cama, se recuperando por ter perdido muito sangue. Sem contar que mal se refez do ferimento da flecha nas costas. Não, mas Elvi Black é invencível!

— Que história é essa? — interrompeu Teddy. — Mabel tentou decepá-la? Quem atirou a tal flecha? Por que não me contou nada disso, Ellen Stone?

— Ellen Stone? — ecoou Harper, confuso.

— É o nome verdadeiro de Elvi — D.J. explicou. Mabel deveria tê-lo informado. — Seu nome de família era Ellen Black, e depois do casamento passou a usar Stone. E por fim, passou a usar o nome de solteira, quando da transformação.

— Por que todos a chamam de Elvi? — Foi a vez de Edward perguntar.

— Sou eu quem faz as perguntas por aqui — ralhou Teddy, erguendo uma sobrancelha. — Por que raios não me contou o que estava acontecendo? Que eu saiba, ainda sou o chefe de polícia da cidade.

— Em primeiro lugar, ela não deveria ter saído da cama — intercedeu Victor, quando Mike voltou a se juntar ao grupo.

— Tenho de concordar com Victor, Ellen — disse Edward, enfatizando seu nome. — Você tem a incrível tendência de se meter em encrencas. O melhor que tem a fazer é ficar em casa, enquanto nós, homens, resolvemos o problema.

— Não existe "nós" neste caso — afirmou Teddy. — Eu represento a lei, e esta é a minha cidade. Vocês são apenas visitantes. Quero saber em detalhes tudo o que aconteceu.

— Se ao menos tivesse me dito alguma coisa, Elvi, eu poderia ficar de sobreaviso. Vigiar a sua casa de minha janela — ajuntou Mike.

Até então, Elvi estava muda, ouvindo as reprimendas sem revidar. De repente, levantou-se, decidida, e abriu caminho entre eles.

— Com licença, preciso terminar de assar minhas tortas — anunciou, voltando para casa pisando duro.

— Muito bem a todos. Atacar a vítima é sempre a melhor maneira de defendê-la — acusou Harper com ironia.

Aquelas palavras atingiram Victor como um soco no estômago. Era exatamente o que vinha fazendo. Pior, ele ainda a culpava de tudo. Mas a situação toda o estava fazendo perder a razão. Imaginar Elvi presa, sendo queimada exatamente como fora Marion, o deixara ensandecido. Não pudera fazer nada para salvar a primeira esposa, e não seria testemunha da morte de Elvi da mesma maneira. Não podia perdê-la de jeito nenhum. Ainda mais depois de ela ter se tornado parte primordial em sua vida.

— Bem, suponho que devemos nos desculpar — disse Teddy.

— Eu também acho — concordou Harper.

— Vamos lá, Argeneau. Ainda é tempo de fazer alguma coisa antes que ela fique sentida demais e comece a chorar ou a fazer outra cena semelhante que as mulheres adoram nesses casos... — Teddy parou de falar ao notar que ninguém o estava seguindo.

Victor estava na mesma posição, e os outros o observavam em silêncio.

— O que foi? Não consegue se levantar? — perguntou Teddy.

— No momento, não — respondeu Victor.

— Por que não disse antes? Vire-se, deixe-me ver onde foi o ferimento.

— De jeito nenhum...

— A fonte caiu em um lugar muito delicado... — comentou Alessandro.

— Bem na virilha — completou Edward.

— A impressão que tive foi de ouvir uma bexiga estourando.

— Obrigado, Alessandro, muito elucidativa a explicação.

— O que vamos fazer agora? — Mike quis saber.

— Nada, apenas esperar — informou Harper, encolhendo os ombros. — Ele vai se curar sozinho. Leva algum tempo. Enquanto isso, é melhor que fique imóvel.

— Ele precisa se alimentar — murmurou Edward. Os imortais trocaram olhares significativos.

— Mike, por que não vai com Teddy checar se há alguma prova de incêndio criminoso? — sugeriu Harper.

— Ah, sim, claro... — concordou Mike, já a caminho do galpão.

— Vou buscar algo para oferecer aos bombeiros — Edward anunciou.

— Irei ajudá-lo — disse Alessandro, apressando para acompanhar o passo do outro.

Depois de assar as últimas tortas, Elvi havia subido para tomar um banho. Antes de entrar no chuveiro, tinha olhado pela janela do banheiro e visto que Victor estava na mesma posição em que o deixara; só que estavam todos à sua volta. Ao terminar de se

trocar, seguiu para o jardim de inverno e dali observou que ele continuava deitado no chão, mas sozinho.

Pouco depois, D.J. se aproximou e ofereceu a mão para ajudá-lo a se levantar. O processo foi lento, e mesmo em pé, Victor permaneceu curvado. Não havia sinal de sangue que indicasse que ele tinha se ferido mais do que supusera a princípio.

Suspirando, afastou-se e decidiu ir ver como Mabel estava passando. A amiga tentava se levantar da cama quando Elvi entrou no quarto.

— Não, não, não... Você não pode andar ainda.

— Mas preciso ir ao banheiro — protestou Mabel.

— Então, deixe-me ajudá-la...

Elvi tinha visto Mabel poucas vezes desde a transformação. No primeiro dia, quando ela se debatia e tinha o rosto transfigurado pela dor, não pensara em outra coisa senão ajudá-la. Naquela manhã, só olhara pela fresta da porta e a vira dormindo de costas.

Aquele era o primeiro momento em que prestava atenção de fato na aparência da amiga. Estarrecida, balançou a cabeça. Mabel não estava apenas remoçada, mas sua beleza era ainda mais estonteante do que quando era jovem.

Aos vinte e dois anos, ela ainda sofria com problemas de acne e tinha o rosto todo marcado. Agora, a pele dourada e suave lembrava a perfeição de um pêssego. Os olhos cor de mel combinavam com os sedosos cabelos dourados que emolduravam o rosto delicado. Mabel havia sido magra demais até os quarenta e poucos anos de idade, quando então engordara demais. Agora estava com medidas ideais. A transformação redistribuíra o peso, deixando-a com um corpo curvilíneo. A beleza física aliada à confiança, adquirida pela experiência de vida, conferiam-lhe uma beleza excepcional.

— Você está com cara de quem viu um fantasma, exatamente como Teddy ficou.

Sem dizer nada, Elvi segurou-lhe o braço e a levou até um espelho de corpo inteiro.

— Jesus, Maria e José! — exclamou Mabel, não acreditando na imagem que tinha à sua frente. Em seguida começou a se beliscar para saber se a imagem de fato correspondia ao real.

— Chega de se admirar. É melhor voltar para a cama e se alimentar — disse Elvi, interrompendo a contemplação que já durava minutos e estendendo uma embalagem de sangue.

— Não quero voltar para a cama — Mabel respondeu, impaciente. — O que eu faço com isso?

— Fure com os dentes e sugue — instruiu Elvi, rindo com a falta de jeito da amiga. — Viu como é fácil? Venha se sentar, ao menos enquanto se alimenta.

Embora relutante, Mabel obedeceu, sentando-se na cama. Elvi abriu o pequeno refrigerador e dali tirou mais embalagens.

Elvi se pôs a relatar o que havia acontecido desde a ida à boate, a frieza de Victor, depois a volta, quando encontrara D.J. em desespero por tê-la transformado.

Mabel a interrompeu. Corada, admitiu lembrar que a tinha atacado e se desculpou.

— Eu a mordi no México, não foi? Agora estamos quites...

Voltando para o assunto anterior, Elvi contou da noite incrível que passara com

Victor e finalmente falou sobre o incêndio e das suspeitas infundadas dele.

Elvi se postou à porta para o caso de Mabel sentir-se tonta ou precisar de ajuda. Em vez disso, ouviu o barulho do chuveiro sendo ligado.

— Mabel, não acho que tenha forças suficientes para tomar banho — disse ela, abrindo a porta.

— Estou me sentindo ótima. Já faz quase vinte e quatro horas desde a transformação.

Elvi olhou para o relógio de pulso e admirou-se com o avançado da hora. Relanceando o olhar pela janela, não viu mais ninguém no quintal.

— O que houve? — Mabel quis saber.

— Nada. Estou pensando onde estão os rapazes e o que estão fazendo.

— Está preocupada?

— Estou. Você deveria estar também. O que estaria impedindo D.J. de vir vê-la?

— Ele veio. Você estava me contando sobre a boate de costas para a porta. Ele colocou só a cabeça para dentro. Ao perceber que eu estava bem e na sua companhia, ele me assoprou um beijo e saiu.

Mesmo assim, Elvi não ficou satisfeita com a resposta. Desde que chegara a Port Henry, D.J. não saía de perto de Mabel por nada. Agora que ela havia se tornado uma vampira, era motivo mais do que suficiente para não sair do seu lado. No entanto, ele estava reunido com os outros. Alguma coisa estava sendo tramada.

Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos.

— Alguém bateu? — perguntou Mabel, colocando metade do corpo para fora do boxe.

Elvi respondeu que sim com um sinal de cabeça.

— D.J. não faria tanta cerimônia para entrar. Balançando a cabeça novamente, Elvi saiu do banheiro para checar quem poderia estar ali.

— Karen, que surpresa!

— Espero não estar interrompendo nada. D.J. me disse que vocês estavam aqui conversando, por isso resolvi subir.

— Que bom que veio. Mabel está terminando de tomar banho.

— Suponho então que ela esteja melhor.

— Graças a Deus — assentiu Elvi, encostando a porta.

— Vim até aqui procurar Mike, que ainda não havia voltado para casa depois do incêndio. Estão todos reunidos na sala. Disseram que você está com problemas, é verdade?

— Alguns, mas tenho certeza de que não há nada com o que se preocupar.

— Menos mal. Bem, os rapazes disseram que você e Mabel não vão à feira. Pensei que talvez pudesse ajudá-las levando as tortas...

— O que foi que eles disseram? — Elvi perguntou, surpresa.

— O que foi? Não é verdade? — Karen quis saber, arregalando os olhos.

— Quem lhe disse isso? Victor?

— Na verdade, acho que foi Teddy...

— Teddy está lá embaixo também?

— Sim, ele e Mike estão aqui desde o incêndio.

A suspeita de que estavam tramando algo ficou clara para Elvi com aquela informação. O plano deveria ser como mantê-la em casa, longe da feira.

— E então, quer que eu a ajude com as tortas?

— Não. Faço questão de levar, eu mesma.

— Acho que não vão deixá-la sair — confessou Karen, mordiscando receosa o canto da boca.

— Eu já desconfiava.

— Doce ilusão a deles — acrescentou Mabel, saindo do banheiro com uma toalha enrolada na cabeça.

— Não acredito nos meus olhos! — exclamou Karen de queixo caído.

— Nada mal para uma sessentona, não? — brincou Mabel.

— Acho que ninguém contou que ela se transformou também, não é?

Ainda estarecida, Karen não respondeu. Acompanhou Mabel com os olhos, conforme ela cruzava o quarto com passos decididos.

— Quer dizer que estão planejando nos prender em casa... — comentou Mabel, abrindo o armário. — Bem, eles vão ter de enfrentar a teimosia de Mabel Allen e Ellen Stone. Nós... Ah, não! Não tenho o que vestir! Nada mais me serve!

— Isso também não nos impedirá. Tenho roupas para emprestar e um plano bem arquitetado.

— Não vamos nem usar os punhos? — Mabel sempre gostara de puxar briga com quem quer que fosse.

— Minha querida, além de eles estarem em maior número, observe a diferença de tamanho — ponderou Elvi. — Vamos usar o cérebro para vencê-los.

— Se for assim, já vencemos antes de começar a briga — brincou Mabel.

— Vamos até meu quarto arrumar alguma coisa para você vestir. Venha também, Karen, preciso da sua ajuda.

— Não vamos nos meter em nenhuma encrenca, não é? — Karen indagou, desconfiada.

— Nada disso. Vamos apenas fazer o que já estava planejado há tempos. Vamos participar da feira. Não há nada de ilegal nisso.

Capítulo XIX

— Elas não roubaram seu carro, Teddy. Elvi me garantiu que não faria nada de ilegal. — Karen tentava acalmar o policial.

Poucos minutos antes, D.J. havia subido para ver se Mabel estava bem e, ao retornar, contara aos outros que tanto ela quanto Elvi haviam sumido.

Pouco depois, Victor e Harper já estavam com os carros ligados, esperando que os outros entrassem para seguir direto para o parque onde acontecia a feira de final de verão.

Ao estacionarem, encontraram Karen descendo de seu carro, estacionado ao lado da viatura de polícia.

— O plano inicial era que fôssemos todas em um carro só. Mas precisávamos transportar as tortas — Karen continuou a explicação.

— Assim, optaram por roubar meu carro.

— Não foi bem assim, Teddy. Nenhuma delas jamais cometeu algum crime. Tenho certeza de que fizeram um empréstimo apenas — sustentou Mike, passando o braço sobre os ombros da esposa.

Ao perceber que Teddy iria iniciar outra contenda, Victor intercedeu:

— Onde elas estão?

— Mabel deveria estar na barraca das tortas, mas Elvi estava com muito movimento na dela. Assim, fiquei eu a responsável pela venda dos doces — informou Karen.

— Mabel deveria estar na cama — comentou D.J.

— É a "Barraca da Mordida", fica...

Victor não ouviu as instruções, pois já tinha saído correndo no meio de toda a multidão, seguido pelos outros imortais.

— Agora que conhece nossas leis, duvido que as esteja, quebrando — comentou Harper, arfante. — Você preveniu Mabel, não foi, D.J.?

— Claro que sim.

— À barraca de Elvi fica à direita. Logo ali — apontou Teddy, juntando-se a eles.

Victor estava tão concentrado em não perder o policial de vista em meio a tanta gente que se surpreendeu quando Edward caiu na gargalhada.

De onde estavam, não era possível ver as duas. Havia filas de pessoas esperando. No entanto, a placa com o nome da barraca havia sido rabiscada. No lugar da palavra "mordida", riscada com *spray* preto, estava escrito "beijo".

— Bem, ao menos não precisamos nos preocupar que elas vão ser decepidas por isso — contemporizou Edward.

— Duvido — blasfemou Victor, abrindo caminho entre o povo, ignorando as reclamações.

Com uma prancheta na mão, Mabel anotava as respostas do primeiro da fila em uma espécie de questionário. D.J. respirou aliviado, enquanto Victor continuava a procurar por Elvi.

Logo a encontrou tirando uma agulha do braço de um rapaz. Em seguida ela o presenteou com um *cookie*, um copo de suco e um beijo rápido nos lábios.

Com o sangue subindo-lhe à cabeça, Victor seguiu para impedi-la de continuar quando Mabel bloqueou seu caminho.

— Lamento, Victor, mas você não está qualificado para doar sangue. Sem doação,

não há beijo. Por favor, nos dê licença que temos muito trabalho.

— Mabel! — exclamou D.J., puxando-a pelo braço, mas não tão furioso quanto o amigo.

— Pronto... — disse Elvi, ao remover a agulha da veia do segundo da fila e colocando um pequeno *band-aid*.

Ao seguir para o próximo da fila, esbarrou em Victor.

— Oh! O que está fazendo aqui?

— Eu é que pergunto: o que *você* está fazendo aqui? — questionou ele, empurrando-a para um canto da barraca.

— Estou trabalhando — respondeu ela, olhando em volta para se certificar de que não estavam chamando muita atenção. — Teddy está por aqui? Ele sabe que eu...

— ...roubou o carro dele? Claro que sim, e está furioso.

— Peguei emprestado, apenas.

— Discordamos, minha cara. Ele não está nada feliz, e eu muito menos.

— Bem, isso não faz muita diferença, não é mesmo? Uma vez que hoje cedo *você* também não estava feliz. E pelo jeito como está gritando comigo agora, chego à conclusão de que me acha uma desmiolada.

— Nada disso — Victor negou, arrependendo-se por tê-la tratado mal.

De repente percebeu que habilmente Elvi havia invertido os papéis, eximindo-se da culpa de estar ali.

— Ellien Stone! — bradou Teddy, interrompendo-os e tirando as algemas do bolso. — *Você* está presa por furto de automóvel.

— Por que cisma em me chamar pelo meu nome verdadeiro quando está bravo? — reagiu Elvi sabiamente, não dando bola às algemas. — Trate de guardar isso aí. *Você* não pode me prender.

— Posso e vou;

— Se for assim, vou acusá-lo por conspiração de seqüestro — contra-argumentou ela. Teddy ficou em choque. — Não adianta negar. Ouvi tudo do quarto de Mabel.

E fazendo uma careta como se o estivesse imitando, ela continuou:

— *Basta dizermos a ela que, se nos desobedecer, trancaremos as duas no porão. Não é seqüestro manter uma pessoa contra sua vontade em cárcere privado?*

— Mas nem chegamos a trancá-las...

— E eu também não roubei carro algum. Peguei emprestado. A propósito, aqui estão suas chaves. Obrigada. Seu carro está...

— Não é possível que *você* tenha deixado as chaves no contato! — esbravejou Victor.

— Ora, o galpão estava pegando fogo. Tive tempo apenas de abrir a porta e sair correndo — admitiu Teddy, muito sem-graça. — Na verdade, nem tinha notado que não estava com as chaves.

— Imagino que a ocorrência policial vai ter um relato muito interessante — comentou Mabel, chamando a atenção de todos para ela e D.J.

Victor invejou a rapidez com que o amigo fez as pazes com a companheira. Ele

próprio almejava a mesma coisa com Elvi. Mas gritar e esbravejar certamente não era o caminho mais apropriado. Respirando fundo, tentou o arrazoamento final.

— Elvi — disse ele com toda a calma possível —, D.J. pode ajudar Mabel com as vendas. Por favor, venha para casa comigo.

A tática quase surtiu efeito, uma vez que ela relaxou os ombros. Contudo, no instante seguinte, desculpou-se:

— Não posso. As pessoas esperam que eu fique aqui. Victor suspirou, alterando a voz novamente.

— Desde que cheguei aqui, a única coisa que ouço é onde, quando e como a sociedade local a espera. Não creio que fará diferença alguma se apenas uma vez você sair mais cedo.

— Considere que dessa vez pode ser minha vida que está em jogo — respondeu ela, começando a se irritar também. — Para o caso de ainda não ter notado, estamos recebendo doações de sangue.

— Ah, e claro que ninguém iria negar alguma coisa para a mascote da cidade.

Victor mal tinha acabado de falar e já se arrependia, de novo. Curiosamente, o olhar dela seguiu direto para Edward.

— Mascote? — indagou ela, baixinho. Victor contraiu os lábios antes de observar:

— Lamento, mas é o que parece. A cidade paga com sangue para você aparecer a shows e feiras como se fosse um animalzinho treinado.

Elvi empalideceu e, mais uma vez, ele se culpou por não ter pensado duas vezes antes de abrir a boca. Não que não achasse que era verdade, mas poderia ter escolhido uma hora mais apropriada, e a sós, para dizer aquilo a ela.

As evidências de que ela não gostava daquela rotina eram várias. A começar por detestar ser chamada de Elvi, aceitava apenas para não magoar ninguém. Ela também já havia admitido odiar os vestidos pretos que era obrigada a usar no restaurantes e nos eventos. Aliás, naquele dia, até Mabel vestia um igual.

Embora o evento de a "Mordida de Aniversário" fosse para ela um enfado, Elvi mantinha o ritual para não ferir suscetibilidades. A coroação da servidão havia sido preparar centenas de tortas em dois dias para aquela feira.

Victor desconfiava que o grande medo dela fosse que a cidade parasse de lhe prover alimento, caso abdicasse das aparições em público.

Mesmo assim, tendo toda a razão do mundo, ele sabia que deveria ter sido mais diplomático com a escolha de palavras. O desaponto e a mágoa estavam evidentes em seu rosto.

— É muito bom saber qual é a sua verdadeira opinião sobre mim — dardejou ela.

— Não é isso. — Em vão, ele tentou segurar-lhe a mão.

— Você foi bem claro. O fato de não conseguir ler minha mente pode deixar a impressão, de que sou seu grande amor. Pois eu acho que não. Você não tem a menor consideração comigo. Aliás, acha que sou tão tola que preciso de um mentor. Bem, saiba que não sou mascote de ninguém, muito menos sua. Agora, se me der licença, tenho mais o que fazer.

Elvi virou-se e voltou a cuidar das pessoas que a aguardavam, deixando Victor totalmente sem ação, e pior, achando-se muito estúpido por não ter sido capaz de reagir e

consertar o erro que havia cometido.

— Não acredito no que acabo de ver — Mabel acusou. — Você não é o parceiro de eternidade dela? Faça alguma coisa.

— Mabel — DJ. murmurou, puxando-a com firmeza pelo braço e olhando para Victor com o canto do olho.

— Para sua informação, a razão dessa barraca é você — Mabel continuou.

— O quê? — indagou Victor, surpreso.

— É isso mesmo — contemporizou Teddy, já não mais indignado com Elvi. — Tivemos a idéia de fazer essa barraca para conseguir mais doadores por sua causa, de Elvi e dos outros.

Quando todos começaram a protestar ao mesmo tempo, o oficial levantou a mão pedindo silêncio para continuar com a explicação:

— Fizemos uma provisão para alimentá-los por uma semana. No entanto, o aumento de consumo afetará a provisão de Elvi por um bom tempo.

— Erramos nos cálculos — continuou Mabel. — Não imaginávamos que vocês ingerissem mais sangue do que ela. Tínhamos de dar um jeito de repor o estoque para que ela não sofresse por causa da visita de vocês.

— Quando percebemos que iríamos ficar sem provisão, usamos a desculpa da feira para conseguir mais sangue. Claro que não dissemos nada a Elvi, que tomou o evento como mais uma de suas obrigações sociais.

— Exatamente — interrompeu Mabel. — Em vez de criticá-la, vocês deveriam ser mais compreensivos e procurar entendê-la melhor.

Girando sobre os calcanhares, Mabel seguiu ao encontro da amiga.

— Ah, e tem mais, Elvi não é mascote de ninguém — finalizou Teddy. — Ela é muito querida por aqui. E ninguém a treinou para fazer aparições públicas.

Victor hesitou, mas resolveu perguntar para dirimir a dúvida de uma vez por todas:

— Você já se deu ao trabalho de perguntar a ela se é mesmo de sua vontade participar desses eventos?

— Ora, mas por que não? — Teddy devolveu a pergunta.

— Seu lado profissional fala mais alto, não é? Para você, está tudo bem contanto que não haja confusão de espécie alguma. E o dela é manter o restaurante e a pousada, fazendo aparições como a vampira da cidade. Quando será que ela relaxa ou faz atividades que são de sua vontade?

— Ela poderia dizer que não quer aparecer. Nunca a forçamos a fazer nada.

— E como ela poderia se recusar? — retrucou Victor. — A maioria dos imortais adquire sangue no Banco de Sangue Argeneau. Os doadores são anônimos. Não têm rosto ou nome. Por não os conhecermos, podemos consumir sem culpa nenhuma.

— Por sua vez, Elvi vive e circula entre seus doadores. Todos os mortais desta cidade já doaram sangue para ela ao menos uma vez. Não estou subestimando a generosidade de vocês, mas perceba a posição desfavorável em que ela fica. Como ela pode negar a participação ou uma ajuda àqueles que são responsáveis por sua sobrevivência? — D.J. questionou, seguindo a linha de raciocínio de Victor.

— A vida dela teria sido muito mais fácil nestes cinco anos se pudesse pedir sangue para o banco como todos nós.

— Nós não fazíamos idéia de que existisse algo desse gênero — defendeu-se Teddy. — Puxa vida, ela não precisa se sentir culpada de nada. Fomos nós que insistimos para que ela viajasse para o México. Se não fosse por isso, ela jamais teria se transformado em uma vampira. Por que você acha que ninguém reclama de doar sangue? Somos todos culpados. Naquela semana fatídica, não havia lugar em que ela entrasse que alguém não tentasse convencê-la a ir para o México. Por isso somos culpados pela nova condição dela. Tomamos conta dos nossos vizinhos.

— Tenho certeza de que ela é muito agradecida por isso — concedeu Victor. — Eu também lhes sou muito grato. Vocês a mantiveram viva para que eu pudesse encontrá-la. No entanto, é preciso que reconheçam que, ao mesmo tempo que a salvaram, mantiveram-na presa também. Isso está errado, Teddy.

— Droga! — exclamou D.J., observando a fila dos doadores. — Por que não pedimos a Bastien um suprimento de sangue extra?

— Não podemos — negou Victor. — Bastien responde para Lucian.

Não só D.J. ficou desapontado, como os outros imortais também.

— E por que não podemos chamá-lo? — indagou Harper.

— Simplesmente porque a primeira pergunta que terei de responder será por que razão precisamos de mais sangue para uma cidade que, em tese, não tem vampiro algum. Ainda não estou preparado para responder ao inquérito — explicou Victor.

— Confesso que não estou entendendo nada — disse Teddy, lembrando-os de sua presença ali.

Victor franziu a testa, sem saber ao certo se havia chegado a hora de contar por que respondera ao anúncio de jornal. Por sorte, Edward interferiu:

— Acredito que Victor esteja se referindo à função dele como oficial do Conselho.

— É como se fosse um policial dos vampiros? — indagou Teddy, erguendo uma sobrancelha.

— Basicamente, sim — Edward concordou. — O trabalho dele é caçar imortais renegados.

— Que prenderia aqueles que mordem mortais?

Teddy direcionou a pergunta a Victor, que riu em vez de responder.

— Claro que esse caso é complicado para ele. Pois ao chegar aqui, descobriu que Elvi era sua companheira de eternidade. — Edward tomou a frente mais uma vez.

— Companheira de eternidade... Já ouvi isso centenas de vezes, mas ainda não entendi o que significa.

— O próprio nome já diz, ora — Victor atestou o óbvio. — Seria a nossa metade. A mulher ideal, aquela de quem não podemos ler a mente ou controlar. Seremos o ponto de equilíbrio um do outro.

— E a mulher que preencherá o vazio da nossa eterna existência — acrescentou Harper.

— É isso que Elvi significa para você? — Teddy questionou Victor.

Victor franziu a testa e olhou para os demais antes de admitir:

— Tudo indica que ela é assim para todos nós.

— D.J. me falou algo do gênero noutro dia — comentou Teddy. — Quer dizer que,

em vez de um, Elvi tem um harém?

— Não — enfatizou Edward. — É raro quando acontece de dois imortais não poderem ler uma mulher. Acho que não é o caso aqui. Eu, pelo menos, consigo enxergar os pensamentos dela.

— Então o que diabos ainda está fazendo aqui? — Victor perguntou. — Por que não partiu assim que soube que não era o companheiro dela?

— Ah, fomos convidados para passar uma semana de graça, não fomos? Além disso, eu queria ver o final dessa história. Aliás, acho até que dá um bom enredo de filme: Oficial do Conselho é enviado para prender uma renegada, mas ao contrário do que espera, acaba encontrando o amor de sua vida.

Victor ficou sem saber o que dizer, e só restou-lhe rir.

— Bem, um a menos... — comentou D.J. com sua peculiar irreverência.

— Dois a menos — interrompeu Alessandro. — Eu também consigo ler a *bella* Elvi.

— Já sei. E não foi embora para não perder a semana de hospedagem de graça — comentou D.J.

— Entre outras coisas, sim.,

— Bem, Harper, só sobrou você — interveio Teddy.

— Eu nem tentei ler a mente dela.

— Como não? — perguntou Victor.

— Nem me preocupei com o assunto depois que não consegui decifrar Jenny Harper — contou o alemão, com um brilho diferente no olhar.

— Jenny? Aquela que trabalha no correio? — indagou Teddy.

— Exatamente. Na noite em que chegamos, lembra-se que pedi uma cadeira emprestada da mesa dela?

Quando todos concordaram com a cabeça, ele continuou.

— Começamos a conversar sobre a coincidência de o sobrenome dela ser igual ao meu nome, daí...

— Mas você estava cortejando Elvi — protestou Victor.

— Não foi bem assim. Estou hospedado na casa dela a convite de Mabel. Achei que seria indelicado se não passasse a semana toda lá. Além do mais, era uma boa oportunidade para Jenny se acostumar comigo antes de eu dizer a ela sobre passar o resto de sua vida a meu lado. Sem contar que você precisava de ajuda para descobrir quem estaria atentando contra a vida de Elvi.

— O que nos lembra que ainda temos de lidar com isso — observou Edward. — Além do fato que temos de ajudá-lo a reconquistar Elvi e testemunhar perante o Conselho em favor de vocês. Para um vampiro de dois mil anos a experiência no trato com as mulheres, deixa bastante a desejar. Não esperava que lhe faltasse tanto refinamento.

— O que pretende fazer a respeito desse Conselho? — Teddy perguntou, evitando assim que Victor reagisse ao comentário de Edward.

— Não faço a menor idéia — disse ele, suspirando. — Venho pensando a respeito há dias, mas acabo sempre me distraindo e... — Victor interrompeu-se para não precisar declarar sua atração a Elvi perante todos. Todo imortal sabia o quanto se fica vulnerável e bobo quando se estava perto de sua companheira.

— Antes de qualquer coisa, do que ela seria acusada? — Teddy quis saber.

— Viemos até aqui por causa do anúncio nos jornais e por causa dos rumores que circulavam em Toronto — explicou Victor, encarando Teddy.

— Não venha me culpar. Se não fosse pelo anúncio, você jamais a teria conhecido. Esse tal Conselho não pode culpá-la de nada...

— Ele tem razão, Victor — intercedeu Harper. — Ninguém pode puni-la por algo que ela não sabia ser proibido.

— Mas podem culpá-la por viver com discrição. Ela é uma celebridade, mesmo que seja em uma cidade pequena — disse Victor.

— Vamos achar um jeito. Victor é inteligente e poderoso, além de ser irmão do presidente do Conselho — assegurou D. J. Como todos se mostraram aliviados com a afirmação de D.J., Victor achou por bem não contrariá-lo. Entretanto, sabia que mesmo sendo seu irmão, não haveria qualquer compaixão no julgamento. A fama de Lucian Argeneau era de ser o vampiro mais sangue frio que jamais existira. Se agisse por instinto, Victor levaria Elvi para longe de tudo, talvez se mudassem para a Europa, onde o Conselho não tinha jurisdição.

— Então, é por isso que Victor não quis pedir sangue para nosso banco. Precisamos manter o Conselho afastado daqui até resolvermos a questão — concluiu DJ.

— Entendi — disser Harper. — Isso quer dizer que somos forçados a contar com a boa vontade dessas pessoas para nos sustentar.

— Além de Elvi e Mabel — ponderou Edward. — A não ser que desçamos do pódio de superiores e nos ponhamos a ajudá-las.

— Isso mesmo. Não vou deixar que nenhuma mulher venda seus beijos para me sustentar. Se for o caso, eu mesmo assumo a função — disse Alessandro.

— Conte comigo também — concordou Harper.

— Bem, em que podemos ser úteis? — Victor perguntou a Teddy.

— Vamos procurar por Karen e Mike. Eles fazem parte do comitê de organização.

Capítulo XX

— Teddy acabou de me dizer que está tomando conta da barraca de tortas — informou Mabel, segurando um algodão no braço do último doador.

— Essa não era a tarefa de Karen? — perguntou Elvi.

— Pois é, mas Teddy disse que a viu discutindo com Mike no estacionamento. Então, ele e os rapazes assumiram as vendas e estão oferecendo beijos às mulheres que doarem sangue.

Elvi ficou boquiaberta.

O fato então explicava por que havia mais mulheres do que o normal na barraca de

tortas.

— E quem está beijando? — questionou Elvi, aplicando um *band-aid* no braço de John Dorsey, beijando-o rapidamente em seguida.

— Essa foi a minha primeira pergunta também — respondeu Mabel, rindo. — Pelo que entendi, Victor e D.J. estão cuidando da parte de venda. Os beijoqueiros são Edward, Harper e Alessandro. Pasmem, eles foram voluntários. Parece que eles também descobriram coisas inesperadas nessa viagem.

— O que mais você andou descobrindo?

— São apenas fofocas, nada de tão sério assim.

— Fale logo, não me deixe curiosa.

— Você reparou como Edward sempre foi o primeiro a se oferecer para ir até o supermercado para você?

— É verdade... — Elvi lembrou que ele levava horas para ir e voltar, o que ela atribuíra ao fato de ele dirigir muito devagar.

— Dizem que cada vez que ele ia até lá, prendia Dawn por horas conversando e rindo.

— Edward rindo? — ela perguntou, sem dar crédito nenhum à fofoca.

— Por isso mesmo, acho que ele está interessado nela. Quem sabe não encontrou sua parceira de eternidade?

— Dawn? Acho que não...

— E Alessandro?

— Não me diga que ele também anda batendo as asinhas por aí.

— Louise disse que já o viu várias manhãs conversando com a sra. Ricci na varanda dela.

— De manhã? Enquanto todos dormiam? — Elvi indagou, considerando que Alessandro era sempre o último a acordar.

— Aparentemente ele fica lá até o meio-dia, conversando e ajudando-a a desembaraçar os romances. Segundo Louise, hoje de manhã ele entrou na casa dela e ficou horas lá dentro.

— Mas a sra. Ricci tem oitenta anos! — exclamou Elvi.

— E daí? Minha idade não impediu D.J. de se aproximar de mim.

— E quanto a Harper?

— Mike disse que quando os levaram para passear, Harper se encantou com Jenny. Passaram a noite inteira conversando.

— Ou seja, não preciso me preocupar em dizer a eles que não estou interessada em nenhum — concluiu Elvi, para depois baixar a cabeça. — Só preciso me preocupar com o que farei com Victor.

— Querida, não seja tão dura com ele. Duvido que ele a considere uma tola, ou bichinho de estimação. Nesses dias em que passamos juntos, ele a entendeu muito melhor do que qualquer um de seus amigos de tantos anos, inclusive eu. Lamento que tenha se sentido culpada nestes cinco anos. Desculpe se não percebi o quanto estava infeliz.

— Ah, Mabel, não se preocupe com isso.

— Agora que sou uma imortal também, vejo as coisas de maneira diferente. A começar por esses vestidos horrorosos e desconfortáveis... Ah, meu Deus, D.J. fez a barba e cortou o cabelo!

Elvi seguiu a direção do olhar de Mabel e viu quando Victor e D.J. se aproximavam. Concluíram que ambos haviam visitado a barraca de Irene, que estava fazendo cortes de cabelo em troca de donativos para as crianças carentes.

— Gostei da barba feita, mas preferia D.J. de cabelo mais comprido — comentou Mabel.

— Eu também — concordou Elvi, mas avaliando o corte de Victor.

Mabel desviou-lhe a atenção ao tocá-la no braço.

— Escute, Elv... Ellie, ouça o que ele tem a dizer, está bem? Por tudo que testemunhei e pelo que D.J. disse, acho que Victor a ama de verdade.

— Não. Ele me acha uma idiota.

— Não seja ridícula. Qualquer um que tenha o mínimo de inteligência sabe que você não é nada disso. Deixe-o se explicar, por favor.

— Não foi você mesma que chamou a atenção dele agora há pouco?

— Tem razão, mas pensei melhor e vi que ele não deixa de ter razão. Embora não fosse essa a nossa intenção, estávamos mesmo tratando-a como uma mascote. Além do mais... não há mais tempo para conversa, eles estão chegando. Vou assumir a barraca enquanto vocês dois conversam.

Elvi viu a amiga se afastar e D.J. alcançá-la em seguida. Quando virou a cabeça, Victor estava à sua frente.

— Não acho que você seja idiota — disse ele de supetão. — Tenho o maior respeito e admiração pela sua inteligência. Acho que você é linda, charmosa, sexy, graciosa e sexy... Ah, já disse isso.

Concluindo que se saía melhor agindo do que se explicando, Victor puxou-a pelos ombros e beijou-a na boca com paixão.

Elvi estava quase sem fôlego quando ele a soltou.

— Eu te amo, Ellen Stone.

Suspirando, ela o abraçou, não sem antes sussurrar-lhe ao ouvido:

— Não sou idiota.

— Sei disso — assegurou ele, passando as mãos pelas costas dela.

— E também não me coloco em perigo deliberadamente.

— Você é impulsiva demais.

— Quem disse?

— Basta pensar nas emergências do *cheesecake* e da cama.

— Plenamente justificáveis. Eu não comia fazia cinco anos e estava dormindo em um caixão.

— Tem razão — consentiu ele, fazendo com que ela voltasse a apoiar a cabeça em seu peito. — Quase morri de susto quando percebi que estava presa naquele galpão em chamas. Foi por isso que gritei com você. Desculpe-me, Elvi... Ellie... Ellen. Afinal,

como devo chamá-la?

Elvi não respondeu, mas seus ombros sacudiam levemente.

— Você está chorando ou rindo?

— Rindo.

— E isso é uma coisa boa ou ruim? — indagou ele, pousando um beijo na testa dela.

Sorrindo, Elvi se afastou e erguendo-se na ponta dos pés, beijou-o rapidamente nos lábios e sussurrou:

— É ótimo.

— Você me ama?

— Abaixem-se, Victor! — gritou D.J., pulando sobre os dois.

Os três caíram ao chão.

— Caramba, D.J. — reclamou Victor. — Que diabos...

Curiosa pelo súbito silêncio, Elvi levantou a cabeça e viu uma flecha cravada no madeiramento da barraca, exatamente onde eles estavam segundos antes.

— Foi Mike Knight — contou D.J., recuperando o fôlego e sentando-se.

— Tem certeza?

D.J. confirmou com a cabeça.

— Não pode ser. Ele e Karen são meus vizinhos há dezesseis anos. Eu vi o filho deles crescer — argumentou Elvi.

Ao tentar se levantar, mal teve tempo de olhar por cima do balcão da barraca, quando Victor a puxou para baixo de novo.

— É verdade. Foi Mike — admitiu ela, chocada.

Mike Knight estava a poucos metros dali. Com as pernas abertas, em posição de disparo, ele estava armando o arco novamente.

— Isso não faz sentido. Eu li os pensamentos dele e sei que não foi ele o culpado pelo incêndio — disse Victor.

Elvi não comentou nada. Estava confusa demais para aceitar que seu vizinho, amigo de tantos, pudesse desejar sua morte. Pensando nisso, lembrou-se de Mabel e procurou-a com o olhar. Todos que estavam na barraca se abaixaram também, e a amiga engatinhava em direção a eles.

— O que vamos fazer? — perguntou Mabel.

— Esconder-nos — respondeu Elvi.

— Vamos pensar em alguma estratégia — disse D.J., virando-se para Victor. — Alguma idéia?

— Podemos pular de cima do balcão, um de cada lado, e pegá-lo desprevenido.

— Isso não é um plano, mas sim loucura! — exclamou Elvi.

— Elvi? — A voz de Mike soou um tanto receosa. — Fique em pé. Não vai doer e só levará um minuto.

— Será que ele está falando a sério? — indagou ela, encarando Mabel.

— Ele está louco.

Ignorando as duas, Victor ficou em pé.

— Victor, abaixe-se!

— O que houve, Mike? Por que quer matar Elvi?

— Esse é um assunto só nosso. Com licença, Victor.

— Lamento, mas tudo o que a envolve é assunto meu também.

Embora titubeante, Elvi ergueu-se, postando-se ao lado de Victor, que, ao vê-la, colocou-se na frente como um escudo protetor. Não demorou para que D.J. e Mabel fizessem o mesmo, formando um círculo ao redor de Elvi.

Karen estava ao lado do marido, que agora mantinha o arco em posição de tiro.

— Foi Karen que ateou fogo ao galpão? — A pergunta de Victor rompeu o pesado silêncio.

Mike deu uma tossidela e encarou a esposa antes de admitir:

— Sim, ela agiu por conta própria porque sabia que eu não aprovaria. O fogo poderia ter se espalhado, atingindo nossa casa também. Ela me contou no momento em que chegamos aqui na feira.

— E quanto à outra flecha no prédio vizinho à loja de móveis? Foi você ou ela quem atirou?

— Fui eu — confessou Mike. — Mas aquilo foi um acidente. Eu estava praticando, quando Bob, o proprietário do clube, me chamou para atender um telefonema de Karen. Lamento. Vi vocês depois, passando em frente à janela. Cheguei a sair para ver se não os tinha ferido, mas não encontrei mais ninguém. Foi daí que Karen tirou a ideia de que seria uma boa maneira de matá-la. Ela imaginou que uma flecha faria o mesmo efeito de um cravo de madeira.

— Você fez uma nova tentativa quando estávamos no jardim de inverno.

— Uma tentativa fracassada. Tive certeza de tê-la acertado, embora não no coração, Isso não acontecerá na curta distância em que estamos — disse ele, encarando os olhos de Elvi por entre o braço de Victor. — Prometo que será bem rápido.

— Michael Knight, você ficou louco? — gritou Mabel, interrompendo-os. — Qual a importância de ser rápido ou devagar? Ela não quer morrer.

— Mas foi você mesma que disse a Karen que ela era infeliz sendo uma vampira e que desejava ter morrido naquele acidente.

— Isso foi há quatro anos. Ela está feliz agora — contrapôs Mabel, e cutucando Elvi, pediu: — Vamos, diga a ele.

— Ela tem razão, Mike. Não quero morrer.

Corada até a raiz dos cabelos, Karen puxou o braço do marido e sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido.

— Sinto muito, Elvi. Nós a amamos, mas nosso filho...

— O que houve com Owen? — Elvi perguntou e ficou na -ponta dos pés para ter uma melhor visão do casal. — O que ele tem a ver com tudo isso?

Elvi parecia sincera, o que irritou Karen ainda mais.

— Você sabe muito bem o que ele tem a ver com isso, sua vampira!

— Na verdade, não faço a menor idéia.

— Você o mordeu!

A expressão de Elvi diante do veneno daquelas palavras foi de total incompreensão.

— Foi você mesma que o levou ao restaurante.

— Era aniversário dele, e ele quis ir. Mas em momento algum estive de acordo. — Karen olhou para o marido. — Bem que eu lhe disse que foi nosso erro também. Se eu tivesse sido mais firme, não teríamos um filho vampiro...

— Um filho vampiro? — indagou Elvi, estupefata.

— Vamos colocar ordem aqui — interveio Teddy, colocando-se no meio do conflito.

Alguém certamente o havia chamado quando começara a confusão. Edward, Harper, e Alessandro abriram caminho em meio ao grupo de pessoas, que observavam de longe, para reforçar o cerco em torno do casal agressor.

— Tenho certeza de que Elvi não teve intenção alguma de transformar Owen — ponderou Teddy. — Ela vem mordendo os meninos desta cidade há cinco anos e nunca aconteceu nada de errado. Como ela saberia que dessa vez ocorreria um acidente como esse?

— Não estou interessada em saber se foi um acidente ou não. Quero meu filho de volta! — Karen gritou. — Mike, faça alguma coisa!

Quando Mike pareceu titubear, ela estreitou o olhar e continuou a repreendê-lo:

— Não me diga que está feliz em ter um filho vampiro!

— Veja o que a transformação fez com Elvi. E ela precisa de um marido. Antes alguém local...

— Não é possível! Ela tem a idade de minha mãe! — interrompeu Karen.

Mike relanceou o olhar para Elvi, que, na ponta dos pés, olhava por cima dos ombros de seus protetores.

— Pois ela me parece bem jovem. Owen também jamais envelheceria. Pense, Karen, nunca mais nos preocuparíamos se ele ficasse doente ou se machucasse.

— Michael Knight, se você não matar essa mulher agora para que nosso filho volte a ser o que era, vai ter de brigar comigo em um divórcio litigioso e...

— Está certo — concordou ele e, virando-se para os outros, se desculpou: — Sinto muito. Tentei convencê-la, mas como já devem saber, uma mãe perde a razão quando se trata de seu filho.

— Bem, Mike, como a morte de Elvi solucionaria o caso? — questionou Teddy.

— Ora, Deus do céu, Teddy! Você não sabe de nada, não é mesmo? — exasperou-se Karen. Em um gesto intempestivo, tomou a arma do marido e estreitou a distância que a separava da barraca de Elvi. — O único jeito de trazer Owen de volta é matar a vampira que o transformou. Por isso temos de tomar essa medida drástica, mesmo que seja contra a nossa vontade.

— Você prefere que seu marido seja preso como um criminoso a ter um filho vampiro? — indagou Mabel.

— Preso? — Mike repetiu, como se nem tivesse cogitado o assunto.

— Você não será preso — assegurou Karen. — Não pode ser preso pelo

assassinato de uma pessoa que já está morta. Vamos terminar logo com isso. Sinto muito, Elvi.

Mike pegou o arco de volta e, depois de um longo suspiro, pediu:

— Gostaria que você saísse da frente, Victor. Mas se for preciso, atiro em você para chegar até ela.

Cansada de tanta discussão inútil e pronta para dizer a verdade e acabar logo com aquela encenação ridícula, Elvi se colocou na frente de todos.

— Eu não mordi Owen!

— Droga, Elvi! — Teddy blasfemou ao afastar Karen e novamente se colocar na linha de tiro. — Todos sabem que você o mordeu. Afinal era aniversário dele.

— Por acaso alguém me viu mordê-lo?

— Não, mas vimos que você o levou para o escritório e ele voltou para a mesa com a marca da mordida — contrapôs Karen.

— O que vocês viram foi um *band-aid* no pescoço dele — defendeu-se Elvi, balançando a cabeça com veemência. — Coloquei o curativo apenas para parecer que o havia mordido, assim os amigos não o amolariam. A verdade é que ele não quis ser mordido.

— Mentir não vai ajudar em nada — sentenciou Mike. — Não é justo que acuse meu filho de covarde para salvar sua pele.

— Ele não foi o único. Todos os seus amigos fizeram o mesmo — contou Elvi, girando os olhos em sinal de impaciência.

Quando Mike baixou o arco, Karen segurou-lhe o braço.

— Então por que Owen está sofrendo a transformação?

— Isso não é possível — assegurou Elvi.

— Ele dorme o dia inteiro, não come nada...

— Ora, um típico adolescente — Elvi a interrompeu. — Já fui mãe também, Karen. Acredite que dormir até tarde e não comer direito não é atributo só dele.

— E como você explicaria as presas? — Karen questionou.

Elvi respirou fundo. Não havia como Owen ter sofrido a transformação se ela não o tinha mordido. Além disso, segundo Victor, não bastava somente uma mordida para transformar um mortal, e sim o compartilhamento de sangue. E ela sabia que não tinha feito nada disso com ninguém da cidade.

— Bem, pode acreditar no que estou dizendo — finalizou Karen com ar triunfante. E ao vislumbrar o filho ao longe, começou a gritar: — Owen! Venha até aqui mostrar suas presas para Elvi.

Os olhares de todos se focaram no garoto que, receoso, escondeu-se atrás do sr. Albrecht, o diretor da escola.

— Owen Knight, venha até aqui, por favor — pediu Elvi. Owen se inclinou para o lado, meneando a cabeça.

— Não me faça pedir a Victor que o busque.

A ameaça surtiu o efeito que ela esperava, pois não demorou muito para que o garoto saísse de trás do sr. Albrecht e começasse a andar cabisbaixo no meio da multidão em direção à barraca.

— Ainda bem que não precisei assustá-lo mais do que já está — Victor comentou baixinho.

— Lamento tê-lo usado, mas você é mais assustador que eu.

— Não sinta. Já estou prevendo o que nossos filhos vão ouvir: *Espere seu pai chegar em casa...* — comentou ele, rindo:

— Filhos? Por acaso está me pedindo em casamento? — Elvi o encarou, espantada.

Mas, em vez de responder, Victor limitou-se a dizer:

— Vamos ver o que Owen tem a dizer.

Procurando deixar de lado o que acabara de ouvir, Elvi encarou o menino e viu como ele estava pálido. Em parte por causa do pânico natural, mas havia uma parte do rosto que estava mais escura, acusando uma maquiagem malfeita.

Saindo da barraca, ela se aproximou do garoto e passou o dedo em seu rosto. Depois mostrou a todos o dedo pintado de branco.

— Adolescentes... — comentou Victor, dando risada.

— Muito bem, Owen, deixe-me ver suas presas — ordenou Elvi, ríspida.

A pouca hesitação que ainda restava no garoto em revelar uma farsa sumiu quando ele olhou para Victor.

Quando o garoto abriu a boca, Elvi convocou os outros:

— Edward. Harper. Alessandro... venham até aqui.

Os três imortais se entreolharam, renderam-se da posição de guarda e se aproximaram.

— O que é isso? — Edward perguntou ao se colocar frente a Elvi.

— Muito bem. Qual de vocês transformou este garoto?

— Foi você, Elvi. Não transfira sua culpa. Você o mordeu — Mike voltou a acusá-la.

— Não é só com uma mordida que se transforma alguém. É preciso...

Nesse instante, Victor a puxou para trás, escondendo-a atrás de Mabel e D.J.

— É melhor não fazer uma revelação dessas em público.

— Está certo, mas antes preciso saber qual deles transformou Owen — protestou ela.

— Minha querida, Ellen — Edward disse, tomando a frente dos outros. — Você bem sabe que só podemos transformar uma pessoa durante nossa existência. O que a faz crer que perderíamos nossa única chance com esse garoto?

Elvi franziu o cenho, reconhecendo o argumento como válido. Claro que eles escolheriam transformar o amor de suas vidas, se fosse preciso. Mesmo assim, as evidências estavam ali.

— Bem, então como explicar o que está acontecendo aqui?

— Ellen, você olhou bem para os caninos dele? — indagou Victor.

— Claro que sim. Por isso a minha dúvida.

— Aposto que esses caninos foram comprados em alguma loja de fantasias. Você

já observou os seus dentes?

— Algumas vezes, mas só olhei de relance quando compramos os espelhos.

Decidindo que a melhor maneira de provar era mostrar os caninos de Owen a todos, Victor o alcançou. O medo fez com que o garoto gritasse. Aproveitando a oportunidade, Victor enfiou-lhe a mão na boca e puxou o canino.

— Ai...! Coloquei muita cola... — disse Owen.

— Cola? Seu tonto! — praguejou Victor, levantando o dente falso para que todos vissem.

— O que é isso? — Mike largou o arco e ao lado de Karen correram até o filho.

— Owen Knight! — Karen ralhou. — Como pode fazer uma coisa tão estúpida? Seu pai quase matou Elvi por causa dessa brincadeira!

— Mas eu não sabia que iriam matá-la. Bev acha que deve ser legal ser um vampiro, então pensei que... — justificou-se Owen, correndo para se esconder atrás dos outros imortais para fugir da ira da mãe.

— Bev... — murmurou Victor. — Eu sabia que havia uma garota por trás disso tudo. Os mortais são capazes das coisas mais estúpidas quando querem impressionar uma mulher.

— Como cortar o cabelo, por exemplo? — perguntou Elvi, disfarçando o riso.

— Sim, coisas desse tipo.

Balançando a cabeça, ela se distanciou em direção a Owen e seus pais.

— Que bom que tudo acabou bem, sem nenhum ferido.

— O quê? — Teddy perguntou, bravo. — Você foi alvejada três vezes.

— Ela sabe que não queríamos fazer mal algum — assegurou Mike. — Gostamos muito de Elvi. Eu estava sofrendo demais por ter de matar uma de nossas melhores amigas para salvar meu filho.

Se não fosse a gargalhada sonora de Edward, Victor teria esmurrado Mike. Assustando-se com o ato inesperado, ele virou toda sua fúria para o amigo:

— Posso saber qual é motivo da graça?

— A sua situação. Eu não queria estar na sua pele para julgar os valores dessa gente. Você tem muito trabalho pela frente.

— Desculpe-me por chamá-la de "vampira" — desculpou-se Karen, ignorando os dois imortais.

— Não seja boba, é o que sou mesmo.

— Verdade, mas a maneira como empreguei a palavra foi ofensiva. Entenda o nosso desespero por ver meu filho... — O silêncio era a melhor maneira de justificar o inexplicável, por isso Karen se calou.

— Não se preocupe. Vamos fazer de conta de que nada disso aconteceu, está bem? — propôs Elvi.

Em choque, Victor balançou a cabeça. Era impossível entender o raciocínio feminino, se é que havia alguma lógica.

— Bem, então voltamos ao que era antes — comentou Mabel.

O mistério do atentado contra a vida de Elvi estava, resolvido, mas Victor bem

sabia que ainda havia muito a enfrentar.

— Ai, ai, ai... — lastimou D.J., chamando a atenção de Victor, que ao se virar, deparou com o irmão, Lucian Argeneau, encostado a uma árvore.

Victor sentiu um arrepio de medo, mas não perdeu a calma. A chegada do irmão o pegara de surpresa, mas ao menos assim, terminaria de uma vez com todas as questões pendentes entre ele e Elvi.

Capítulo XXI

— Droga — murmurou Victor, imaginando como Lucian o encontrara. — Elvi, venha cá.

— O que houve? — perguntou ela com ar preocupado, notando-lhe pânico na voz.

— Meu irmão está aqui — disse ele por entre os dentes.

— Isso é ótimo. Quero conhecê-lo.

O que Lucian estaria fazendo ali? Por que não aguardara até a reunião do Conselho?

— Você não quer que eu o encontre? Aconteceu alguma coisa?

— Não, claro que não. Nada sério, além do fato de que seremos decepados se ele descobrir o que anda acontecendo por aqui.

— Não seja tolo — disse ela, imaginando que ele estivesse brincando. E ao olhar na direção de Lucian, comentou: — Vocês são muito parecidos.

Victor não se surpreendeu por ela saber, dentre tanta gente, quem era seu irmão.

— Quem é a moça morena que está com ele?

Só então ele notou que Lucian estava acompanhado por uma jovem esguia.

— Não faço idéia — admitiu ele.

— Como estou, Mabel? Acho que vou até em casa me trocar.

— Não há tempo. Quero que fique a meu lado — interveio Victor.

Elvi o fitou com as sobrancelhas erguidas, e ele segurou-lhe a mão, apertando-a de leve.

— Está tudo bem — assegurou ela. — Vai dar tudo certo, tenho certeza — garantiu ela, devolvendo o gesto.

Victor a encarou com condescendência. Quanta ingenuidade pensar que era ele que precisava de conforto, quando era com ela que ele estava preocupado, e ele não tinha certeza nenhuma de que tudo ficaria bem. Aquela era uma das únicas vezes em sua vida que receava tanto pelo que estava por vir. Estava totalmente desarmado para enfrentar o irmão.

— É muito sério? — Teddy perguntou a D.J.

— Muito.

— Não se preocupem. Pressinto que não irá acontecer nada — repetiu Elvi.

— Lucian é o presidente do Conselho. E Elvi quebrou no mínimo duas de nossas leis — contou Victor.

— Já sei, as mordidas e o fato de todos nós sabermos quem são vocês — concluiu Teddy.

— Ela pode receber a pena de morte por isso.

— Não enquanto eu estiver por perto. Aqui em Port Henry, eu sou a lei.

Victor olhou para cima diante da pretensão de Teddy. Seu distintivo nada representava diante do poder do presidente do Conselho dos Vampiros.

— Victor! — gritou Lucian quando viu o irmão.

— Olá — cumprimentou Victor. Estranhou o sorriso de felicidade no rosto de Lucian, ao se aproximar com os braços sobre os ombros da moça morena.

— O que é isso? Nunca o vi sorrir — D.J. sussurrou. — Quem será a moça?

Houve um segundo de constrangimento. Victor estava com a mente e o corpo paralisados.

— Você cortou o cabelo — comentou Lucian, sem tirar o sorriso do rosto, puxando o irmão para um abraço.

Muito sem-graça, Victor pousou as mãos sobre as costas do irmão, aparvalhado pelo inusitado da situação. Era a primeira vez que Lucian mostrava afeto desde que eram crianças. Se bem que soube por amigos que o irmão era simpático e carinhoso antes da queda de Atlantis e da perda da mulher, Luna, e das filhas. Era evidente que alguma coisa o ressuscitara.

Enquanto Lucian cumprimentava D.J. e os outros, Victor voltou a atenção à mulher morena que o acompanhava. Ela devia ser a razão da felicidade do irmão.

— Meu irmão... — disse Lucian, enlaçando a moça pela cintura. — Quero apresentar minha parceira de eternidade, Leigh Gerard, prestes a se tornar uma Argeneau.

— E um prazer conhecê-lo. Lucian fala muito a seu respeito — disse ela.

E como já não houvesse surpresas suficientes para Victor, a moça dispensou sua mão estendida para abraçá-lo também.

— Bem-vinda à família — murmurou ele, afastando-se em seguida para dar a mão a Elvi novamente.

— Como isso aconteceu? A última notícia que tive foi que você estava indo para o Kansas lidar com Morgan.

— A vida andou depressa demais desde a última vez em que falamos — Lucian disse com um sorriso, para em seguida acrescentar, mais sério: — Eu teria antecipado alguma coisa a você por telefone, mas creio que seu celular deve estar fora de área.

— Eu esqueci o carregador e fiquei sem bateria — Victor murmurou, receando que o irmão lesse seus pensamentos e descobrisse que estava mentindo. A verdade era que, a partir do momento em que se sentira atraído por Elvi, desligara propositalmente o aparelho. Não queria passar relatório algum, antes de encontrar uma solução que

satisfizesse a todos. Sabia que D.J. havia feito o mesmo para proteger tanto Mabel quanto Elvi.

— Humm — Lucian meneou a cabeça e olhou para D.J. — E você? Seu celular também está sem bateria?

— Não, eu trouxe o carregador — D.J. respondeu com sinceridade, antes de mentir: — Mas esqueci o aparelho.

— Certo. — Lucian estreitou o olhar.

Os três ficaram em silêncio. Victor fingiu não perceber os ligeiros apertões de Elvi em sua mão. Sabia que ela esperava ser apresentada, mas a insegurança ainda regia suas atitudes. Ainda mais quando avaliado pelos olhos críticos do irmão.

Contudo, Elvi não agüentou por muito tempo o desconforto e, dando um passo à frente, estendeu a mão a Lucian.

— Olá, sou Ellen Stone. Bem vindo a Port Henry.

— Olá, Ellen — Lucian respondeu com educação, apertando a mão dela, mas questionando Victor ao levantar ligeiramente o queixo.

— Ela é minha companheira de eternidade — Victor respondeu como se estivesse assumindo uma culpa para espanto de todos.

Elvi simplesmente riu e deu de ombros, antes de acrescentar:

— Não ligue para ele. Victor está com medo que você mande me matar. Tenho certeza de que isso não acontecerá depois de explicarmos o que de fato aconteceu. Esta é minha amiga Mabel. Ela é a companheira de D.J., e este é...

— Desculpe-me — Lucian a interrompeu. Afinal ela havia jogado uma bomba e, como se nada tivesse acontecido, seguia com as apresentações. — Por que Victor acha que vou mandar matá-la?

— Porque mordi alguns mortais e todo mundo sabe que sou uma vampira — explicou ela da maneira mais natural e displicente do mundo.

Victor grunhiu baixinho, prevendo o pior.

— Explique direito, Elvi — intercedeu Teddy, postando-se nervoso ao lado dela. — Falando assim, ele vai pensar que você é uma renegada, o que não é verdade.

— E quem é você? — indagou Lucian, erguendo uma sobrancelha.

— Sou o capitão Teddy Brunswick — apresentou-se o oficial, estendendo a mão, e Lucian aceitou o cumprimento. — Sou o representante da lei aqui na cidade. Por isso posso afirmar que Elvi jamais violou alguma lei, ainda mais aquelas das quais ela não tinha conhecimento. Eu a conheço desde criança. Ela é uma cidadã exemplar. A única vez que violou uma regra foi quando roubou meu carro esta noite. Quer dizer, não foi bem um roubo, mas um empréstimo.

Quando Victor grunhiu novamente, Mike também se antecipou para ajudar na elucidação dos fatos.

— Teddy tem razão. Não foi roubo. Além disso, Elvi não sabia que não podia morder qualquer um de nós. A história da "Mordida de Aniversário" era um ritual nosso, mas ela só mordia aqueles que assim o desejavam.

— Houve também a vez em que ela mordeu Mabel durante o processo de sua transformação. — Dessa vez foi Karen que irrompeu na conversa. — O que também não teve importância porque Mabel a mordeu de volta na mesma situação. As duas estão

quites.

— Que diabos está acontecendo aqui? Quem são esses mortais? — Lucian exigiu que Victor explicasse.

— Oh, é verdade — disse Mike, estendendo a mão. — Michael Knight, sou chefe dos bombeiros de Port Henry. E esta é minha esposa, Karen.

— Não imaginei que Mike fosse desistir de matá-la tão rapidamente, Elvi — D.J. comentou. — E também não imaginei que Teddy se disporia a defendê-la dessa maneira.

Com um longo suspiro, Victor decidiu que era hora de se pronunciar. Porém, quando estava prestes a falar, Harper o interrompeu:

— Não foi Elvi quem colocou o anúncio no jornal e também nunca freqüentou boates em Toronto. Não foi ela a causa de tanta especulação.

— Fui eu que pus o anúncio — Mabel admitiu.

— Foi Teddy o responsável pelos rumores. Ele andou freqüentando alguns bares em Toronto à procura de outros vampiros — defendeu Edward.

— *Si*, eles estavam procurando um companheiro de eternidade para Elvi — continuou Alessandro.

— Não sabíamos estar violando as leis dos vampiros. Asseguro que isso não voltará a se repetir — assegurou Teddy.

Quando Lucian encarou o irmão, este respirou fundo e passou os dedos pelos cabelos.

— Ainda há muito que explicar, Lucian. Vamos até a casa de Elvi, onde poderemos conversar em particular.

— Você não vai a lugar algum sem mim — anunciou Teddy. — Por que teima em me desprezar como representante da lei? Ninguém aqui vai ferir Elvi.

— Nós os acompanharemos — concordou Mike.

— Bem, tudo indica que também vou — disse Karen. Várias outras pessoas se aproximaram com o mesmo discurso.

— Chega! — gritou Lucian.

Victor reparou que a barreira humana que se formara para protegê-los era a mesma que o encarara na noite em que chegaram a Port Henry, quando ele avançara para cima de Elvi com uma estaca de madeira em punho.

Se Lucian percebeu os olhares ameaçadores, não deixou transparecer nada. Apenas passou o braço sobre os ombros Leigh como que para protegê-la.

— Você é Elvi Black? — perguntou ele.

— Sim. Quero dizer, meu nome verdadeiro é Ellen Stone, mas todos me chamam de Elvi Black. Black é meu sobrenome de solteira. Elvi é meu apelido.

Lucian a encarou por alguns instantes e depois meneou a cabeça e encarou um a um. Primeiro Teddy, depois Mike, a esposa e cada um dos mortais, para finalmente parar no irmão.

Victor não tentou bloquear a leitura que Lucian estava fazendo de sua mente, certo que ele já tinha feito o mesmo com Elvi e com os outros mortais. Aquela era a maneira mais eficiente de saber a verdade e provavelmente a única de desfazer a confusão ali criada.

Terminado o processo, Lucian relaxou e virou-se para Leigh.

— Acho que Bastien terá de alugar um salão maior. Vamos acrescentar vários nomes à nossa lista de convidados para o casamento.

Victor soltou a respiração com um assobio, voltando a retesar-se quando a atenção do irmão se voltou para ele.

— Só para que fique registrado, você nunca ganharia uma briga comigo. Entendo, porém, a causa por ter pensado a respeito. Elvi é quase tão especial quanto Leigh.

— Estou surpresa por não precisar depor frente ao Conselho — Elvi murmurou, apoiando a cabeça no peito de Victor, observando o carro de Lucian se afastar algumas horas mais tarde. — Esperava receber ao menos uma punição.

— Lucian representa o conselho. O que ele decide é lei — explicou Victor, rindo. — Aposto que ele imagina que viver aqui e tomar conta das pessoas de Port Henry seja um castigo.

— Será? Não pode ser — comentou Elvi, rindo e batendo no braço dele de brincadeira.

— É verdade, ele me disse.

— Eu gostei dele e de Leigh. Pena que eles não ficaram para passar uns dias. Poderiam ter ficado com o quarto que você e DJ. estavam ocupando.

— Eles também gostaram de você — garantiu Victor, abraçando-a com mais força e beijando-a na testa. — Mas há um avião aguardando-os em Toronto para levá-los até o Kansas, para que Leigh tome algumas providências antes de partirem para a Europa. Lucian está preocupado com nossa cunhada e quer checar como ela está.

— Marguerite — murmurou Elvi com um sinal de cabeça. — Leigh me disse que não conseguiram falar com ela. A filha dela acabou de ter um bebê.

— É verdade.

Falar no bebê de Lissianna o lembrou de um assunto que haviam começado quando ainda não tinham certeza de como seria o futuro juntos.

— Meu amor, sei que quer ter filhos, mas...

— Mas? — indagou ela em um tom de preocupação. Victor a soltou, tomando-a pela mão para conduzi-la até uma cadeira da varanda. Depois de sentar-se, puxou-a para seu colo.

— Meu filho, Vincent, não sobrevive de sangue embalado — anunciou ele. Ele tem uma anomalia qualquer que causa rejeição. Se precisar ingerir sangue dessa forma, acabará morrendo de fome.

— Pensei que os nanos curassem qualquer doença que tivéssemos.

— Alguma coisa que não esteja bem, transformando-nos em mais fortes, rápidos e saudáveis. Talvez essa anomalia de Vincent não seja considerada algo de mal que tenha de ser curado.

— Entendo... Como ele sobrevive, então?

— Ele tem de se alimentar diretamente da fonte.

— Ou seja, mordendo mortais.

— Isso mesmo.

Elvi ficou em silêncio, tirando conclusões.

— E ele herdou essa anomalia de você? Observei que durante essa semana que esteve aqui nunca o vi se alimentar. Certa noite ouvi inclusive D.J. se oferecer para acompanhá-lo em uma saída noturna. Não entendi na hora, mas agora faz todo o sentido. Deve ter sido por isso que você sumiu por uma hora quando estávamos na boate.

— Isso mesmo... Você se importa?

— Com o quê?

— Se eu morder outras mulheres?

— Ora, pode se alimentar de outros homens também, não é? Se quiser, pode me morder também — constatou ela, divertindo-se com a situação.

— Tem razão, mas as mulheres são sempre mais vulneráveis. Marion tinha ciúmes se eu mordesse mulheres.

— Quando Marion morreu, ainda não existiam os bancos de sangue. Ela também deve ter mordido para se alimentar.

— Acho que ela temia que eu encontrasse uma mulher atraente e...

— Confesso que ela não pensou como seria esquisito olhar para outra mulher e enxergá-la mais como um jantar do que qualquer outra coisa — comentou Elvi, rindo. — Pelo menos foi assim que senti. Victor, mesmo que ache outra pessoa bonita, sei que não fará nada com elas que não seja tomar-lhes o sangue. Sou sua alma gêmea, sua companheira para a eternidade. Não consigo vê-lo tentando ler outra mulher para comprovar nosso amor. Não fico nem um pouco insegura quanto a isso. Aliás, foi por isso que não havia me contado sobre sua anomalia até agora?

— Sim, além do fato de que poderia ficar chateada se nosso filho nascesse do mesmo jeito. Bastien diz que as chances são de cinquenta por cento de acontecer ou não. Seria algo como um estigma de cada um.

— Vamos deixar por conta do destino — ponderou ela. — Se acontecer, saberemos como lidar com o problema. Aliás, juntos enfrentaremos qualquer obstáculo. Eu te amo.

— Eu também te amo — declarou ele, abraçando-a. — Que sorte a minha de encontrar alguém como você.

— Não foi sorte. Foi por causa do anúncio de Mabel — lembrou ela em tom de brincadeira.

Victor riu e, juntos, subiram as escadas para o quarto.

— Estive pensando em viajar.

— É mesmo? Para onde? — perguntou ela, abrindo a porta para que ele pudesse passar, carregando-a no colo.

— Gostaria de ir até a Califórnia, encontrar com meu filho. Acho que está na hora. Mesmo porque acho que não será mais tão doloroso quanto foi um dia.

— Eu te amo, Victor Argeneau — sussurrou ela, enlaçando-o pelo pescoço.

— Eu te amo, Ellen Elvi Black Stone... Não vejo a hora de trocar seu nome para Argeneau.

— Vamos simplificar, me chame de "meu amor" — pediu ela baixinho, quando ele a deitou sobre a cama.